



Isaac Gomes Moraes de Souza

**Concordância verbal e a hipótese
do período crítico em Libras:
Um estudo teórico-experimental**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras/Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Cilene Aparecida Nunes Rodrigues
Coorientador: Prof. Josep Francisco Quer Villanueva

Rio de Janeiro
Dezembro de 2016



Isaac Gomes Moraes de Souza

**Concordância verbal e a hipótese
do período crítico em Libras:
Um estudo teórico-experimental**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Cilene Aparecida Nunes Rodrigues

Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Josep Francisco Quer Villanueva

Coorientador
ICREA/Barcelona

Profa. Erica dos Santos Rodrigues

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Ronice Muller de Quadros

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Profa. Monah Winograd

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
E Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2016.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, dos orientadores e da universidade.



Isaac Gomes Moraes de Souza

Graduou-se em Pedagogia, pelo INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), em 2012. No mesmo ano, graduou-se em Letras-Libras, bacharelado com ênfase em tradução e interpretação, pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Concluiu a especialização em 2014 em Educação de Surdos pelo INES.

Ficha Catalográfica

Souza, Isaac Gomes Moraes de

Concordância verbal e a hipótese do período crítico em Libras : um estudo teórico-experimental / Isaac Gomes Moraes de Souza ; orientadora: Cilene Aparecida N. Rodrigues ; co-orientador: Josep Francisco Quer Villanueva. – 2016.

150 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2016.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Língua Brasileira de Sinais. 3. Aquisição. 4. Período crítico. 5. Competência gramatical. 6. Concordância verbal. I. Rodrigues, Cilene Aparecida N. II. Quer Villanueva, Josep Francisco. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. IV. Título.

CDD: 400

Antes, cresci na graça e no conhecimento de Cristo.
A Ele seja a glória, agora e para sempre! Amém.
2ª Pedro 3:18

Agradecimentos

Ao longo da caminhada entendemos que não aprendemos sozinhos, nada é fruto do acaso, e que todas as coisas trabalham em conjunto para proporcionar o bem daqueles que amam a Deus. Faço neste momento meus agradecimentos a todos que me deram forças quando em senti fraco e abriram os meus olhos quando me senti forte demais. Agradeço à **Deus**, em primeiro lugar, pois sem Ele nada poderia fazer.

Sou grato por minha amada (e linda) esposa, **Natália Maia**, que pacientemente me motivou, que diligentemente me ofereceu a mão quando me senti preso em um poço escuro, que sofreu calada a minha ausência ao longo de minhas horas, dias, meses, anos a fio de estudo. A você, minha flor rara, meus sinceros agradecimentos.

Agradeço à minha amada mãe, **Denise Gomes**, que muito batalhou para me ver chegar até aqui. Sei que minha ausência muitas vezes a afetou, mas hoje podemos cantar essa vitória juntos. Obrigado por suas orações, conselhos e por me fazer o homem que hoje sou. Não posso, em hipótese alguma, deixar de dedicar mais uma conquista a você. Obrigado!

Agradeço, também à minha família, em especial aos meus irmãos, **David e Moisés**, ao meu padrasto, **Joelson**, e as minhas cunhadas, **Aline** e **Thais**. Obrigado por cada momento e por cada “*ele vai estudar...novidade!*” Vocês fazem a diferença na minha vida. De igual modo, agradeço aos meus mais novos familiares, meus sogros, **Afonso** e **Elizete**, e cunhados, **Cassia, Danielle** e **Francisco**. Obrigado pelo incentivo e compreensão em todas as horas. Sou grato a todos vocês!

Agradeço à minha orientadora, **Cilene Rodrigues**, que me conduziu até a concretização de um grande sonho e me incentivou a continuar a caminhada em busca de novos horizontes. Sou grato por cada debate, cada ‘puxão de orelha’, cada momento em que pacientemente me ouviu. Obrigado por me instruir e me indicar os caminhos para que eu pudesse chegar até aqui.

Ao meu coorientador **Josep Quer**, que prontamente me aceitou. Obrigado pelas orientações, pelos apontamentos e por sua prontidão em

auxiliar essa pesquisa a todo tempo. Obrigado pelo carinho e solicitude. Você foi uma peça fundamental para a conclusão desse trabalho. *Gràcies per les direccions!*

Não posso me esquecer de agradecer à **Comunidade Surda**. Sem ela esse trabalho seria inviável. Essa comunidade que me acolheu, mesmo eu sendo um ‘estranho no ninho’. Obrigado a todos os surdos e surdas que me incentivaram a continuar nessa jornada de conhecimento de seu mundo. Aproveito para agradecer, especialmente, aos **participantes voluntários da pesquisa**. Vocês foram essenciais para a conclusão deste trabalho. Dedico à essa comunidade meu ofício, minha amizade e essa dissertação.

Pelos ensinamentos, paciência e delicadeza, sou grato à **profª. Erica Rodrigues**. Em todos os momentos foi tão atenciosa e abdicava seus afazeres para contribuir com nosso trabalho e com minha aprendizagem. Obrigado, professora!

Aproveito, também, para fazer um ‘*grazie*’ à **Lena Pozzo** que com sua gentileza e delicadeza sempre esteve solícita para responder as minhas indagações e, quando necessário, investiu em buscas com afinco para achar as respostas. Precisamos de mais pessoas como você nesse mundo! *Grazie per l'aiuto!*

Agradeço ao **Prof. Daniel Mograbi** e seus orientandos, **Rodrigo Nascimento e Elodie Bertrand**, que gentilmente apoiaram nosso trabalho e nos auxiliaram na interpretação dos dados estatísticos. Obrigado pela parceria, pela solicitude e carinho. De igual modo, agradeço ao **Bruno Galasso à Eduarda Larrúbia**, que me ofereceram ferramentas estatísticas importantes, além da parceria e motivação. Sou agradecido, por demais, a todos vocês.

Faço um agradecimento especial aos meus amigos, **João Roque e João Paulo**, por ter me auxiliado com a revisão de Signwriting. Apenas as inspirações varginhense e catarinense poderiam contribuir com algo tão de outro mundo. Muito obrigado, meus amigos!

Aos meus queridos amigos do INES, em especial à equipe do SEF-1, sou ternamente agradecido. Obrigado por acreditarem em meu potencial, em investirem em mim e me incentivar dia a dia. Especialmente agradeço

à **Jaqueline** e **Luciana Andreia**, minhas queridas chefes. Vocês definitivamente foram um diferencial na minha vida, em especial nesse último ano. Obrigado pelo crédito, pelo carinho, por tudo!

Sou grato à **UFRJ**, em especial à equipe do curso de Letras-Libras, que me auxiliou e sempre estavam prontos para me receber e me oferecer o necessário para que os resultados dessa pesquisa fossem gerados. Serei, para sempre, grato a vocês.

Gostaria de agradecer de modo especial à **Chiquinha**. Não tenho palavras para descrever sua atenção, generosidade e paciência. Paciência, não! Amor. Ninguém faz o que você fez por mim e por tantos outros alunos da PUC-Rio se não tivesse amor pelo que faz. Obrigado por me orientar, me acalmar, me compreender e, quando necessário, 'puxar minha orelha'. O PPGEEL não seria o mesmo sem você!

Agradeço, por fim, mas não menos importante, à CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado. Obrigado, pelos investimentos feitos a mim e, conseqüentemente, aos estudos linguísticos sobre a Língua Brasileira de Sinais!

Muito obrigado!



Resumo

Souza, Isaac Gomes Moraes de; Rodrigues, Cilene Aparecida Nunes (orientadora); Quer, Josep Francisco Vilanueva (coorientador), **Concordância verbal e a hipótese do período crítico em Libras: Um estudo teórico-experimental**. Rio de Janeiro: 2016. 150p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Comunidades surdas são compostas por populações com alto nível de variabilidade de proficiência (NIEDLE et al, 2000), o que dificulta a estruturação de amostras de participantes para a obtenção de dados em estudos sobre a gramática internalizada (Língua-I) por falantes dessas comunidades. Tal variabilidade está relacionada diretamente à idade de aquisição de uma língua de sinais (LS), à qualidade e à quantidade do insumo linguístico recebido pelas crianças surdas no período de aquisição de linguagem. Em diversos estudos sobre LS, sinalizantes surdos filhos de pais surdos sinalizadores (SFPS) são considerados como 'nativos', ou seja, possuidores de competência gramatical plena (Chomsky, 1986). Todavia, devido à escassez de informantes SFPS, pesquisas têm ampliado a caracterização de sujeitos que, de fato, possuem conhecimento pleno da gramática de uma LS, incluindo também surdos filhos de pais não surdos (SFPnS) como informantes. Contudo, estudos evidenciam a que há um período sensível para a aquisição dos aspectos estruturais de uma gramática e, tal sensibilidade tende a ser reduzida gradativamente até o início da puberdade (Lenneberg, 1967). Assim sendo, parte-se da hipótese de que em Libras, SFPnS que tiveram exposição tardia à gramática não apresentam competência gramatical plena. Fazer a verificação dessa hipótese é o objetivo principal deste trabalho, que se caracteriza como um estudo teórico-experimental sobre competência morfossintática em Libras. O foco da pesquisa foi concordância verbal e o experimento consistiu em uma tarefa de julgamento de aceitabilidade, em que sinalizantes de Libras (20 SFPS e 45 SFPnS (15 com exposição à Libras antes dos 4 anos; 15 com exposição entre 5 e 7 anos; 15 com exposição a partir de 8 anos de idade)) do Rio de Janeiro julgaram a aceitabilidade de 32 sentenças/vídeos

alvos com uso de Escala Likert de cinco pontos, em que 1 = ruim e 5 = ótimo. Tomamos como variáveis independentes o tipo de concordância verbal (regular vs. reversa), verbo auxiliar (presença vs. ausência) e a manifestação morfológica da concordância (parcial (apenas com o objeto) vs. neutra (sem marca de concordância tanto com o sujeito como com objeto)). Os dados foram estatisticamente tratados (ANOVA com medidas repetidas) e os resultados interpretados à luz da Teoria Gerativa e da literatura sobre concordância verbal em língua de sinais. Os resultados não evidenciam nenhuma diferença muito marcada entre SFPS e SFPnS. Tanto SFPS como SFPnS possuem sensibilidade quanto ao tipo de concordância verbal (regular vs. reversa), apresentando uma preferência pela concordância regular, e menor preferência pela presença do verbo auxiliar mesmo quando a concordância verbal é neutra, como sugerido em Lourenço (2014). Contudo, SFPS apresentaram menor aceitação de sentenças com concordância verbal regular parcial na presença de auxiliar, como observado em Quadros e Quer (2008, 2010).

Palavras-Chave

Língua Brasileira de Sinais; Aquisição; Período Crítico; Competência Gramatical; Concordância Verbal

Abstract

Souza, Isaac Gomes Moraes de; Rodrigues, Cilene Aparecida Nunes (Advisor); Quer, Josep Francisco Vilanueva (co-advisor), **Verbal agreement and the critical period hypothesis in Libras: A theoretical-experimental study**. Rio de Janeiro: 2016. 150p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Deaf communities display high level of variability in language proficiency (NIEDLE et al, 2000), which makes it difficult to structure samples for studies about the Grammar (I-language) in sign languages (SL). Such variability is directly related to the age of acquisition, the quality and quantity of the linguistic input received by deaf children during the acquisition period. Deaf signers whose parents are also deaf signers (DsDsP) are considered to be native signers. That is, these signers are considered to have full grammatical competence (Chomsky, 1965, 1986) on their native languages. However, due to shortage of DsDsP informants, researchers tend to leave open the set of signers with full grammatical knowledge, including deaf signers with non-deaf parents (DsNonDsP) as informants in their research. Studies suggest, however, the existence of a sensitive period for the acquisition of the structural properties of any given grammar. This sensitivity tends to be gradually reduced until the onset of puberty (Lenneberg, 1967). Therefore, we should, by hypothesis, expect that DsNonDsP with late exposure to any SL, including Brazilian Sign Language (Libras), do not have the same grammatical competence as DsDsP. Investigating this hypothesis is the main goal of our research, a theoretical-experimental study on grammatical competence in Libras. We focused on the morphosyntax of verbal agreement in Libras and we conducted an acceptability judgment take, in which signers (20 DsDsP and 45 DsNonDsP (15 with exposure to Libras before 4 years; 15 with exposure between 5 and 7 years; 15 with exposure from 8 years old)) used a 5-point Likert Scale (1 = Not acceptable, 5 = fully acceptable) to judge 32 target sentences/videos. The independent variables were: type of verbal

agreement (regular vs. backwards), auxiliary verb (presence vs. absence) and morphological manifestation of agreement on the verb (partial (with the object only) vs. neutral (no agreement at all)). The data collected were statistically treated (ANOVA with repeated measures) and the results were analyzed taking into consideration the literature on language acquisition within Generative Grammar and the literature on verbal agreement in SL. The results did not show any strikingly difference between DsDsP and DsNonDsP. Both DsDsP and DsNonDSP seem to be sensitive to the type of verbal agreement, displaying a preference for regular verbal agreement and a lower preference for the presence of auxiliary verb even in sentences with neutral verbal agreement, in accordance with Lourenço (2014). However, DsDsP showed less acceptance of partial regular verbal agreement in the presence of auxiliary in accordance with (Quadros & Quer (2008, 2010).

Keywords

Brazilian Sign Language; Acquisition; Critical Period; Grammatical Competence; Verbal Agreement.

Sumário

1 O Porquê de Analisar a Competência de Falantes de Língua de Sinais	18
1.1 Introdução: Competência Plena e Período Crítico de Aquisição	19
1.2 Uma Investigação Teórico-Experimental de Concordância Verbal em Libras	23
1.3 Objetivos da Pesquisa	27
1.4 Organização da Dissertação	27
2 Pensando a Distinção entre Competência e Desempenho no Âmbito das Línguas de Sinais	28
2.1 Hipótese do Inatismo: Reposta para o Problema de Platão	28
2.2 Período Crítico/Sensível para a Aquisição da linguagem	32
2.3 A Noção de Competência Linguística	39
2.4 Caracterização da Competência em Estudos sobre Línguas de Sinais	45
2.4.1 Aquisição de uma Língua de Sinais dentro do Período Crítico	45
2.4.2 Aquisição de uma Língua de Sinais fora do Período Crítico	49
2.4.3 Compendo amostras para pesquisa em Línguas de Sinais	51
3 Sintaxe da Língua Brasileira de Sinais (Libras)	53
3.1 Línguas de Sinais: Princípios e Parâmetros	53
3.2 A Gramática de Línguas de Sinais: Propriedades Gerais	54
3.3 Libras: Aspectos Sintáticos	68
3.4 Concordância Verbal em Libras	73
3.5 A Categoria Auxiliar	78
4 Concordância Verbal: Investigando experimentalmente a competência de falantes de Libras	84
4.1. Testando experimentalmente a concordância Verbal em SFPs e em SFPnSs	84
4.2 Design experimental	85

4.3 Método experimental	87
4.4 Resultados	93
4.4.1 Resultados por grupo	93
4.4.2 Resultados entre grupos.....	103
4.5 Discussão.....	108
5 Considerações Finais.....	112
6 Referências bibliográficas	116
Anexos	132
Anexo 1: Sentenças do Experimento	132
Anexo 2: Folha de Resposta	136
Anexo 3: Folha de avaliação sociolinguística.....	141
Anexo 4: Termo de Compromisso Livre e Esclarecido.....	142
Anexo 5: Declaração de Participação	144
Anexo 6: Tabulação dos dados.....	145

Lista de Figuras

Figura 1: Uniformização dos estágios de aquisição (GRAY, 2007: 410)	31
Figura 2: Gráfico de comparação entre os grupos por idade de exposição de acordo com a modulação por verbos (SENGHAS & COPPOLA, 2001:326)	36
Figura 3: Gráficos de Médias de modulações espaciais por verbos com uso de referente-não-compartilhado (a) e uso de referente-compartilhado (b) produzidos pelos grupos de sinalizantes. (SENGHAS & COPPOLA, 2001)	37
Figura 4: Quadrinho “Gary Larson: Tarzan meets Jane”	41
Figura 5: Parâmetros fonológicos (STOKOE, 1960; STOKOE et al, 1965)	54
Figura 6: Configuração de Mãos da Libras (Ferreira-Brito, 1995:220)	56
Figura 7: Espaço de sinalização e áreas de articulação dos sinais(Quadros & Karnopp, 2004: 57)	56
Figura 8: Orientação da Palma da Mão (Marentette, 1995:204)	57
Figura 9. Verbo Auxiliar (QUADROS & KARNOPP, 2004: 165)	79
Figura 10 – aplicação do experimento na UFRJ	92

Lista de tabelas

Tabela 1: Previsão de Quadros & Quer (2010) e Lourenço (2014) por condição Experimental	88
Tabela 2: Descrição sociolinguística da amostra de participantes	89
Tabela 3: Resultado do teste de multivariáveis para o Grupo 1	94
Tabela 4: Resultado do teste de multivariáveis para o Grupo 2	96
Tabela 5: Resultado do teste de multivariáveis para o Grupo 3	98
Tabela 6: Resultado do teste de multivariáveis para o Grupo 4	100
Tabela 7: Resultado do teste de multivariáveis para o Grupo 5	102
Tabela 8: Teste-T para comparação entre os grupos SFPS e SFPnS1	104
Tabela 9: Teste-T para comparação entre os grupos SFPS e SFPnS2	105
Tabela 10: Teste-T para comparação entre os grupos SFPS e SFPnS3	105
Tabela 11 – Teste-T para comparação entre os grupos SFPS e SFPnS	106
Tabela 12: ANOVA (ONE-Way) para comparação entre grupos	106

Lista de gráficos

Gráfico 1: Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função do Tipo de Verbo de SFPS	94
Gráfico 2: Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função da categoria AUX de SFPS	94
Gráfico 3: Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função do Tipo de Verbo de SFPnS1	95
Gráfico 4: Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função da categoria AUX de SFPnS1	95
Gráfico 5: Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função da interação de Auxiliar e Tipo de Concordância de SFPnS1	96
Gráfico 6: Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função do Tipo de Verbo de SFPnS2	97
Gráfico 7: Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função do Tipo de Verbo de SFPnS3.	99
Gráfico 8: Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função da interação de Auxiliar e Tipo de Concordância de SFPnS3.	99
Gráfico 9: Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função do Tipo de Verbo de SFPnS.	101
Gráfico 10: Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função da categoria Auxiliar de SFPnS.	101
Gráfico 11: Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função da interação de Auxiliar e Tipo de Concordância de SFPnS.	101
Gráfico 12: Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função da interação do Tipo de Verbo e Tipo de Concordância de SFPnS.	102
Gráfico 13: Média das respostas relativas ao julgamento de gramaticalidade em função do Verbo Regular com concordância parcial na presença de Auxiliar.	104

"A língua é a chave para o coração de um povo. Se perdemos a chave, perdemos o povo. Se guardamos a chave em lugar seguro, como um tesouro, abriremos as portas para riquezas incalculáveis, riquezas que jamais poderiam ser imaginadas do outro lado da porta."

Eva Engholm (1965)

1

O Porquê de Analisar a Competência de Falantes de Línguas de Sinais

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a língua oriunda de Comunidades Surdas Brasileiras, conforme a Lei Federal Nº 10.436/02. Contudo, a denominada *Comunidade Surda* é composta por sujeitos que tiveram acesso a essa língua em diferentes fases da vida. Estudos em aquisição de linguagem apontam que quanto mais tardia for a idade de primeira exposição linguística, menores seriam as possibilidades de um sujeito obter uma aquisição plena da gramática dessa língua. Nesse sentido, tal comunidade se constitui, aparentemente, de grupos de surdos com competências gramaticais variadas.

A heterogeneidade das comunidades surdas brasileiras do conhecimento da gramática de sua língua tende a gerar entraves para as análises linguísticas que buscam se debruçar sobre a caracterização da gramática da Libras. O mesmo ocorre com estudos sobre outras línguas de sinais (doravante LS), considerando que a geração de dados linguísticos se dá a partir de participantes dessas comunidades e, portanto, deveria ser cuidadosamente observada. Contudo, diversos trabalhos de cunho teórico, em suas análises, pelo menos não explicitamente, não consideram essa possível flutuação entre os níveis de conhecimento gramatical dos falantes dessas línguas visuais, incorporando participantes surdos às amostras de pesquisas sem uma criteriosidade bem delineada. Nesse contexto que nosso estudo foi motivado: Se a idade de exposição à sua língua deveria ser adota como critério para uma linha de corte na composição de amostras de participantes surdos falantes de Libras.

Nosso trabalho se insere nessa realidade com o objetivo de verificar se a idade de primeira exposição à Libras acarretaria, de fato, interferências ao acesso pleno à gramática dessa língua, ou seja, se surdos cuja exposição aos insumos linguísticos ocorreu em diferentes fases da vida teriam acesso à gramática de modo semelhante à de um “nativo”, sujeitos com exposição precoce. Observamos, para isso, *vis-à-vis*, a competência

gramatical daqueles que consideramos *nativos*, surdos filhos de pais surdos (SFPS), e *não-nativos*, surdos filhos de pais não-surdos (SFPnS), a fim de investigar se os últimos poderiam, ou não, ser integrados ao grupo de informantes da gramática da Libras em estudos linguísticos.

Realizamos, portanto, um estudo teórico-experimental, tomando como tarefa um teste de julgamento de aceitabilidade, no qual os participantes aferiram uma nota (1 - 5) às sentenças de concordância verbal regular e reversa na presença e ausência da categoria Auxiliar em Libras. Optamos pelo fenômeno da concordância verbal por sua complexidade morfossintática, assumindo que esses traços gramaticais seriam observados, possivelmente, apenas por surdos com acesso pleno à gramática da Libras (i.e., nativos).

1.1.

Introdução: competência plena e período crítico de aquisição

Comunidades surdas são compostas por populações com alto nível de variabilidade de proficiência (MORFORD *et al*, 2015), o que dificulta a estruturação de amostras de participantes para a obtenção de dados em estudos sobre a gramática internalizada (Língua-I) por falantes dessas comunidades. Tal variabilidade está relacionada diretamente à idade de exposição a uma LS, a qualidade e a quantidade do insumo linguístico recebido pelas crianças surdas no período sensível de aquisição de linguagem, além do fator escolarização (NEIDLE *et al*, 2000).

No âmbito da teoria da gramática gerativa, considera-se que falantes expostos a uma língua X nos primeiros anos de vida são falantes nativos de X, ou seja, são dotados cognitivamente de conhecimento pleno e implícito da gramática de X. Assim, as investigações sobre língua-I (Chomsky, 1965, 1986) pressupõem a existência de uma competência linguística que é parte do sistema cognitivo dos falantes nativos.

Uma das questões principais no diálogo com a noção de competência linguística é a de existir um período em que a criança parece possuir maior sensibilidade para a aquisição de linguagem. Lenneberg (1967) argumenta que a aquisição de uma língua ocorre em um determinado período do

desenvolvimento, que se estende até o início da puberdade. Segundo o autor, esse período está relacionado ao processo de lateralização do cérebro, que se completa nessa idade. Portanto, a competência plena de uma língua X só ocorre quando a criança é devidamente exposta a dados linguísticos primários de X durante esse período sensível do desenvolvimento. A aquisição tardia de uma língua (i.e., depois do período crítico/sensível), embora seja possível, não possibilita uma competência plena, ou *nativa*, da gramática da língua adquirida (LENNEBERG, 1967; LIEBERMAN 1984). Esse fenômeno fundamenta-se pelo fato de que, após determinado período, os humanos perdem a maleabilidade neuronal necessária para a aquisição natural de uma língua. Estudos sobre a aquisição de segunda língua, inclusive, apresentam evidências, tanto sintáticas como fonológicas, para a existência de um período de maior sensibilidade para a aquisição de dados linguísticos (e.g. LIDDELL & JOHNSON, 1986; MAJOR, 1987).

Em diversas pesquisas sobre LS, sinalizantes surdos de segunda geração (isto é, filhos de pais surdos sinalizadores) são considerados como nativos (COSTELLO *et al*, 2008), ou seja, possuidores de competência plena, embora a noção de usuário nativo em uma LS ainda não esteja bem delineada na literatura. A própria caracterização de um período crítico para a exposição linguística para a consolidação da competência plena vem sendo problematizada e reconsiderada como janelas de sensibilidade específicas da linguagem que se fecham (ou ficam entreabertas) com o avanço da idade cronológica dos sujeitos. (MARTOHARDJONO & FLYNN, 1995; DEKEYSER, 2000; SCHWARTZ, 2004; HARLEY & WANG, 1997; LONG, 1990). Retomaremos essa discussão no capítulo 2.

Pesquisas que envolvem a comunidade surda brasileira se deparam com a mesma questão: a caracterização de quais sujeitos seriam, de fato, nativos, com conhecimento pleno de gramática da Libras. O que se nota em uma grande parcela dos estudos linguísticos sobre Libras é uma caracterização estendida do termo “falante nativo”, sendo considerados como sinalizantes nativos aqueles que se identificam como tal, embora tenham tido exposição tardia à língua. Essa caracterização se dá, muitas

vezes, pela não disponibilidade de sinalizantes SFPS, na comunidade de fala.

Estima-se na literatura acadêmica que de 5% a 10% da população das comunidades surdas sejam compostas por surdos filhos de pais surdos (SFPS) (NEIDLE *et al*, 2000). Contudo, Costello *et al* (2008) definem essa estimativa como um número mítico, uma vez que não reflete a realidade de todas as comunidades surdas do mundo, mesmo porque toma como base a população norte-americana. Os autores identificaram em sua pesquisa que no país Basco essa estimativa não se sustenta, pois, ao realizar um mapeamento geral, não foram encontrados nem mesmo 7 surdos de segunda geração.¹ No Brasil essa estimativa torna-se ainda mais frágil, tendo em vista que não temos indicadores demográficos precisos baseados em amostras bem delineadas de surdos sinalizantes.

Uma vez que a disponibilidade de participantes surdos nativos é evidentemente escassa, pesquisadores, como Rathman & Mathur (2008) e Orfanidou *et al* (2010), procuraram definir critérios para a incorporação de surdos filhos de pais não surdos (SFPnS) em amostras de pesquisa sobre a gramática de LSs, assumindo, como um dos critérios de corte um limite quanto à idade de exposição à língua, considerando os efeitos de sensibilidade à aquisição de linguagem. O que nos parece coerente, considerando que resultados de estudos experimentais em diferentes LSs evidenciam que a exposição tardia pode acarretar em diferenças (*vis-à-vis* nativos) quanto a percepção e categorização fonológica (HILDEBRANDT & CORINA, 2002 – *American Sign Language (ASL)*), ao acesso lexical (MORFORD & CARLSON, 2011 - ASL, DYE & SHIH, 2006 – *British Sign Language*) e ao processamento de estruturas sintáticas (BOUDREAU & MAYBERRY, 2006 - ASL).

A discussão sobre o termo competência linguística no âmbito da LS relacionada à questão do período crítico/sensível de primeira exposição, é, portanto, produtiva e importante para os estudos da linguagem (língua-l), podendo contribuir significativamente para um melhor entendimento sobre as etapas da aquisição e as janelas de sensibilidade linguística durante o

¹ O número esperado era de 40 a 75 de sinalizantes, já que a estatística foi feita com base em 750 surdos. Portanto, apenas 1% da amostra (7 surdos) era composta por surdos de segunda geração.

amadurecimento dos diversos componentes da gramática. Além disso, uma vez que a população de nativos em LS (especialmente em Libras) é mundialmente restrita, faz-se necessário averiguar se é possível considerar surdos filhos de pais não surdos (SFPnS) como informantes em pesquisas sobre competência gramatical nativa. Nota-se que os estudos que vem integrando esses sujeitos em pesquisas sobre a gramática de LS, em sua maioria, sem observar a variável idade de primeira exposição e seus possíveis desdobramentos para o desenvolvimento da competência gramatical plena.

Investigar essa questão é o objetivo principal do presente trabalho, que se caracteriza como um estudo teórico-experimental sobre Libras. Nossa meta é averiguar, com foco em julgamento de aceitabilidade de estruturas com concordância verbal, se sinalizantes filhos de pais não-surdos (SFPnS), com primeira exposição à Libras em diferentes idades, e sinalizantes surdos filhos de pais surdos sinalizantes (SFPS), com exposição precoce à gramática dessa língua, apresentam competência linguística semelhante. Seleccionamos, como fenômeno para compor o teste de aceitabilidade, estruturas com verbos denominados *verbos com concordância* (PADDEN, 1990) na interação com a categoria *auxiliar*, uma vez que apresentam aparente complexidade morfossintática² e que, possivelmente, apenas um nativo em Libras possuiria sensibilidade gramatical para identificá-lo. Portanto, acreditamos que essas estruturas deverão evidenciar uma possível diferença de aceitabilidade gramatical entre os grupos testados (SFPS e SFPnS).

Com base em estudos sobre a sensibilidade de aquisição de línguas orais, nossa hipótese inicial de trabalho é que o período da primeira exposição a Libras se apresentará como fator determinante na formação de uma competência nativa da gramática em questão, em especial no que tange à concordância verbal, foco de investigação do presente trabalho. Portanto, partimos da hipótese de que SFPnS não apresentam os mesmos julgamentos de aceitabilidade que SFPS quanto à concordância verbal.

² Tal complexidade será apresentada no capítulo 3.

1.2.

Uma investigação Teórico-Experimental de concordância verbal em Libras

Como mencionado, partimos da hipótese de que a exposição tardia à Libras afeta a competência gramatical dos sinalizantes. Assim, para nós SFPnS não deveriam apresentar os mesmos julgamentos de aceitabilidade que SFPS quanto à concordância verbal. Na testagem desta hipótese, utilizamos método experimental.

Os métodos de cunho experimental da Psicolinguística vêm sendo integrados aos estudos da teoria da gramática em um ramo de investigação muitas vezes denominado de *sintaxe (ou linguística) experimental*. A sintaxe experimental dedica-se ao uso de metodologia experimental para coleta de dados empíricos que servem de base para propostas teóricas. A ideia é que a metodologia experimental pode nos equipar com instrumentos mais refinados e estáveis para o peneiramento dos dados necessários na testagem de hipóteses teóricas. Além disso, essa escolha metodológica contribui para aproximar os diferentes níveis de investigação sobre a Língua-I: teoria da gramática, psicolinguística e neurolinguística (RODRIGUES 2010, KENEDY 2013, MAIA 2015).

Atualmente, raros são os estudos em Libras no Brasil de cunho experimental.³ Dias (2015) é um dos poucos exemplos de estudos dessa natureza. A autora realizou uma análise de caracterização teórica de construções de tópico em Libras, com base em três experimentos: teste de julgamento de aceitabilidade, produção induzida, rastreamento ocular. No entanto, a amostra de Dias não foi uniforme. Foram testados grupos diferentes de informantes (crianças ainda na primeira infância, adolescentes e jovens-adultos) por experimento, mas a variável idade de primeira exposição à língua não foi controlada. Embora a autora não seja explícita quanto a essa questão, conclui-se que os participantes da pesquisa eram surdos com idades e níveis de escolarização distintos em

³ Estudos de cunho teórico em LIBRAS (e.g. Lourenço 2014, Quadros 1999, Ferreira-Brito 1995), fazem uso de métodos não-experimentais (e.g. julgamento informal de dados empíricos com uso de escala binária) para coleta de dados. O mesmo ocorre em estudos de outras LS, Supalla (1995), Newkirk *et al.* (1980).

todos os experimentos, sendo que “a maioria declarou ter adquirido Libras na escola, enquanto alguns informaram ter entrado em contato com a língua também na igreja ou em ambiente caseiro, por meio de um familiar ouvinte que tenha aprendido Libras.” (DIAS, 2015:176).⁴

A pesquisa que aqui apresentamos visa a contribuir para os estudos da gramática, desenvolvendo uma investigação teórica-experimental sobre concordância verbal regular e reversa em Libras, tomando a idade de exposição à Libras como variável independente.

Como veremos em detalhe no capítulo 4, o experimento consistiu em um julgamento de aceitabilidade com uso de escala Likert de 5 pontos (1-5). Os informantes, surdos sinalizantes do Rio de Janeiro, julgaram sentenças/vídeos produzidos por sinalizante SFPS, e os dados obtidos foram estatisticamente tratados com medidas repetitivas (ANOVA).

Para compor o experimento, selecionamos como fenômeno linguístico de análise a concordância verbal em Libras. Os itens experimentais foram, portanto, sentenças com verbos com concordância regular ou reversa na presença ou ausência da categoria auxiliar (Aux). Contrastamos também, o tipo de concordância no verbo: concordância marcada com o objeto ou ausência de concordância.

Quadros (1999) e Lourenço (2014) observam que verbos que engatilham concordância (i.e., verbos não simples) podem apresentar tanto concordância cheia (concordância com o sujeito e com o objeto) como concordância parcial (concordância apenas com o objeto). Portanto, a concordância com o objeto é, no caso dos verbos regulares e reversos, uma marcação obrigatória.

Observe, ainda, que a presença do Auxiliar (Aux) muda a ordem sintática de SVO para SOV. No entanto, ainda não há consenso na literatura sobre a natureza do item Aux. Para Quadros & Quer (2008, 2010), a categoria Aux é a pura marcação de concordância, enquanto para

⁴ Morford, Nicodemus e Wilkinson (2015) apresentam tabelas extensas de trabalhos experimentais em acesso lexical, percepção, produção e processamento gramatical em diferentes LS (*American Sign Language* (ASL), *British Sign Language* (BSL), *Catalan Sign Language* (LSC), *Spanish Sign Language* (LSE), *Swiss German Sign Language* (DSGS), *German Sign Language* (DGS)). No entanto, nem todos esses trabalhos levam em consideração a questão da idade de primeira exposição de seus informantes.

Lourenço (2014), Aux é uma marca de topicalização, e não um marcador de concordância⁵. Na ausência de Aux, todos os autores concordam que a ausência total de concordância (falta de concordância com o objeto e o sujeito) é inaceitável. Portanto, os itens das condições [Verbo Regular, -Aux, NoConc] e [Verbo Reverso, -Aux, NoConc] devem receber valores baixos na Escala Likert utilizada. No entanto, na presença de Aux, a análise de Quadros & Quer (2008, 2010) contrasta com a de Lourenço (2014). Dado que, para Quadros e Quer (2008, 2010), o Aux marca concordância, sentenças em que a concordância não for marcada no verbo, mas, em Aux, devem ser consideradas aceitáveis pelos falantes de Libras. Para Lourenço, no entanto, essas sentenças devem ser inaceitáveis, pois, para o autor, Aux não seria um marcador de concordância, mas, sim, um marcador duplo de tópico, e, portanto, a ausência de concordância no verbo é o mesmo que ausência total de concordância. Assim, esses autores fazem previsões diferentes sobre a aceitabilidade dos itens experimentais apresentados nas condições [Verbo Regular, +Aux, NoConc] e [Verbo Reverso, +Aux, NoConc]. Enquanto Quadros & Quer (2008, 2010) prevêem que esses itens devem ser julgados como aceitáveis, Lourenço (2014) prevê a não aceitabilidade dos mesmos. Nossa pesquisa deve possibilitar, inclusive, a verificação das previsões desses autores, contribuindo, portanto, para um melhor entendimento empírico do papel sintático de Aux em Libras: Aux como marcador de concordância verbal (Quadros & Quer, 2008, 2010) ou como marcador de tópico (Lourenço, 2014).

Participaram do experimento 65 sinalizantes de Libras. Desses, 20 eram surdos filhos de pais surdos sinalizantes (SFPS) com exposição precoce à gramática da Libras e 45 eram surdos filhos de pais não-surdos não sinalizantes (SFPnS) com diferentes idades de primeira exposição à essa língua. O segundo grupo foi dividido em subgrupos com base na idade de primeira exposição à Libras, formando os seguintes agrupamentos:

- SFPnS1: primeira exposição de 2 a 4 anos (15 participantes)

⁵ O autor propõe, ainda, que, por ser um marcador de tópico indexical, essa categoria deveria ser gravafada como <_aIX_b> ao invés de _aAUX_b.

- SFPnS2: primeira exposição de 5 a 7 anos (15 participantes)
- SFPnS3: primeira exposição de 8 anos em diante (15 participantes)

Todos os participantes foram expostos a sentenças (i.e., vídeos de sentenças) sinalizadas por um sinalizante SFPS. A tarefa do participante era julgar cada sentença, atribuindo uma nota de 1 (= ruim) - 5 (= ótimo), marcando suas atribuições em uma folha de respostas (Anexo 2).

Os resultados, como veremos em detalhes no capítulo 4, não apresentaram poder estatísticos forte o suficiente para assumirmos nossa hipótese (H_1) e rejeitar a hipótese nula (H_0). Portanto, não rejeitamos a H_0 (i.e., SFPS e SFPnS, independentemente da idade de aquisição, não apresentam diferença na competência gramatical quanto à concordância verbal). Contudo, nosso trabalho, embora não a tenha rejeitado, não comprova a H_0 . Entretanto, foi evidenciado em nossos resultados uma tendência de SFPS quanto à baixa aceitação da condição [Verbo Regular, +Aux, OBJConc], indo ao encontro da análise empírica de Quadros & Quer (2008, 2010), contra Lourenço (2014).

Os resultados estão consoantes as análises de cunho experimental em LS que, contrariando nossa hipótese inicial, não encontraram, também, evidências estatísticas quanto a diferença entre grupos de SFPS e SFPnS. Richards e Hanson (1985) realizaram uma análise experimental entre SFPS e SFPnS falantes de *American Sign Language*, com 10 participantes em cada grupo, a fim de verificar se ambos grupos julgariam similarmente tipos de configuração de mãos. Os autores concluíram que não foram encontradas diferenças entre a experiência linguística e a performance dos grupos testados. De igual modo, Orfanidou *et al.* (2009) realizaram uma tarefa de sign-spotting, objetivando verificar se 'nativos' e 'não-nativos' aceitariam sinais agramaticais (impossíveis) a partir de estímulos experimentais apresentados. A tarefa contou com 34 surdos nativos (expostos à *British Sign Language* – BSL – antes dos 5 anos de idade), 13 surdos que aprenderam a BLS ainda na infância e 13 surdos que aprenderam na adolescência. Os resultados não evidenciaram efeitos quanto à idade de aquisição entre os sujeitos testados, como o esperado.

1.3.

Objetivos da Pesquisa

Os objetivos da pesquisa foram:

- Averiguar experimentalmente a competência gramatical de falantes de Libras com diferentes idades de primeira exposição à gramática da língua, relativamente à concordância verbal.
-
- Verificar a partir dos resultados obtidos qual proposta teórica para a concordância em Libras tem melhor cobertura empírica, se a de Quadros & Quer (2008, 2010) ou a de Lourenço (2014).

1.4.

Organização da Dissertação

Esta apresentação da nossa pesquisa se organiza da seguinte maneira: no capítulo 2, abordamos o conceito de Competência Gramatical à luz da teoria gerativa, nos debruçando sobre a evolução desse conceito nos estudos da linguagem em contraposição ao conceito de Desempenho. O capítulo 3 é destinado à descrição de aspectos importantes para a nossa pesquisa, especialmente as particularidades relevantes para a caracterização da concordância verbal em Libras, tomando como base a teoria de Princípios e Parâmetros. No capítulo 4, apresentamos o experimento por nós realizado, detalhando a metodologia utilizada, o design experimental, o tratamento estatístico e os resultados obtidos. Discutiremos também, as consequências teóricas das nossas conclusões. Dedicamos o capítulo 5 às considerações finais, e nele apontamos os desdobramentos futuros da pesquisa realizada. Em anexo, encontram-se o experimento em sua íntegra, as folhas de respostas para a coleta dos dados, além do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) utilizado na pesquisa.

2

Pensando a Distinção entre Competência e Desempenho no Âmbito das Línguas de Sinais

Neste capítulo, discutiremos o conceito de *competência linguística* em contraposição ao de *desempenho* à luz da Teoria da Gramática Gerativa. Apresentaremos, também, brevemente a constituição linguística da comunidade surda brasileira, justificando a realização de investigações sobre a competência linguística dentro dessa comunidade.

2.1.

Hipótese do Inatismo: Reposta para o Problema de Platão

Para que se possa compreender a concepção de falante nativo, faz-se necessário retomar alguns conceitos de base, como o de competência linguística. Para isso, apresentaremos como esse conceito é definido dentro da Teoria Gerativa.

A ideia de que conhecimento pode ser inerente ao ser humano data de antes de Cristo, nos diálogos filosóficos da Grécia antiga, e o inatismo linguístico tem, de certa maneira, seus fundamentos lançados em Platão (428/427 - 348/347 a.C.) com o *Paradoxo de Ménon*. Em seu diálogo, Ménon questiona a Sócrates sobre a possibilidade de investigar algo que não se conhece: se não se sabe o que é, como é possível ter ciência de que se precisa saber o que é esse algo? Conforme Marcondes (2007), Platão considera que na alma estão contidas impressões, conhecimentos, anteriores ao mundo material e que, ao o encarnarmos, a alma traria consigo a visão de formas obscurecidas de sua experiência anterior. O filósofo grego questiona a capacidade do homem, ser limitado, de adquirir conhecimento em meio a experiências fragmentadas com o mundo, mas mesmo assim construir esse conhecimento de forma rápida e precisa, mesmo sendo exposto a evidências incompletas e inconsistentes. O questionamento platônico ficou conhecido como o *problema de Platão*,

amplamente discutido em Chomsky (1986), que o aplica à capacidade humana de adquirir linguagem.

Language poses in a sharp and clear form what was sometimes called “Plato’s problem”, the problem of “poverty of stimulus”, of accounting for the richness, complexity and specificity of shared knowledge, given the limitations of the data available. This difference of perception concerning where the problem lies - overlearning or poverty of evidence - reflects very clearly the effect of the shift of focus that inaugurated the study of generative grammar. (Chomsky, 1986: 7) ⁶

O problema de Platão casa-se com o problema lógico da aquisição da linguagem, que é entender como a partir de uma exposição a *inputs* finitos, o falante se torna portador de uma gramática capaz de gerar um número infinito de pares de som e significado (CHOMSKY, 1986). Para dar conta dessas duas questões pertinentes à aquisição (i.e., o estímulo é não uniforme, é fragmentado e não apresenta todas as pistas necessárias sobre a arquitetura gramática materna), a *Gramática Gerativa* parte da hipótese nuclear de que a linguagem é um sistema computacional capaz de derivar/tecer pares de *som* e *significado* de maneira recursiva. Esse sistema é o que chamamos de Língua-I, componente da cognição humana, que pode ser definido como um processo computacional de concatenação de traços linguísticos (HAUSER, CHOMSKY & FITCH, 2002, CHOMSKY, 2005).

Essa visão de linguagem, tem, portanto, o pressuposto de que a base geral de toda gramática é inata. ⁷ Ao nascer, a criança já está equipada com um aparato computacional específico para linguagem. Esse componente é universal e uniforme para todos os indivíduos. A exposição aos dados linguísticos primários nos primeiros anos da infância faz com que haja um desenvolvimento desse aparato a fim de incluir, além dos universais linguísticos (princípios, ou ainda, parâmetros fechados), os

⁶ A linguagem apresenta de forma nítida e clara o que, às vezes, se chamava de "problema de Platão", ou problema da "pobreza de estímulo", de contabilização da riqueza, complexidade e especificidade do conhecimento compartilhado, dadas as limitações dos dados disponíveis. Esta diferença de percepção sobre onde o problema reside - superaprendizagem ou pobreza de evidência - reflete muito claramente o efeito da mudança de foco que inaugurou o estudo da gramática generativa. (Chomsky, 1986, p. 12, tradução minha)

⁷ Para uma crítica a hipótese do inatismo, ver Cowie (1999), Pullum & Scholz (2002), Scholz & Pullum (2002).

parâmetros (abertos), restrições combinatoriais específicas da língua cuja aquisição está em curso. Portanto, adquirir uma determinada gramática implica em determinar corretamente os parâmetros daquela gramática. Esse é um processo de aquisição natural e inconsciente que culmina na posse de conhecimento linguístico implícito. Por exemplo, um sinalizante de Libras tem conhecimento implícito do sistema de concordância da língua, e intuitivamente sabe que certos verbos (chamados de verbos simples) não manifestam concordância morfossintática com seus argumentos, ao passo que outros verbos podem apresentar concordância cheia, concordando tanto com o sujeito quanto com o objeto, sendo, no entanto, opcional a concordância com sujeito.⁸

A Gramática Gerativa sugere, portanto, que, diferentemente dos outros animais (incluindo os primatas não-humanos), o Homem possui uma capacidade biológica inerente e específica para adquirir e desenvolver linguagem. Essa capacidade se configura como parte da nossa carga genética, que nos habilita, pré-nascimento, a retirar do *input* externo (i.e., dados linguísticos primários) generalizações específicas sobre a estruturação linguística da nossa língua materna. Com esse aparato genético, uma criança adquire uma gramática (ou gramáticas no caso de bilinguismo) de maneira plena ainda na primeira infância, independentemente de raça, credo, localidade e condição socioeconômica.

Nos primeiros anos de vida, a criança amplia seu repertório de palavras rapidamente. Uma criança aos dois anos de idade conta com um vocabulário cerca de 400 palavras, entre dois anos e meio e três anos, 900 palavras, entre três anos e três anos e meio 1200 palavras, por volta dos 4 e 5 anos seu vocabulário se entende para 1900 palavras (GROLLA & FIGUEIREDO-SILVA, 2014). Mas não se observa apenas um crescimento exponencial do léxico, mas também um domínio cada vez mais efetivo das possibilidades e restrições impostas ao sistema combinatorial da língua materna. Por exemplo, por volta de 4 anos, as crianças apresentam competência sintática mesmo para estruturas complexas como aquelas

⁸ Esse sistema de concordância da LIBRAS será apresentado na seção 3.3 do capítulo 3, o qual se destina a apresentar de maneira geral as escolhas paramétricas da Gramática de Libras que são importantes para a pesquisa que apresentamos aqui.

envolvendo recursão e dependência sintático/semânticas criadas por deslocamento (DE VILLIERS, 2007; GROLLA & FIGUEIREDO-SILVA, 2014).

Dados translinguísticos de aquisição mostram que há uma universalidade e uma uniformidade no processo de aquisição de linguagem. Tal observação faz-se ainda mais robusta quando se observa que as etapas de aquisição são seguidas também por crianças surdas, aprendendo LSs (LILLO-MARTIN, 1999; NEWPORT & MEIER, 1995; PETITTO *et al*, 2001). A ilustração abaixo, retirada de Gray (2007), faz referência a uniformização dos estágios da aquisição em LS. Isto é, crianças expostas desde o nascimento a uma língua de sinais, passam pelos mesmos estágios observados durante a aquisição de línguas orais.⁹

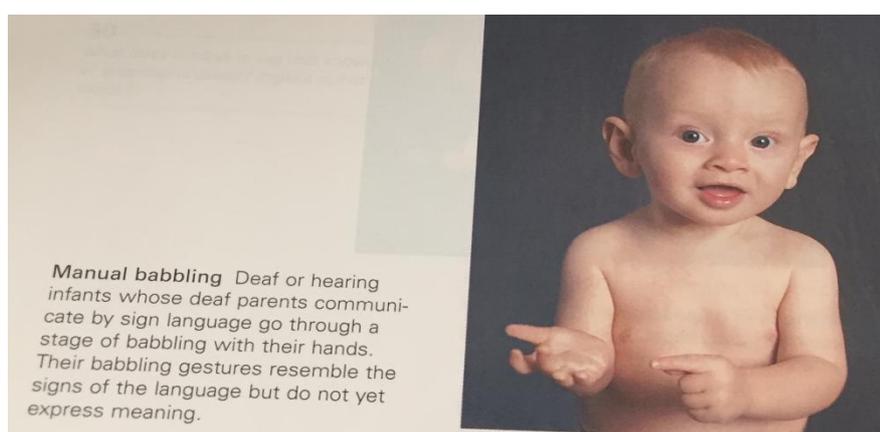


Figura 1: Uniformização dos estágios de aquisição (GRAY, 2007: 410)

Observa-se, porém, que essa uniformização do processo de aquisição depende da estabilidade da exposição aos dados linguísticos primários e da idade em quem essa exposição ocorreu. Por isso, postula-se a existência de um período crítico (ou período de sensibilidade) para a aquisição da linguagem.

⁹ Revisaremos esta questão na seção 2.4.

2.2.

Período Crítico/Sensível para Aquisição da Linguagem

A hipótese de um período crítico na aquisição da linguagem foi primeiramente postulada por Penfield & Roberts (1959) e posteriormente refinada em Lenneberg (1967).¹⁰ Lenneberg, baseando-se em evidências neurológicas (afasias por traumas, lobotomia e síndrome de down), notou que lesões ou problemas neurofisiológicos no hemisfério direito implicam em problemas de linguagem em crianças, mas, não em adultos. Como base nisso, concluiu que nos primeiros anos de vida ocorre no cérebro uma gradual especificação das áreas responsáveis pelas funções da linguagem, que vão gradualmente se fixando no hemisfério esquerdo. Essa gradual lateralização das funções da linguagem ocorre na infância e, enquanto essa lateralização está em curso, a criança estria apta a aprender qualquer língua. No entanto, no início da puberdade, quando a lateralização se completa, a criança/adolescente passa a obter menor sensibilidade ao *input* linguístico. Isto é, a exposição tardia aos dados linguísticos primários de uma dada língua teria efeito reduzido na modelagem da gramática que está sendo adquirida e, conseqüentemente, no desenvolvimento da Língua-I.

Há na literatura sobre aquisição da linguagem uma ampla discussão sobre o uso do termo *período crítico*, em seu viés maturacional, proposto por Lenneberg (1967). Autores como Bylistok & Hakuta (1999), argumentam que, no caso da linguagem, o termo mais adequado para caracterizar essa fase seria *período de sensibilidade*, considerando que a inviabilidade de se adquirir/aprender uma língua não se dá de modo estanque entre períodos ou fases da vida, ou seja, não seria essa uma habilidade irreversível após o início da puberdade, contudo, se torna reduzida após essa etapa do desenvolvimento (BIRDSONG, 2005). Nesse sentido, é importante observar que há uma gradual redução da sensibilidade aos *inputs* linguísticos ao longo da infância, em que janelas de sensibilidade de domínios específicos da linguagem tendem a se fechar

¹⁰ O termo período crítico foi empregado pela primeira vez em pesquisas na área de etologia sobre *imprinting* (apego) filial (Lorenz, 1981)

(SELIGER, 1978), como a sensibilidade à fonologia (OYAMA, 1976; SELIGER et al., 1975) e à sintaxe (PATKWOSKI, 1980; RUBEN, 1997).

Quando a exposição aos gatilhos externos necessários para o desenvolvimento dessas funções, ocorre, ainda na primeira infância, o processo com baixo custo ao aprendiz, ocorrendo de modo inconsciente. No entanto, fora desse período, tal amadurecimento torna-se mais custoso, ocorrendo de modo consciente, exigindo um esforço mental maior do aprendiz. Assim, afirma-se que crianças expostas tardiamente a uma língua não se tornariam falantes plenos daquela língua. Esses estudos contribuem com nossa hipótese de que sujeitos surdos com acesso à Libras tardiamente podem apresentar uma competência gramatical distintas aqueles que tiveram acesso a um *input* linguístico desde o nascimento. Portanto, em nosso trabalho optamos pelo termo *período de sensibilidade* para definir o período de aquisição de uma língua observado na infância/adolescência.

O caso mais estudado de aquisição tardia, talvez, seja o de Genie (CURTISS, 1977). Nascida em 1957 na Califórnia, Estados Unidos, Genie foi mantida pela família em situação de isolamento social e de completa privação a *inputs* linguísticos. Em 1970, aos treze anos de idade, ao ser encontrada aos pelo serviço de assistência social da Califórnia, Genie não apresentava nenhum comprometimento físico ou mental que explicasse sua severa deficiência linguística. No entanto, nos anos que se seguiram, apesar da intensa terapia linguística recebida de fonoaudiólogos e de linguistas, Genie não conseguiu adquirir nem a gramática de língua oral Inglesa nem da língua de sinais que tentaram ensiná-la. Embora fosse capaz de pronunciar com dificuldade motora expressões como *play kitchen*, *cow tongue meat* and *Judy my finger caught door*, Genie não possuía a habilidade de combinar itens lexicais em estruturas sintáticas, o que ficou evidenciado pela ausência de itens funcionais em sua fala. Curtiss e a equipe de linguistas que acompanharam o caso concluíram que a aquisição de uma gramática não foi possível porque a sensibilidade de Genie para a aquisição da linguagem havia sido reduzida. As Tomografias do cérebro durante o tratamento linguístico também evidenciaram que ela usava o hemisfério direito do cérebro para produzir e compreender linguagem.

Portanto, o caso Genie é uma das evidências mais expressivas da hipótese de que na infância há uma janela de oportunidade que torna a criança mais sensível à aquisição de uma dada língua.

Embora o caso Genie seja bastante comovente por se tratar de uma criança que sofreu abuso mental e físico, existem outros casos expressivos de processos incompletos de aquisição da linguagem, especialmente no âmbito das LS. A criação da Língua de Sinais da Nicarágua é um exemplo e nos fornece informações relevantes e complexas sobre a aquisição de LS.

Nos anos 70, quando o governo sandinista entrou no poder na Nicarágua, houve um movimento para a alfabetização da população nacional. Nessa ocasião, formou-se a comunidade surda da Nicarágua. Antes disso, a surdez era vista como um problema e os surdos viviam isolados uns dos outros, o que bloqueava a criação de um sistema linguístico comum aos membros da comunidade. Casamentos entre surdos também não eram comuns e, portanto, filhos de surdos eram raros. A maioria das crianças surdas crescia em famílias de ouvintes que apenas se utilizavam da língua oral. Como consequência, essas crianças permaneciam sem uma língua e acabavam por fazer uso de um sistema inconsistente de sinais caseiros (SENGHAS, 1997). Em 1977, foi criada em Managua a primeira escola para surdos. A escola abriu com 25 alunos, mas, em 1979, contava com mais de 100 alunos e, em 1980, abriram também uma escola de habilidades vocacionais para adolescentes surdos. Assim em 1983, eram 400 alunos surdas frequentando as escolas. O método de ensino usado por essas escolas tinha como objetivo ensinar as crianças a leitura labial do espanhol e também a sinalizar palavras. Esse método não se apresentou bem-sucedido, já que as crianças não davam conta de utilizar, de maneira sistemática, o que estavam aprendendo. No entanto, quando juntas, as crianças utilizavam um sistema de sinais novo, incorporando os sinais caseiros que usavam fora da escola. Esse sistema era precário e não representava uma gramática completa e sistematizada, podendo ser comparado a um *pidgin*. Porém, no final dos anos oitenta, quando expostas ao “pidgin” criado pela primeira geração de estudantes, as novas gerações de alunos surdos adicionaram uma nova camada no

desenvolvimento da gramática que estava sendo gestada. Desta nova geração de sinalizantes, emergiu um sistema gramatical sistematizado, estruturado.

Senghas & Coppola (2001) apresentam um estudo experimental bastante interessante sobre a modulação espacial em vinte e quatro sinalizantes da Língua de Sinais da Nicarágua, com idade variando entre sete e trinta e dois anos. Estes sinalizantes foram divididos em dois grupos com base no período da primeira exposição à língua: Grupo 1, com primeira exposição até 1983, e Grupo 2, com exposição depois de 1983. Além disso, os participantes de cada grupo foram divididos em subgrupos dependendo da idade em que foram expostos pela primeira vez à língua. Os seguintes subgrupos foram considerados: (a) exposição precoce: até os seis anos e 6 meses; (b) exposição média: de seis anos e seis meses até dez anos; (c) exposição tardia: depois dos dez anos. Nas LSs, geralmente, a modulação espacial é usada para indicar relações gramaticais, como traços de pessoa e número, e as relações estruturais entre o verbo e seus argumentos (objeto e sujeito), ou carregam informações temporal ou locativa. De acordo com os autores, a modulação espacial pode ser usada gramaticalmente para compartilhamento de referência (i.e., relações sintático-semânticas). Por exemplo, se os sinais COPO e GRANDE são modulados no mesmo espaço, então o predicado *grande* se aplica a *copo*. Os achados indicam que a etapa de desenvolvimento da língua (grupo 1 vs. grupo 2) e a idade de primeira exposição à língua têm consequências para a aquisição de modulação espacial como codificação gramatical de compartilhamento de referência. O segundo grupo de sinalizantes produziu mais modulação espacial do que o primeiro grupo e, quanto mais cedo a exposição à língua, mais modulação espacial se observou, de tal modo que sinalizantes com exposição precoce produziram mais modulação espacial que falantes com exposição média e tardia, como nos mostram os gráficos abaixo (SENGHAS & COPPOLA, 2001:326). Observa-se que sinalizantes com exposição tardia fazem pouco uso da modulação espacial mesmo aqueles que pertencem ao segundo grupo de sinalizantes.

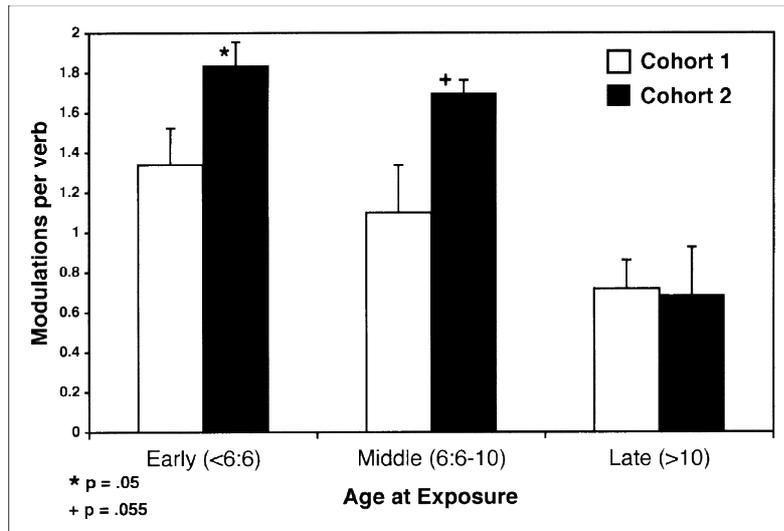


Figura 2: Gráfico de comparação entre os grupos por idade de exposição de acordo com a modulação por verbos (SENGHAS & COPPOLA, 2001:326)

Esses resultados claramente indicam que idade de exposição têm consequência para a aquisição da gramática, como sugere a hipótese do período crítico.

Senghas & Coppola (2001), em um segundo momento, analisaram também os contextos linguísticos e concluíram que no segundo grupo, em contraste com o primeiro, as modulações espaciais eram usadas com mais frequência como codificação gramatical de referente compartilhado, como mostram os gráficos abaixo.

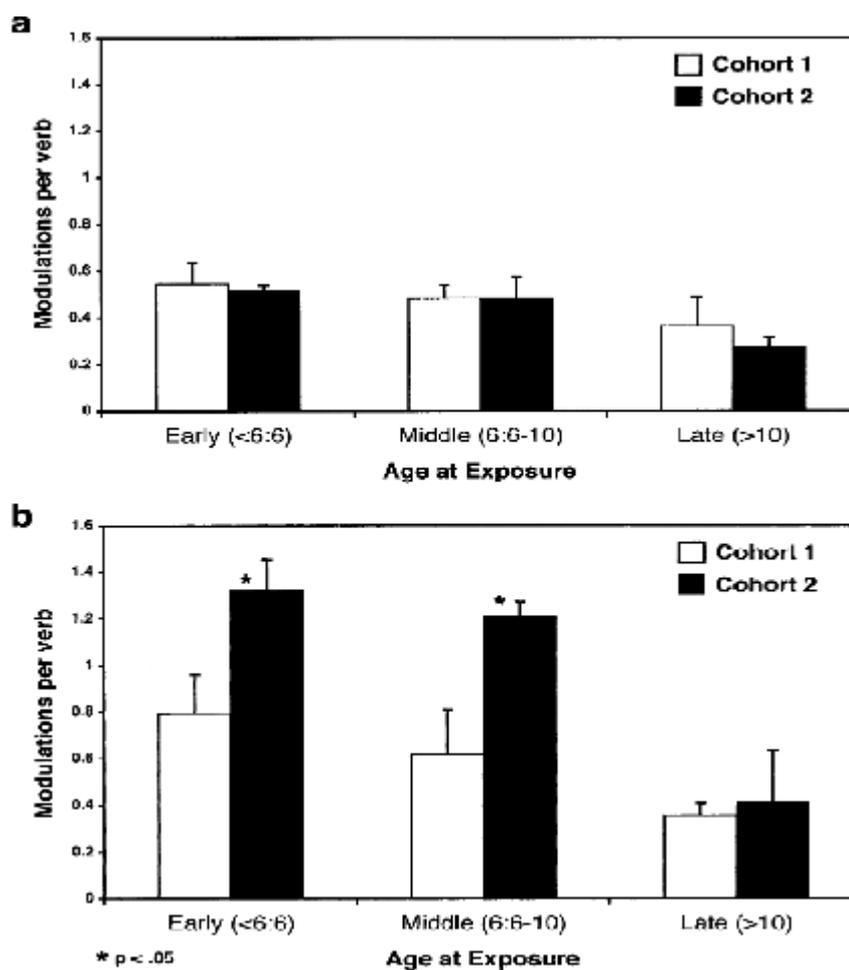


Figura 3: Gráficos de Médias de modulações espaciais por verbos com uso de referente-não-compartilhado (a) e uso de referente-compartilhado (b) produzidos pelos grupos de sinalizantes. (SENGHAS & COPPOLA, 2001)

Portanto, os resultados da investigação de Senghas & Coppola (2011) nos mostram também que no processo de formação *ab initio* de uma língua, as gerações de falantes/sinalizantes vão sedimentando a gramática. A geração sucessora adiciona camadas de informações gramaticais à gramática da geração predecessora. A idade de exposição também tem uma consequência nesse processo de gramaticalização da língua. Como os gráficos acima mostram, quanto mais cedo a criança for exposta ao sistema linguístico mais apta ela estará para promover a gramaticalização do sistema.¹¹

Contudo, outros estudos não identificaram distinção no fenômeno linguístico analisado entre as idades de aquisição de uma LS. Os

¹¹ Para uma discussão sobre o período crítico da aquisição em LS, ver também Newport (1990) and Mayberry et al (2002).

resultados do nosso trabalho estão consoantes à algumas análises de cunho experimental em LSs que, contrariando nossa hipótese inicial, não encontraram, também, evidências estatísticas quanto a diferença entre os grupos de SFPS e SFPnS. Richards & Hanson (1985) analisaram a natureza da similaridade das 26 configurações de mãos em American Sign Language que representam as 26 letras do alfabeto adotadas pela língua inglesa escrita. Foram realizados dois experimentos com 20 sujeitos com surdez adquirida no período pré-linguístico, sendo 10 desses com acesso à ASL desde o nascimento, por terem pais surdos, diferentemente dos outros 10 participantes com primeira exposição à língua entre 6.2 anos e 18.7 anos de idade, contudo, todos com, no mínimo, 13 anos de inserção na comunidade surda. No primeiro experimento, os participantes retiraram aleatoriamente cartões com as configurações de mão e empilhavam nas letras correspondentes. O segundo teste foi um julgamento de similaridade, em que os participantes deviam agrupar os cartões de configuração de mão de acordo com a similaridade entre elas. Não foram encontradas diferenças entre a experiência linguística e a performance nos grupos testados, nativos e não-nativos. Como resultado, os autores concluíram que a caracterização da similaridade da configuração das mãos independe da sua modalidade.

De igual modo, Orfanidou *et al.* (2009) realizaram uma tarefa de sign-spotting, objetivando verificar se ‘nativos’ e ‘não-nativos’ aceitariam sinais agramaticais (impossíveis) a partir de estímulos experimentais apresentados. A tarefa contou com 34 surdos nativos (expostos à *British Sign Language* – BSL – antes dos 5 anos de idade), 13 surdos que aprenderam a BSL ainda na infância e 13 surdos que a aprenderam na adolescência. Os resultados não evidenciaram efeitos quanto à idade de aquisição entre os sujeitos testados, como o esperado.

Em resumo, o processo de aquisição de uma gramática, independente das modalidades de internalização, indica que crianças possuem uma sensibilidade cognitiva própria para a aquisição da linguagem. Esta sensibilidade sugere que certas informações de ordem linguística são definidas biologicamente, sendo codificadas de alguma maneira como parte da carga genética da espécie. Ao nascer, a língua

interna de uma criança contém informação gramatical, que precisa se desenvolver, amadurecer para se tornar um sistema gramatical pleno. Para isso, uma exposição adequada a dados de uma determinada língua é fundamental. Quando o sistema se forma plenamente, o falante/sinalizante passa a ter uma competência gramatical plena na sua língua materna.

2.3.

A Noção de Competência Linguística

Noam Chomsky foi o primeiro linguista a utilizar o termo “competência linguística” para se referir a essa capacidade humana para a linguagem, em 1962, durante sua apresentação na plenária do *Nono Congresso Internacional de Linguistas* (NEWMAYER, 1996). Contudo, o conceito é formalizado em 1965 em sua publicação “*Aspects of the Theory of Syntax*”. O autor define a competência como conhecimento pleno de um sistema de regras que governa um conjunto de sentenças que os falantes-ouvintes de uma dada língua consideram intuitivamente como bem formadas. Ela seria, inclusive, responsável por gerir a capacidade criativa de um nativo (HAMAD, 2004:174). Em outras palavras, a competência é “*um rico sistema inato que guia o processo de construção gramatical*” (HORNSTEIN, 1998).

Chomsky (1965, 1981, 1986) afirma que há uma distinção concreta entre competência e desempenho. A competência linguística é o conhecimento gramatical implícito que um falante nativo possui de sua língua. Diferentemente, o desempenho, ou performance, é caracterizado como tal conhecimento é posto em *uso* efetivo em contextos reais de enunciação. A performance, do falante de uma dada língua envolve questões para além da gramática, como fatores físicos, cognitivos, sociais e contextuais. Deste modo, “*ela não pode refletir diretamente a competência*” (CHOMSKY, 1969[1965]: 84), uma vez que é atravessada por diversos fatores paralinguísticos e extralinguísticos. Usando as palavras de Clark & Clark (1977), define-se a competência nos moldes

chomskianos como a capacidade de uso da linguagem, enquanto a performance é a aplicação dessa capacidade em contextos reais de fala.¹²

Dentro de outros paradigmas teóricos de investigação da Linguagem (no sentido amplo), o conceito de competência plena vem sendo alvo de críticas. Na sociolinguística, por exemplo, afirma-se que é inviável medir a competência entre falantes de uma mesma comunidade de fala, já que esses, ao longo suas vidas, são expostos a diferentes estímulos linguísticos com frequências diferentes e em contextos diferentes (FOWLER E KREES, 1979; MILROY, 1981; BRONCKART, 1985). Portanto, não teria como partir da hipótese de que falantes nativos possuem a mesma competência, de acordo com essa crítica.

Observa-se que a palavra competência pode, também, ser empregada em outros campos dos estudos sobre a linguagem. Hymes (1972), por exemplo, se apropria do termo referindo-se à competência comunicativa, que segundo Yule (1996) envolve três tipos distintos de competência: competência gramatical, competência sociolinguística e competência de estratégia comunicativa. A competência sociolinguística refere-se ao saber ser linguisticamente apropriado em um contexto de fala, ao passo que a competência de estratégia discursiva se refere à capacidade de sabe usar apropriadamente estratégias de comunicação. Parece-nos que, nessa perspectiva, a competência Chomskiana entra como competência gramatical, ou seja, o domínio das regras e restrições formais que constituem a gramática de cada indivíduo de uma comunidade de fala.¹³ Ressaltamos que no presente trabalho tratamos estritamente da competência gramatical do falante de Libras, colocando de lado questão relativas ao discurso e à sociolinguística.¹⁴

A Gramática Gerativa pressupõe que diferentes indivíduos podem possuir diferentes performances, inclusive, o próprio desempenho, o uso, de um mesmo falante nativo pode sofrer variações ao longo de sua vida

¹² Note que o corte metodológico entre competência e desempenho ainda não é claro. Certos aspectos da linguagem (e.g. pragmática) ainda são disputados entre competência e desempenho (Crystal, 1985).

¹³ A competência gramatical divide-se em competência sintática, morfológica, semântica e fonológica (RADFORD, 1988). Nossa pesquisa enfatiza a competência sintática.

¹⁴ Embora essas questões sejam bastante interessantes e academicamente muito pertinentes, dado o contexto social em os surdos estão inseridos, não as contemplaremos aqui por estarem fora do escopo da pesquisa realizada por nós.

devido a questões relativas à variação de atenção e de memória. Porém, a competência (i.e., conhecimento gramatical de um dado indivíduo sobre sua língua) não apresentaria essa variabilidade, pois é um conhecimento que, no curso da aquisição da linguagem, se solidifica na cognição humana e, portanto, não se distorce por razões exteriores à *Gramática*.

O desenho em quadrinhos abaixo ilustra a distinção necessária entre competência e desempenho. Ou seja, a atuação linguística de indivíduo pode não refletir sua competência por motivos não linguísticos, como nervosismo, por exemplo.

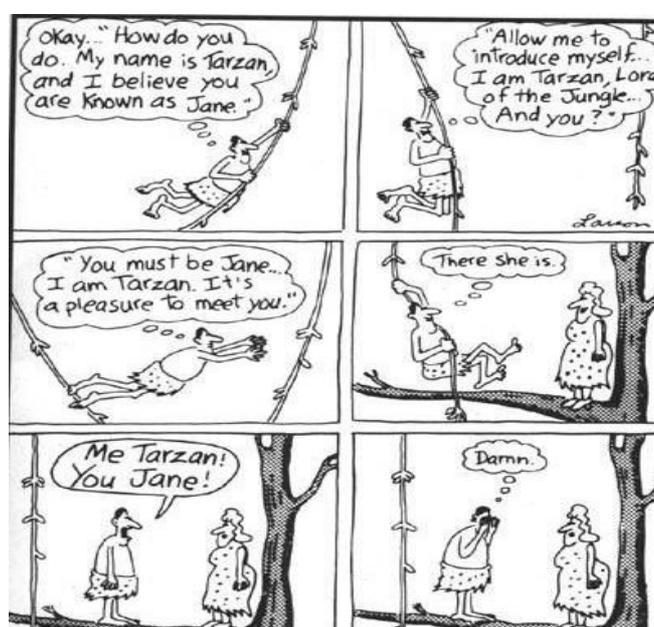


Figura 4: Quadrinho "Gary Larson: Tarzan meets Jane"¹⁵

Outra excelente evidência a separação entre competência e performance, são os chamados lapsos de fala, exemplificados em (1) e (2). Retirados de Fromkin (1973), esses exemplos ilustram lapsos fonológicos envolvendo antecipação consonantal (1) e reversão consonantal (2):

- (1) a. Canadian from Toronto → Tanadian from Toronto
- b. Factive verbs → Vactive verbs

¹⁵ Disponível em: <http://ma-serendipity.blogspot.com.br/2011/09/gary-larson-tarzan-meets-jane.html>; acessado em 20/10/2016.

- (2) a. Left hemisphere → Heft lemisphere
 b. Kats and Fodor → Fats and Kodor

Lapsos de fala podem ser também de natureza sintática, como exemplificado em (3), onde há reversão dos constituintes sintáticos em posição de complemento verbal.

- (3) I wanted to read my grandmother to the letter (Dell, 1995)

Lapsos de fala são observados também em LSs. Newkirk, Klima, Peterson & Bellugi (1980) analisaram um corpus com 137 erros de produção de sinais na Língua de Sinais Americana (ASL) e encontraram erros envolvendo os parâmetros de configuração da mão, ponto de articulação e movimento. Em (4), por exemplo, temos um erro de antecipação de configuração da mão. O falante tinha a intenção de sinalizar SICK BORED (“I am sick and bored of it” / “estou cheio e entediado com isso”), mas comete um lapso de sinalização. (4) exemplifica, também, em ASL lapso de sinalização de natureza sintática.

- (4) TASTE, MAY LIKE → LIKE, MAY TASTE (Newkirk *et al.* 1980)

Taste it, you may like it/Prove, talvez, você goste’

A existência de lapsos de fala (ou de mão (*slips of hand*)) não significa que os falantes que os produzem não saibam as regras de formação de palavras e de sentenças de suas línguas nativas, apenas indica que, na produção em tempo real e contexto real de fala, fatores externos à Língua-I (e.g. memória de curto prazo) podem interferir e erros podem ser cometidos durante o planejamento e a programação motora da fala (KLAPP, 1976; ELLIS, 1980). No entanto, esses lapsos nos permitem enxergar propriedades importantes sobre a Língua-I (FROMKIN, 1973; RODRIGUES, 2009), pois eles nunca violam as regras composicionais intrínsecas à Língua-I. Por exemplo, em (1) e (2), nunca se troca um segmento dentro da sílaba em posição inicial por segmento dentro de uma

sílaba em posição final, de tal modo que a posição do segmento antecipado não é apagada, mas conservada. O mesmo se observa em lapsos sintáticos. Em (3), há uma mudança de posição dos sintagmas que são argumentos internos do verbo. Isto é, o lapso ocorre dentro da concha do SV. Note também que a gramática do inglês licencia naturalmente alternância de posição entre os argumentos internos de verbos bitransitivos, como em (5):

- (5) a. John sent a letter to Bill
 b. John sent Bill a letter

Portanto, o erro em (3) é de certa maneira possível de acordo com a sintaxe do Inglês, embora leve a uma anomalia semântica.

Em resumo, parece ser legítima a separação entre competência e desempenho. A Gramática Gerativa, portanto, preocupa-se em investigar formalmente a competência linguística, não a performance, com forte enfoque em como essa competência é adquirida e consolidada como parte do sistema cognitivo humano (CHOMSKY; 1981, 1986). Ou seja, a teoria formal deve ser uma teoria sobre a competência que, quando desenvolvida, deve se integrar a uma teoria sobre o desempenho, que também considera outras habilidades cognitivas. Essa integração nos possibilitará entender a cognição de maneira mais global.¹⁶

Assim, como o que ocorre nas ciências naturais de modo geral, para a concretização de um estudo de cunho científico, a Gramática Gerativa realiza um recorte metodológico, para a obtenção de resultados generalizados. Isola-se, portanto, a competência de sujeito ideal, em condições ótimas e em uma comunidade de fala ideal, extraíndo-o de contextos como os descritos pela sociolinguística, por exemplo. Isso, porque, pressupõe-se que a competência seja estável em falantes adultos, enquanto a performance pode sofrer variação de elementos externos, como questões emocionais e de memória, tornando-a instável. Nesse sentido, para Chomsky (1986:9)

¹⁶ Para uma visão nessa direção, ver Phillips (2013) sobre a relação entre o parser e a gramática.

Two people may share exactly the same knowledge of language but differ markedly in their ability to put this knowledge to use. Ability to use language may improve or decline without any change in knowledge (Chomsky, 1986:9)¹⁷

Ou seja, uma vez que “*uma Gramática de uma língua pretende ser uma descrição da competência intrínseca do falante-ouvinte ideal*” (CHOMSKY, 1969[1965]: 84), a Gramática Gerativa preocupa-se em investigar a competência linguística e em como uma criança adquire tal competência até a sua estabilização gramatical na fase adulta (CHOMSKY; 1981, 1986). Para isso, concebe-se como falante-ouvinte ideal um sujeito que não sofre influência de condições externas que poderiam intervir em sua competência, como cansaço, estresse, ansiedade, deficiências.

Em 1986, Chomsky, na obra “*Knowledge of Language: its nature origin and use*”, passa a denominar a competência linguística (i.e, conhecimento implícito que um falante possui da gramática de sua língua) de Língua-I.

Let us refer to this “notion of structure” as an “internalized language” (I-language). The I-language, then, is some element of the mind of the person who knows the language, acquired by the learner, and used by the speaker-hearer. (Chomsky, 1986:22)¹⁸

O autor reforça a concepção de que a língua é um componente da mente/cérebro humano, assumindo que a Língua-I é o estado em que a gramática de uma dada língua é encontrada na Faculdade da Linguagem, sendo que o “i” em Língua-I refere-se à individual, interno, intencional, inato e intrínseco ao ser humano (CHOMSKY; 2014:258).

Em suma, é sobre a competência linguística, ou seja, a Língua-I, que os estudos gerativos da linguagem na mente/cérebro se debruçam. Nosso conhecimento adquirido de uma língua pode ser notado via uso. Sendo o uso heterogêneo e facilmente influenciado por elementos extralinguísticos, a performance não é levada em consideração em estudos sobre a Língua-

¹⁷ “duas pessoas podem compartilhar exatamente o mesmo conhecimento de uma língua, mas diferirem em suas habilidades ao colocar esse conhecimento em uso. A habilidade do uso da linguagem pode evoluir ou involuir sem alterar o conhecimento.” (Chomsky, 1986:9, tradução nossa)

¹⁸ Vamos nos referir a essa “noção de estrutura” como uma “língua internalizada” (I-language/Língua-I). A Língua-I, então, é um elemento da mente de uma pessoa que conhece uma língua, adquirida por um aprendiz, e usada por um falante-ouvinte” (Chomsky, 1986:22 – Tradução minha)

I. Dentro dessa abordagem cognitiva da linguagem, o desempenho é considerado somente como parte da linguagem no sentido amplo (CHOMSKY & FITCH, 2002).

Chomsky (1965) afirma que há uma distinção concreta entre um falante nativo e um não-nativo. Para ele, um nativo teria uma competência plena, usando espontaneamente seu conhecimento gramatical de modo altamente criativo. Logo, para fins de pesquisa, faz-se necessário uma separação metodológica entre falantes nativos e não-nativos de uma dada língua para que se possa ter acesso à gramática da língua tal como ela é.

2.4.

Caracterização da Competência em Estudos sobre Línguas de Sinais

Dado que a aquisição da linguagem é um fenômeno natural inerente à espécie humana, pressupomos que qualquer indivíduo é capaz de aprender uma língua, desde que seja humano, sem problemas neurofisiológicos que comprometam as áreas da linguagem na mente/cérebro. Mas, e quanto aos surdos? Seriam eles capazes naturalmente de desenvolver a linguagem de igual modo a capacidade linguística de um ouvinte?

2.4.1.

Aquisição de uma Língua de Sinais dentro do Período Crítico

Primeiramente, como discutido anteriormente, entendemos que a aquisição de uma língua se dá pela junção de fatores biológicos e externos (CHOMSKY, 1981; 1986). Um ambiente favorável para a aquisição seria aquele que disponibiliza para a criança o acesso a *inputs* linguísticos. Caberia à criança apenas o papel de identificar e fixar as estruturas paramétricas da língua em contato, sendo guiada nesse processo pela informação contida no seu estágio inicial, ou seja, a informação da GU (Gramática Universal).

Como vimos, um ambiente favorável requer uma língua natural disponível. Para os surdos, a aquisição de uma língua falada não se dá por vias naturais, uma vez que não possuem acesso auditivo aos fonemas dessa língua. Para eles, uma aquisição natural deveria ser aquela que adota outro canal de comunicação, como a visão. Em outras palavras, uma criança surda poderia ser capaz de adquirir uma língua que a circunde desde que essa seja manifesta na modalidade visuoespacial, como as línguas de sinais (QUADROS, 2008).

Desde os anos 1960, estudos sobre as línguas de sinais de todo o mundo passam a ser realizados - inicialmente em Língua de Sinais Americana (*American Sign Language* – ASL), comprovando que as línguas de modalidade gestual-visual possuem as mesmas condições e restrições das línguas orais (STOKOE, 1976; BELLUGI & KLIMA, 1972; SIPLE, 1978), nos níveis sintático (LILLO-MARTIN & KLIMA, 1990), morfológico (BELLUGI & KLIMA, 1979) e fonológico (STOKOE, 1960).

No Brasil, a língua de sinais utilizada pela comunidade surda é denominada de Libras – Língua Brasileira de Sinais – e passou a ser linguisticamente analisada nos anos 1980 (FERREIRA-BRITO, 1986, 1993, 1995; FELIPE 1992, 1993. QUADROS, 1995, 1999).

Considerando que, por serem acessadas via sistema sensório-perceptual distinto das línguas orais, as LSs apresentariam uma iconicidade mais evidente. O processo de aquisição de línguas como Libras deveria ser facilitado pela disponibilidade de pistas visuais com baixo índice de arbitrariedade. Pautando-se nessa lógica que se iniciam estudos investigativos sobre a aquisição de LSs com o objetivo de verificar se os processos pelos quais passam as crianças surdas seriam semelhantes aos de uma criança ouvinte adquirindo uma língua falada (HOFFMEISTER, 1978; MEIER, 1980; LILLO-MARTIN, 1986; PETTITO, 1987). No Brasil estudos similares foram realizados com crianças surdas aprendendo Libras (KARNOPP, 1994, 1999; QUADROS, 1995, 1997).

A partir de estudos comparativos detalhados, tem sido cada vez mais evidente que os efeitos de modalidade entre as línguas são mínimos, e que as crianças surdas filhas de pais surdos (SFPS) passam pelos mesmo estágios de aquisição que as crianças ouvintes filhas de ouvintes

(HOFFMEISTER, 1978; MEIER, 1980; LILLO-MARTIN, 1986; PETTITO, 1987; SLOBIN, 1986; QUADROS, LILLO-MARTIN & MATHUR, 2001; LILLO-MARTIN & QUADROS, 2007; QUADROS & CRUZ, 2011). Isso significa que, independentemente da via em que as línguas se manifestem, há um dispositivo interno inerente aos seres humanos que os torna capazes não apenas de adquiri-las, mas também de desenvolvê-las, como já discutido neste capítulo. Consoante a isso,

The longitudinal studies on sign language have demonstrated that, in spite of differential modalities of languages, deaf children's acquisition of sign language is similar to that of the spoken language of hearing children, i.e., similarities in the sequence and time course of acquisition in the areas of phonology, morphology, and semantics. (TOMASZEWSKI, 2001:76)¹⁹

Ou seja, ao longo do processo linguístico de aquisição, crianças surdas filhas de pais surdos sinalizantes (SFPS) passam por estágios similares aos que as crianças ouvintes passam em línguas faladas. Indo ao encontro de tal proposição, Quadros & Cruz (2011), baseadas em diversos autores, apresentam os seguintes estágios pelos quais uma criança surda passa ao longo do processo de aquisição de uma língua de sinais: (i) período pré-linguístico (1 – 12 meses); (ii) estágio de um sinal (1 – 2 anos); (iii) estágio das primeiras combinações (2 – 2:6 anos); (iv) estágio das múltiplas combinações (a partir de 2:6 /3 anos).

Ao nascer, bebês surdos e ouvintes passam por estágios similares. Ambos iniciam o balbucio em torno dos 4 meses de idade. As crianças surdas nesse período iniciam um balbucio oral e, também, apresentam um balbucio manual. Esse balbucio apresenta um sistema silábico e a gesticulação. Eles utilizam combinações de elementos fonológicos da LS no balbucio silábico, diferentemente da gesticulação, que não apresenta uma organização interna (QUADROS, 1997). Esse período se estende até o primeiro ano de idade, aproximadamente.

Embora os estudos sobre aquisição de linguagem por crianças SFPS apresentem os mesmos estágios de aquisição que uma criança ouvinte,

¹⁹ “Os estudos longitudinais em Línguas de Sinais têm demonstrado que, apesar da diferença de modalidade das línguas, a aquisição de língua de sinais por crianças surdas é similar ao das línguas faladas por crianças ouvintes. i.e., similaridades em sequência e tempo de curso da aquisição nas áreas da fonologia, morfologia e semântica.” (TOMASZEWSKI, 2001:76, tradução minha)

estudos vêm comprovando que a partir dos 4 meses de gestação essas crianças ouvintes passam a receber estímulos auditivos no ventre materno. Mampe *et al* (2009) realizam um estudo experimental testando a entonação do choro de bebês recém-nascidos franceses e alemães. O resultado da pesquisa evidencia que a melodia do choro desses bebês se aproxima significativamente com o tom prosódico de suas línguas nativas. As crianças com surdez pré-natal, não recebem *inputs* auditivos no ventre materno, o que os faz, em relação às crianças ouvintes, iniciarem o processo de aquisição com certa defasagem. Contudo, aparentemente, tal déficit não se apresenta significativo ao longo do percurso de aquisição em crianças SFPS.

Após 12 meses de vida, aproximadamente, inicia-se o estágio de um sinal, podendo se estender até os 24 meses. Nesse período a criança surda passa a utilizar formas congeladas, ou seja, o uso de apenas um sinal para um significado mais amplo. Assim, a criança usa o sinal de PASSEAR para dizer “eu quero passear”, “papai saiu”, “ eu quero sair”, (cf. QUADROS & CRUZ, 2011). Até um ano de idade as crianças surdas e ouvintes utilizam o apontamento para identificar pessoas e pedir alguns objetos presentes no ambiente. Contudo, ao iniciar esse estágio, o apontamento realizado por crianças surdas desaparece, enquanto crianças ouvintes adquirindo uma língua falada o mantém (BELLUGI & KLIMA, 1990). Petitto (1987) conclui que o desaparecimento do apontamento em crianças surdas ocorre, possivelmente, por uma reorganização do sistema gestual para um sistema linguístico pronominal.

Por volta dos 2 anos e 6 meses e 3 anos, a criança passa por uma explosão de vocabulário. Esse período é compreendido como o estágio das múltiplas combinações. Aos três anos e meio as crianças surdas passam a utilizar a concordância verbal para referentes presentes, contudo, há uma supergeneralização quanto à concordância, flexionando verbos que, gramaticalmente, não receberiam flexão (BELLUGI & KLIMA, 1990). Meier (1980) identifica tal generalização e conclui que as crianças surdas utilizam os verbos como se todos pertencessem à classe dos verbos com

concordância, também conhecidos como verbos direcionais.²⁰ Ao longo desse período, a criança surda, gradativamente passa a apresentar a utilização de referentes ausentes e uma melhora na construção gramatical e na flexão verbal, apresentando maior assertividade quanto ao sistema pronominal até que, progressivamente, a língua se torne consolidada.

In summary, longitudinal studies of sign language show that in spite of the difference in modality – auditory and visual – the milestones of language development may be the same in the deaf child exposed to sign language from birth as in the hearing child. In other words, signed and spoken language acquisition follow identical stages of development: babbling (7- 10 months), first-word stage (12-18 months), two-word stage (18-22 months), stage of word modification and rules for sentences (22-36 months).²¹ (TOMASZEWSKI, 2001: 69)

2.4.2.

Aquisição de uma Língua de Sinais fora do Período Crítico

Contudo, nem todas as crianças surdas são nascidas e criadas em um ambiente familiar com surdos sinalizantes. Aquelas que não são expostas a uma língua de sinais tendem a desenvolver uma forma de comunicação emergente, chamada de língua de sinais caseira (CUXAC, 2000). Embora elementar, há estudos que demonstram a existência de uma complexidade morfossintática nessas línguas criadas como suporte de comunicação caseira entre a família e a criança surda. Esses sinais podem criar sentenças de dois a três sinais e, até mesmo, manifestar concordância morfossintática. (GOLDIN-MEADOW & MYLANDER; 1984, 1998). Tal complexidade estrutural desenvolvida em um ambiente aparentemente improdutivo para a linguagem evidencia a existência de uma pré-disposição a uma capacidade biológica da linguagem (TOMASZEWSKI, 2001).²²

²⁰ O mesmo ocorre como as ouvintes aprendendo o português brasileiro ao generalizar a flexão verbal em formas como "fazi" e "gosti" (cf. Pinker & Prince (1988), Figueira (2010), Quadros & Cruz (2011)), Wuerges (2014)).

²¹ "Em suma, estudos longitudinais de línguas de sinais mostram que a respeito da diferença de modalidade – auditiva e visual – o marco do desenvolvimento da linguagem pode ser o mesmo em crianças surdas expostas à língua de sinais desde o nascimento como em crianças ouvintes. Em outras palavras, a aquisição de línguas sinalizadas ou faladas segue identicamente os mesmos estágios de desenvolvimento: balbúcio (7 – 10 meses), estágio de primeira-palavra (12- 18 meses), estágio de duas-palavras (18 – 22 meses), estágio da modificação da palavra e das regras por sentenças (22 – 36 meses)." (TOMASZEWSKI, 2001: 69, tradução minha)

²² Ver seção 2.2.

Portanto, crianças surdas são capazes de adquirir uma LS assim como as crianças ouvintes adquirem uma língua falada, uma vez que ambas teriam a sua disposição um mecanismo inato para aprender uma língua externa. Contudo, o ambiente precisa ser favorável para que esse processo ocorra naturalmente dentro do período crítico, ou seja ainda na infância. Infelizmente, essa não é a realidade da maioria dos surdos que compõem a comunidade surda. Poucas são as crianças que têm acesso a uma língua gestual-visual ao nascer.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no senso demográfico de 2010²³, 9,7 milhões de brasileiros possuem algum tipo de deficiência auditiva, sendo 2 milhões acometidos de perda severa à profunda. Contudo, o IBGE não filtrou quantos desses seriam usuários de Libras, muito menos sua idade de aquisição. Há uma variável utilizada nos estudos sobre LSs e populações surdas de que 90 - 95% dos casos de Deficiência Auditiva são decorrentes de famílias de ouvintes não usuárias de uma LS e, conseqüentemente, em geral, esses sujeitos não receberiam os *inputs* linguísticos visuais de língua de sinais desde o seu nascimento (COSTELLO *et al.*, 2008), prejudicando significativamente a aquisição da linguagem destas crianças, que, muitas vezes, só passam a ter acesso a uma LS após o insucesso de aquisição de língua falada.

A não aceitação do uso da Libras, por exemplo, por parte dos familiares, como língua de expressão e comunicação de seus entes surdos acaba por contribuir para uma vivência permanente desses sujeitos em uma situação de interlíngua, na qual nem a língua oral e nem a LS são adquiridas efetivamente por esses sujeitos (NEIDLE *et al.*, 2000).

Porém, por outro lado, há os 5 - 10% de sujeitos surdos congênitos, que seriam filhos de pais surdos (SFPS). Acredita-se que, em geral, esses já possuem contato com uma LS desde seu nascimento e, portanto, desenvolvem-se em ambiente linguístico e social mais favorável à aquisição de um sistema linguístico estruturado, sendo, assim, fortes candidatos ao que se entende por nativos em LS.

²³ Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>; acessado em 28/03/2016;

Embora, matematicamente, esses dados pareçam precisos, a porcentagem usada para a distinção destes dois grupos é baseada na população surda norte americana (Costello *et al.*, 2008). Não há dados precisos atualmente de quantos surdos de segunda geração compõem a comunidade surda brasileira, mas, evidentemente, o número de SFPS é expressamente inferior ao de surdos filhos de pais não-surdos (SFPnS). É no meio desta heterogênea comunidade linguística que os sujeitos surdos brasileiros se inserem.

2.4.3.

Compondo amostras para pesquisa em Línguas de Sinais

Assume-se que os nativos oferecem uma janela para a gramática de uma língua tal como ela é. Contudo, dado o que foi discutido até agora no presente capítulo, parte-se do pressuposto que SFPnS podem não possuir a mesma intuição de gramaticalidade que SFPS (COPPIETERS, 1987). Por conta disso, os estudos de cunho linguístico e experimental com indivíduos surdos se torna um desafio, uma vez que não há um número expressivo de falantes nativos em LSs e existem restrições na estruturação de amostras de participantes em pesquisas sobre a linguagem do ponto de vista formal, para que essas sejam homogêneas e o mais natural possível. Portanto, uma vez que a amostra de surdos filhos de pais surdos (SFPS) é restrita, faz-se necessário averiguar se é possível incluir na pesquisa surdos filhos de pais não-surdos (SFPnS).²⁴

Alguns pesquisadores, a fim de realizar uma análise controlada e mais delineada, estabelecem critérios para a composição de sua amostra de participantes, incluindo SFPS e SFPnS (e.g., MATHUR & RATHMANN, 2006). Após um estudo piloto comparativo de surdos que adquiriram uma

²⁴ Filhos ouvintes de pais surdos (Children of Deaf Parents - CODAS) também podem ser considerados nativos em Libras, uma vez que foram expostos à Libras desde o nascimento. Contudo, para os dados dessa pesquisa, optou-se selecionar apenas sujeitos surdos, pois participantes CODAS apresentariam, possivelmente, um nível de bilinguagem significativamente distinto daquele apresentado pelos sujeitos surdos, tanto SFPS como SFPnS.

variante da língua de sinais espanhola em diferentes idades, Costello *et al.* (2008) concluem que os dados sociolinguísticos (idade de aquisição, *status* da audição da família e contato com uma língua de sinais) contribuem para a compilação da população surda entre aqueles que podem ser considerados como mais-nativo e menos-nativo. Mathur & Rathmann (2006) consideram passíveis de serem informantes os sujeitos que possuem: (i) exposição a uma língua de sinais até 3 anos de idade; (ii) habilidade de julgar com facilidade se uma sentença é gramatical; (iii) contato diário com uma língua de sinais na comunidade surda por mais de 10 anos.

Em resumo, a falta de participantes dificulta a validação dos dados coletados. Embora os estudos atuais adotem critérios para a definição de falantes nativos em comunidades surdas, como considerar se SFPnS podem, ou não, participar como informantes de amostras de dados, uma vez que não há pesquisas, em Libras, que analisem a competência linguística desses falantes *vis-à-vis* SFPS?

Esta pesquisa é uma contribuição nesse sentido. Com base na metodologia psicolinguística, elaboramos um experimento sobre concordância verbal em Libras com o objetivo de verificar a competência linguística de SFPnS e SFPS. Para isso, foi verificada a sensibilidade desses dois grupos de participantes surdos quanto às estruturas específicas de Libras: a concordância verbal regular e reversa na presença e ausência do verbo auxiliar.

No próximo capítulo faremos uma breve apresentação dos aspectos gramaticais de Libras que são importantes para a compreensão da pesquisa realizada por nós. Entre outras questões paramétricas, focaremos no sistema de concordância verbal, apresentando os dados empíricos e fazendo uma revisão das propostas de análise desse sistema.

3

Sintaxe da Língua Brasileira de Sinais (Libras)

Nesta seção apresentaremos algumas especificidades estruturais das LSs, em especial da Libras, enfatizando diferenças e similaridades com as línguas orais, a fim de elucidar propriedades gramaticais de línguas de modalidade gestual-visual²⁵ importantes para a compreensão do recorte de nossa análise. Trataremos com mais afinco de aspectos gramaticais envolvendo concordância verbal em Libras, com foco na concordância regular e reversa e na categoria Auxiliar.

3.1.

Línguas de Sinais: Princípios e Parâmetros

Como visto no capítulo anterior, uma criança surda adquirindo uma LS possui a mesma tarefa e passa por estágios similares aos de uma criança ouvinte aprendendo uma língua oral. Isto é, uma criança surda no período sensível de aquisição de linguagem tem como tarefa principal a identificação dos parâmetros de sua língua. Assim, quanto à aquisição, as LSs se identificam como línguas naturais. Estudos em Libras, indo ao encontro desse pressuposto, apontam para as semelhanças não só no processo de aquisição de linguagem, mas também na arquitetura da gramática (KARNOPP, 1994, 1999; QUADROS, 1995, 1997).

LIBRAS se configura como uma língua natural não apenas pelo processo de aquisição similar ao de outras línguas, uma vez que podemos perceber que essa é constituída, inclusive, por toda complexidade linguística de línguas orais já bastante conhecidas, como as línguas românicas, as germânicas e as eslavas, ou ainda de línguas menos conhecidas, como as línguas orais na África (e.g., Edo e o Nupe) ou da Amazônia brasileira (e.g., Munduruku e o Pirahã). Essas semelhanças advêm do fato de que as línguas naturais, de modalidade oral-auditiva ou

²⁵ Ou viso-gestual (QUADROS & KARNOPP, 2004:47).

gestual-visual, possuem a mesma base: a Gramática Universal (GU), por serem línguas naturais (STOKOE,1960; STOKOE *et al*, 1965). Discutiremos brevemente sobre essas semelhanças ao longo deste capítulo, além de apontar algumas diferenças entre elas, como o efeito de modalidade e a iconicidade.

Embora as línguas humanas sejam evidentemente diferentes em sua superfície (i.e., sua modalidade), abordagens teóricas vêm comprovando que há similaridades que são compartilhadas pelos sistemas linguísticos de todas as línguas naturais. Apresentaremos brevemente tais características, em especial da Libras.

3.2.

A Gramática de Línguas de Sinais: Propriedades Gerais

O primeiro estudo destinado a uma LS foi realizado por Willian Stokoe em 1960, a partir da observação empírica da *American Sign Language* (ASL). Em sua obra “*Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf*”, o autor propõe que a ASL possui três articuladores fonológicos de base (cf. figura 5)²⁶: (i) Configuração das Mãos (CM); (ii) Locação ou Ponto de Articulação (PA) e (iii) Movimento (M).

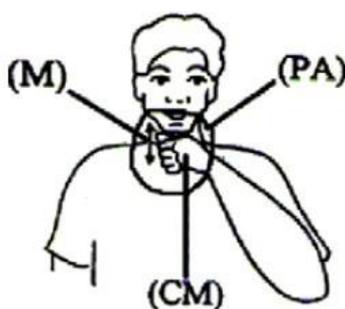


Figura 5. Parâmetros fonológicos (STOKOE,1960; STOKOE *et al*, 1965)

Quanto ao nível fonológico, observa-se que as LSs se articulam, internamente, a partir de unidades mínimas sem significado, denominadas

²⁶ Disponível em: lms.ead1.com.br; acessado em 27/02/2016.

parâmetros, que são combinadas para elaborar unidades mais complexas com significado, denominadas sinais. Os parâmetros possuem a função de compor esses sinais e de distingui-los.²⁷

Considerado como um dos parâmetros²⁸ de base, a Configuração das Mãos (CM) é a forma que a mão assume durante a realização de um sinal²⁹. Diferentes LS possuem conjuntos distintos de configurações possíveis em que as mãos podem formar para produzir um sinal. O Ponto de Articulação (PA) ou Locação (L) é o local onde a mão incide ou onde o sinal é articulado. Quanto ao Movimento (M), esse pode envolver diversas direções e formas e é um dos parâmetros mais complexos dessas línguas, pois seleciona desde articulações específicas dos dedos das mãos e dos pulsos até os percursos realizados no espaço à frente e ao redor do sinalizador (KLIMA & BELLUGI, 1979).

Além desses parâmetros básicos, outros estudos apontaram para mais dois articuladores internos que são, também, traços distintivos essenciais na composição de sinais, como a Orientação da Palma da Mão (Or), proposta por Battison (1974) e as Marcas Não Manuais (MNM) (i.e., expressões faciais e/ou corporais), conforme Liddell e Johnson (1989).

No Brasil, os estudos fonológicos da Libras consideram, de igual modo, que essa língua assume CM, M, PA, Or e MNM como parâmetros básicos para a sua articulação interna (FERREIRA-BRITO, 1990, 1995; QUADROS, 1995; QUADROS E KARNOPP, 2004). Um dos estudos mais detalhados e extensivos da caracterização fonológica da Libras foi realizado por Ferreira-Brito (1995), que considera que há uma hierarquia entre os parâmetros, considerando CM, M e PA como parâmetros primários e Or e MNM, secundários.

Ferreira-Brito (1990; 1995) e Ferreira-Brito e Langevin (1995) realizaram um levantamento dos parâmetros da Libras e apresentaram um

²⁷ Os parâmetros nas LS, além de assumirem função de fonemas, unidades mínimas sem significado, alguns podem de constituir como morfemas, itens com significado empregados na composição de sinais mais complexos.

²⁸ Ressaltamos que os articuladores fonológicos das línguas de sinais são denominados de Parâmetros, contudo, não apresentam relação conceitual com os parâmetros das línguas naturais descritos por Chomsky (1981) em contraponto aos princípios linguísticos universais, discutidos no Capítulo 2 desta dissertação.

²⁹ Os itens lexicais em LS são denominados “sinais”.

conjunto de 46 configuração de mãos (CM), além de especificar quatro categorias de movimento (M): tipo, direcionalidade, maneira e frequência.

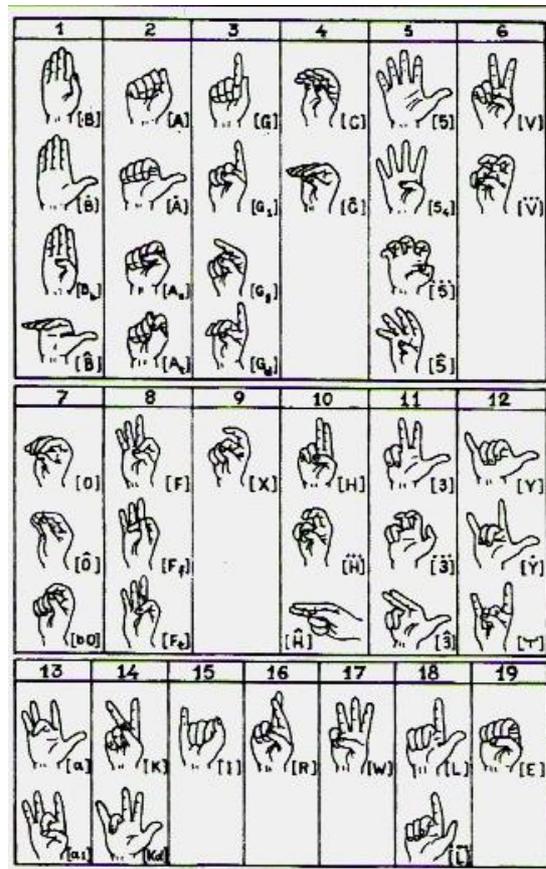


Figura 6: Configuração de Mãos da Libras
(Ferreira-Brito, 1995:220)

O ponto de articulação (PA) dos sinais corresponde a um conjunto restrito de localizações onde os sinais podem ser articulados. Quadros & Karnopp (2004), a partir da análise de Battison (1978), apresentam as principais localidades para a articulação dos sinais na Libras, conforme figura 7:



Figura 7: Espaço de sinalização e áreas de articulação dos sinais
(Quadros & Karnopp, 2004: 57)

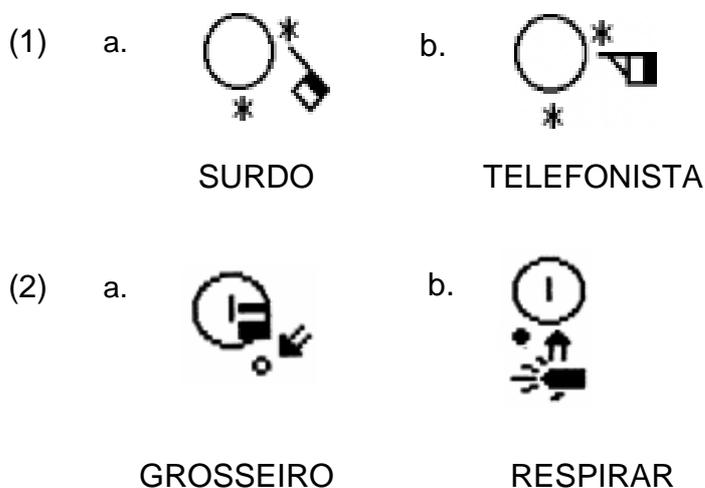
Quanto ao parâmetro orientação (Or), conforme Ferreira-Brito (1990; 1995), a palma da mão pode assumir seis posições na execução de um sinal: para cima, para baixo, para dentro, para fora, contralateral e ipsilateral. As marcas não manuais (MNM) correspondem a 23 marcas diferentes articuladas pelos movimentos da face, da cabeça, do tronco e da direcionalidade do olhar.



Figura 8: Orientação da Palma da Mão
(Marentette, 1995:204)

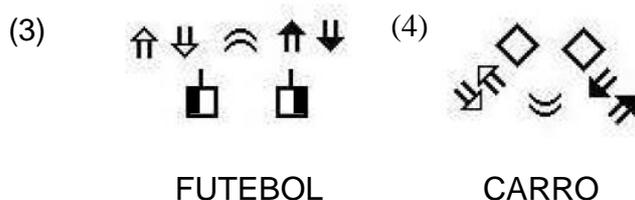
Os parâmetros da Libras, assim como das LSs, são combinados e articulados uns aos outros para compor unidades mais complexas e com significado. Assim, é a partir de uma relação combinatória entre os parâmetros fonológicos, portanto, que os sinais em Libras são produzidos. Contudo, esses funcionam, também, como traços distintivos entre os sinais produzidos na língua. (QUADROS & KARNOPP, 2004). Uma evidência para isso é a existência de pares mínimos na Libras, em que a alteração de apenas um traço distintivo pode ser capaz de mudar o significado dos sinais, como em (1a) e (1b) em que o sinal de “SURDO” e de “TELEFONISTA” diferem apenas pela CM (configuração de mãos) e, em

(2a) e (2b), o sinal de “GROSSEIRO” e de “RESPIRAR” diferem quanto ao parâmetro (M) movimento.³⁰



Apesar do caráter combinatorial ente os parâmetros, as LSs também parecem apresentar restrições quanto à concatenação dos itens fonológicos, como outras línguas naturais. Observando a ASL, autores como Liddell e Johnson (1984, 1986, 1989) e de Sandler (1990) demonstram que essa, bem como outras LSs, apresenta computações internas do sistema fonológico similares às línguas orais, estando sujeitas, também, a restrições combinatorias. Ou seja, os parâmetros descritos não são combinados aleatoriamente para a produção de sinais, mas apresentam uma aparente regularidade devido às restrições implicadas sobre o nível fonológico nessas línguas. Por exemplo, Battison (1978) observa que a criação de novos sinais está regida a uma condição de simetria quanto ao parâmetro movimento. A condição de simetria prevê que sinais realizados com duas mãos devem possuir a mesma Configuração das Mãos (CM) para ambas as mãos, locação idêntica ou simétrica e movimento simultâneo ou alternado. Em Libras, essa condição pode ser notada em sinais como FUTEBOL (3) e CARRO (4).

³⁰ Os exemplos citados nesta dissertação serão transcritos pelo sistema de escrita de sinais SignWriting.



De modo semelhante, no nível morfológico, unidades mais complexas com significado se articulam para produzir outros sinais e/ou alterar seu significado. Na Libras podemos identificar processos morfológicos na formação de sinais compostos e na realização da flexão.

As línguas naturais se apropriam de duas operações morfológicas: concatenativas e não-concatenativas. A operação concatenativa diz respeito à afixação de morfemas à raiz da palavra, como a sufixação no português brasileiro em “pedr-*eiro*” e em “jornal-*eiro*” em que o morfema “eiro” – utilizado para significar uma ocupação, ofício ou profissão – é concatenado à raiz dos nominais “pedra” e “jornal” para a produção de novos nominais. Por outro lado, o processo não-concatenativo consiste na modificação da forma de base da palavra (5a), na sua redução (5b) ou repetição (5c).

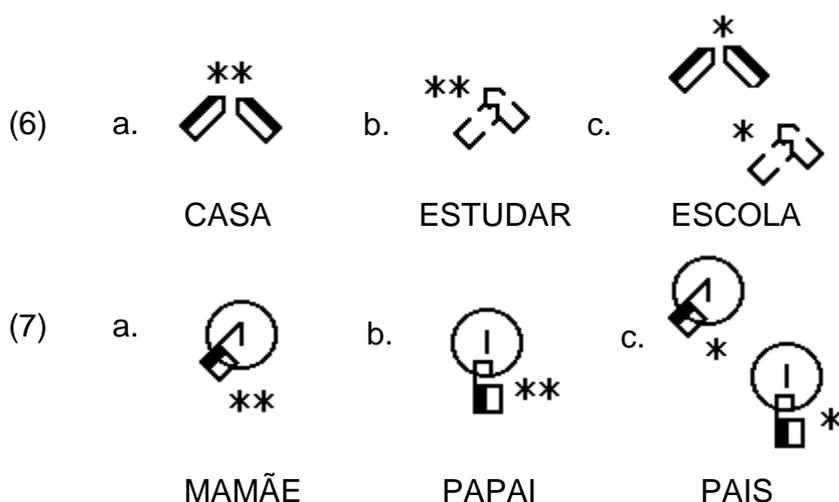
- (5)
- a. modificação da base no Inglês: *foot* (pé) → *feet* (pés)
 - b. redução da base no Português Brasileiro: *cerveja* → *cerva*
 - c. repetição da base em Lamba: *ya* (ir) → *yayaya* (vá em frente e assim por diante)³¹

Apesar de, em geral, as LSs possuírem um Léxico predominantemente composto por sinais monossilábicos (SANDLER, 1999), tais sinais podem se concatenar uns aos outros e compor novas unidades lexicais, de modo semelhante à produção de palavras compostas nas línguas orais. Porém, diferenciando-se dessas línguas, aparentemente por conta de sua modalidade visual, as LSs apresentam uma preferência

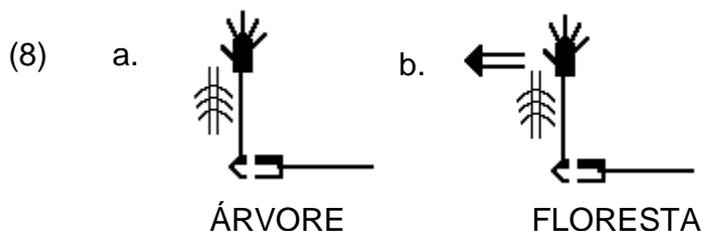
³¹ Exemplo extraído de Lodhi (2002).

por operações não-concatenativas (LOURENÇO, 2014), embora possamos encontrar ambas operações morfológicas nessas línguas. Na Libras, podemos identificar operações morfológicas concatenativas na formação de sinais compostos, na marcação de plural e na incorporação de número, por exemplo, e as não-concatenativas na incorporação da negação e na derivação nominal.

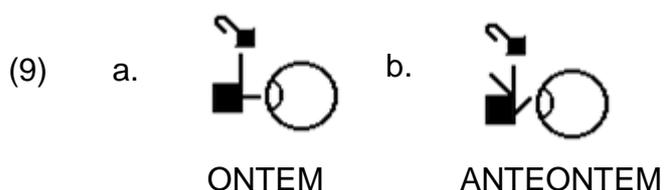
A criação de sinais compostos na Libras é um exemplo de composição morfológica por concatenação. Em (6c) o sinal de ESCOLA é derivado da composição do nominal CASA (6a) seguido de o verbo ESTUDAR (6b). O mesmo ocorre na formação de PAIS, em (7c), a partir dos sinais de PAPAI (7b) e MAMÃE (7a). Nota-se que nesses compostos há uma perda do material fonológico de M(ovimento) de ambos itens concatenados, tornando o movimento limitado como descrito por Quadros e Karnopp (2004) e Liddell (1984).



A formação do plural na Libras é analisada por Ferreira-Brito (1995) e pode ser resultante de sufixação do morfema L(ocação) ao sinal de base. Em (8b) o sinal de FLORESTA é resultante do morfema livre ÁRVORE (8a) com marcação morfológica espacial, distribuindo o sinal ÁRVORE em diferentes *locus* no espaço de sinalização. A análise da Libras de Ferreira-Brito, inclusive, vai ao encontro de outras análises realizadas em outras línguas de sinais (FISCHER, 1973; PFAU & STEINBACH, 2006).



Outra forma de composição morfológica em Libras é a incorporação de número. Em itens lexicais complexos formados via incorporação de numerais (cf. (9)) é incorporado/concatenado à L(ocação) e à Or(ientação) um morfema de Configuração de Mãos (CM), que signifique um número específico (e.g. UMA-HORA, DUAS-HORAS, UM-DIA PASSADO/ONTEM, DOIS-DIAS PASSADOS/ANTEONTEM). Para Quadros e Karnopp (2004) a CM que incorpora um numeral funciona como um morfema livre acrescentado à raiz do sinal de base. Por exemplo, em (9a) O sinal de ONTEM não possui um morfema de numeral, porém, o sinal de ANTEONTEM (9b) recebe o morfema dois, tornando-se um sinal composto por dois morfemas (i.e., ONTEM +DOIS).



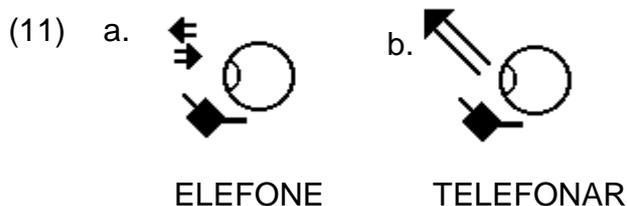
Como vimos, a Libras se apropria de operações morfológicas concatenativas na formação de sinais compostos na marcação de plural, como em (8a) e (8b), e na incorporação de número, como em (9a) e (9b). Mas, a Libras se apropria, também, de processos não-concatenativos, como na derivação de nominais a partir de verbos, descrita por Quadros & Karnopp (2004).

Quanto à derivação de nominais a partir de verbos, Supalla & Newport (1978) identificaram que em ASL tal derivação é evidenciada por meio de uma alteração interna do parâmetro M(ovimento). Semelhantemente, na Libras, conforme Quadros e Karnopp (2004), os verbos são distintamente marcados com movimento único e alongado, como TELEFONAR em (11b),

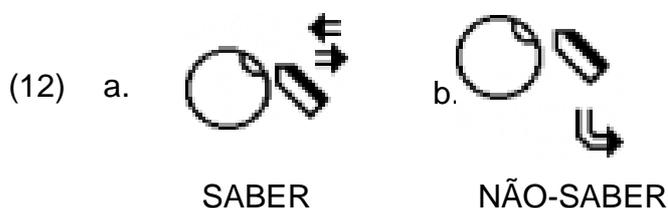
enquanto nominais derivados de verbos são marcados por movimentos curtos e repetitivos, como TELEFONE em (11a). Esse processo de derivação é similar ao chamado de reduplicação em línguas orais como em (10), em que o nominal é derivado da repetição do verbo.

(10) reduplicação no português brasileiro (GONÇALVES, 2006):

- a. corre (verbo) → corre-corre (substantivo)
- b. pega (verbo) → pega-pega (substantivo)
- c. puxa (verbo) → puxa-puxa (substantivo)



Outra forma de operação não-concatenativa em Libras é a incorporação do advérbio de negação aos verbos, a qual altera, especialmente, o parâmetro M(ovimento), mudando sua estrutura de base (FERREIRA-BRITO, 1995). Em (12a) o movimento do verbo SABER é marcado pelo fonema M(ovimento) de modo curto e repetido para a direita e para a esquerda. Porém, ao incorporar a forma negativa, seu movimento é alterado para um movimento alongado e único em direção oposta ao sinalizador em (12b).



Observa-se, portanto, que a Libras, assim como outras LSs, embora possua uma modalidade de superfície distinta das línguas orais, apresenta, tanto no nível morfológico, assim como no fonológico, características restritivas e estruturais similares a outras línguas naturais.

Estudos de cunho teórico em LS têm comprovado que as LSs também são regidas pelos mesmos princípios sintáticos universais. Tanto a *American Sign Language* (ASL), como a *British Sign Language* (BSL), por exemplo, estão sujeitas aos Princípios A & B da teoria da Regência e Ligação (CHOMSKY, 1981),³² bloqueando a ocorrência de um pronome pessoal dêitico coindexado (IX) com algum antecedente dentro da mesma sentença. Nessa configuração sintática, apenas pronomes reflexivos são aceitáveis (PADDEN, 1983; CORMIER, 2014), como em (13a) e (13b).

(13) a. *FATHER_a LIKE IX_a (ASL - Cormier, 2014)

Pai gostar ele
 “O pai gosta de si”

b. FATHER_a LIKE SELF_a
Pai gostar si
 “O pai gosta de si”

Outros princípios universais também podem ser observados como princípios estruturais seguidos por LS, como a restrição em estruturas coordenadas. Conforme Padden (1988), a ASL obedece a *Coordinate Structure Constraint* (CSC)³³, como ilustra (14). De igual modo, Tang & Lau (2012) identificam a mesma restrição em *Hong Kong Sing Language* (HKSL) tanto na topicalização de sintagmas nominais (15b), como em movimento-QU (15c):

(14) *<FLOWER>_i bGIVE_a MONEY cGIVE_a t_i

“Flores, ele deu para mim dinheiro, mas ela deu ____ para mim.”

(15) a. FIRST GROUP RESPONSIBLE COOKING, SECOND GROUP

³² A Teoria da Regência e Ligação de Chomsky (1981) prevê a restrição do funcionamento de anáforas e de pronomes. O princípio A prevê que uma anáfora só pode ser coindexada a um antecedente em seu domínio local e o antecedente tem de ser uma expressão nominal c-comandante. Já o princípio B prevê que um pronome deve estar livre em seu domínio local, não sendo possível uma relação de c-comando entre o antecedente e o pronome dentro da menor sentença que contém o pronome.

³³ Para mais detalhes sobre a hipótese de *Coordinate Structure Constraint* (CSC), ver Ross (1967).

RESPONSIBLE DESIGN GAME

‘O primeiro grupo é responsável por cozinhar e o segundo grupo é responsável por projetar jogos.’

b. *<COOKING>_i FIRST GROUP RESPONSIBLE _{t_i}, SECOND GROUP RESPONSIBLE DESIGN GAME

c. *<WHAT>_i, FIRST GROUP RESPONSIBLE COOKING, SECOND GROUP RESPONSIBLE _{t_i}

Tal restrição sintática, aparentemente, também se aplica à Libras, como em (16b) e (16c).

(16) a. CARLOS GOSTAR FUTEBOL MARIA GOSTAR NOVELA

‘Carlos gosta de futebol e Maria gosta de novela’

b. *<FUTEBOL>_i CARLOS GOSTA _{t_i}, MARIA GOSTA DE NOVELA

c. *<O-QUE>_i, CARLOS GOSTAR FUTEBOL MARIA GOSTA _{t_i}

Apresentamos até o momento exemplos de Libras, bem como de outras LSs, quanto a restrições e características linguísticas universais evidenciadas no nível fonológico, morfológico e sintáticos identificadas, também, em línguas orais. Tais semelhanças se justificam pelo fato de todas as línguas humanas possuírem os mesmos princípios universais de base, caracterizados na GU.

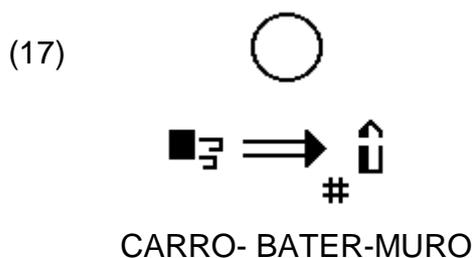
Contudo, apesar das LSs possuírem os mesmos princípios universais de base, elas se distinguem das línguas orais por se apropriarem de articuladores distintos, ou seja, de articuladores manuais e espaciais percebidos pela visão. O uso do espaço à frente do sinalizador, as mãos e a seleção de músculos faciais específicos são exemplos de articuladores selecionados para a produção das LSs, proporcionando uma diferente modalidade: gestual-visual. A característica gestual-visual dessas línguas

vem sendo alvo de trabalhos que identificam alguns efeitos dessa modalidade distinta, dentre os quais, destacam-se a simultaneidade e a iconicidade (COSTELLO, 2015).

Provavelmente, por se apropriarem de articuladores relativamente independentes, as LSs apresentam um alto índice de simultaneidade em sua produção. Segundo Costello (2015), os articuladores podem ser subdivididos em articuladores manuais e não-manuais.

“Sign language production may be divided into two main channels: the manual and the non-manual. The manual component is articulated by the hands, and the non-manual component is expressed by the head (tilts, nods, shakes), the eyebrows (raised, frowning), the eyes (gaze direction, blinks, aperture), the nose (wrinkling), the mouth (mouthing), the shoulders (raised) and upper body (tilts, turns).” (COSTELLO, 2015:4)³⁴

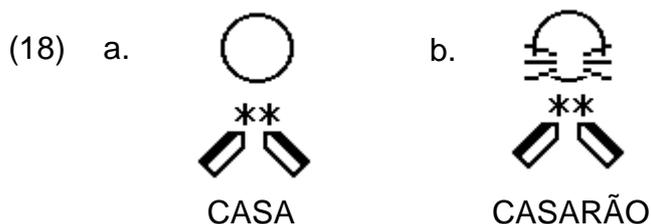
Assim como Costello (2015) descreve para a Língua de Sinais Espanhola (LSE), a Libras aparentemente pode produzir sinais por meio de articuladores manuais e não manuais. Quanto à simultaneidade, essa pode ocorrer entre articuladores manuais, como na realização do verbo classificador CARRO-BATER-MURO (17), em que a mão esquerda apresenta um morfema de configuração de mão para MURO enquanto a mão direita, um morfema de configuração de mão para CARRO.



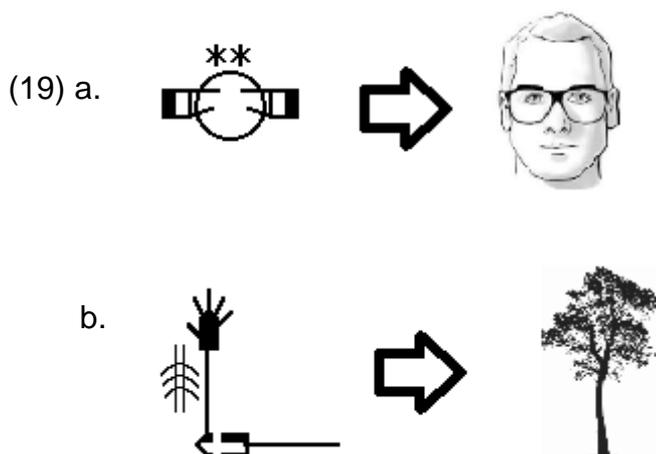
A co-ocorrência simultânea entre articuladores manuais e não-manuais também é possível, como em (17b). O morfema de grau

³⁴ “A produção de uma língua gestual pode ser dividida em dois canais principais: o manual e o não-manual. O componente manual é articulado pelas mãos e o componente não-manual é expresso pela cabeça (inclinações, balanços), pelas sobrancelhas (levantadas, franzindo a testa), pelos olhos (direção do olhar, piscadas, abertura), pelo nariz (Enrugamento), pela boca (movimentos labiais), pelos ombros (levantados) e pela parte superior do corpo (inclinações, deslocamento).” (COSTELLO, 2015:4, tradução minha)

aumentativo (-ão) na Libras é realizado pela marca não-manual do inflar das bochechas, que é produzido simultaneamente ao sinal CASA (17a).



Devido a sua modalidade visual, portando, a Libras se apropria de articuladores manuais e não-manuais na produção de sinais (palavras), operando-os com maior simultaneidade aparente do que as línguas orais. Contudo, além da simultaneidade, outro efeito de modalidade evidenciado nas LSs é a iconicidade (COSTELLO, 2015). Essa pode ser caracterizada como a semelhança imagética entre a forma e o significado, como em (19a)³⁵ e (19b).³⁶ Os sinais ÓCULOS (18) e ÁRVORE (19) são semelhantes à forma física da entidade a qual se referem.



Embora a relação forma e significado seja bem marcada na Libras, seu léxico é composto também por sinais arbitrários, ou seja, sinais que não apresentam tal relação. Além da correspondência forma-significado, a iconicidade também é definida na literatura em relação ao uso do espaço

³⁵ Imagem extraída de <http://www.homemnoespelho.com.br/um-oculos-para-cada-tipo-de-rostho/>, acessado em 11/11/2016.

³⁶ Imagem extraída de <http://popfixonline.com.br/index.php/adeseivos/arvore-raquel.html>, acessado em 11/11/2016.

de sinalização para marcação de referentes. O sinalizador se utiliza do espaço topográfico à frente e ao lado de seu corpo para marcar referentes presentes ou ausentes. A realização de sinais a partir de uma relação com pontos localizados no espaço configura uma certa iconicidade entre um dado sinal e seu referente, conforme apresentado por Costello (2015).

The direct isomorphic mapping that topographic space establishes between the spatial relations of the signs and those of the referents creates a perceptual similarity that is reminiscent of imagistic iconicity. However, note that the space is not the sign itself but forms part of the relationship between the signs, and that it is this (spatial) relationship that is analogous to a (spatial) relationship between the referents. (Costello, 2015:14)³⁷

A caracterização do mapeamento na relação referente-espaco na concordância verbal será explorada com mais detalhes na próxima seção. É importante ressaltar que, apesar das LSs apresentarem alto nível de iconicidade em sua produção, sua forma é tão abstrata quanto as línguas orais, uma vez que:

That sign language forms are abstract, conventionalized symbols is confirmed by evidence from acquisition studies of sign languages: imagistic iconicity does not affect the acquisition of signs in the early stages of language development (Orlansky & Bonvillian 1984) and the acquisition of the verbal agreement system is guided by the morphology rather than the iconicity of the forms (Meier 1987). Furthermore, the classifier system, with its diagrammatically iconic use of topographic space is rule-governed and operates on systematic linguistic principles (Supalla 1982, 1986; Zwitserlood 2003). Iconicity is present but this does not necessarily alter the workings of the linguistic system. (Costello, 2015:15)³⁸

Nessa sessão buscamos apresentar algumas características das LSs em diferentes níveis linguísticos. Apontamos diferenças específicas dessas línguas visuais, como a preferência pela simultaneidade e uma alta

³⁷ "O mapeamento isomórfico direto que o espaço topográfico estabelece entre as relações espaciais dos signos e dos referentes cria uma similaridade perceptual que se assemelha a iconicidade imagética. No entanto, nota-se que o espaço não é o próprio sinal, mas faz parte da relação entre os sinais, em que essa relação (espacial) é análoga a uma relação (espacial) entre os referentes." (Costello, 2015:14, tradução minha)

³⁸ "A iconicidade imagética não afeta a aquisição de sinais nos estágios iniciais do desenvolvimento da linguagem (Orlansky & Bonvillian, 1984) e a aquisição do sistema verbal de concordância é guiada pela morfologia e não pela iconicidade das formas (Meier 1987). Além disso, o sistema classificador, com seu uso diagrammaticamente icônico do espaço topográfico, é regido por regras e opera em princípios linguísticos sistemáticos (Supalla 1982, 1986; Zwitserlood 2003). A iconicidade está presente, mas isso não altera necessariamente o funcionamento do sistema linguístico." (Costello, 2015:15, tradução minha)

motivação icônica lexical e referencial, além de alguns princípios universais que as governam. Observaremos a seguir alguns aspectos sintáticos da Libras e o desencadeamento da concordância nessa língua.

3.3.

Libras: Aspectos Sintáticos

Na seção anterior apresentamos aspectos gerais da Gramática das LSs, em especial da Libras, a fim de apresentar suas características estruturais em diferentes componentes, além de suas semelhanças e diferenças com línguas orais. Abordamos, mais precisamente, aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos, além dos efeitos que sua modalidade visual acarreta, como a simultaneidade e a iconicidade lexical e referencial. Abordaremos nesta seção os fenômenos gramaticais diretamente relacionados com a pesquisa por nós realizada, como referencialidade/marcação de concordância verbal, ordem estrutural e mecanismos sintáticos relacionados à mudança da ordem sintática de base.

Como apresentado anteriormente, LSs, assim como a Libras, aparentemente, apresentam um alto nível de iconicidade a qual contribui para uma estrutura morfológica complexa.³⁹ Estudos comparativos realizados em diversas LSs, como o de Pfau *et al* (2012), identificam que apesar dessas línguas visuais serem relativamente ‘jovens’ e se assemelham as línguas crioulas, elas se destacam por sua complexidade morfológica.⁴⁰

(...) Sign languages do lend themselves to iconicity to a much higher degree than spoken languages do. As a result, it is not surprising that even young sign languages may develop surprisingly complex morphology (Pfau et al, 2012:873).⁴¹

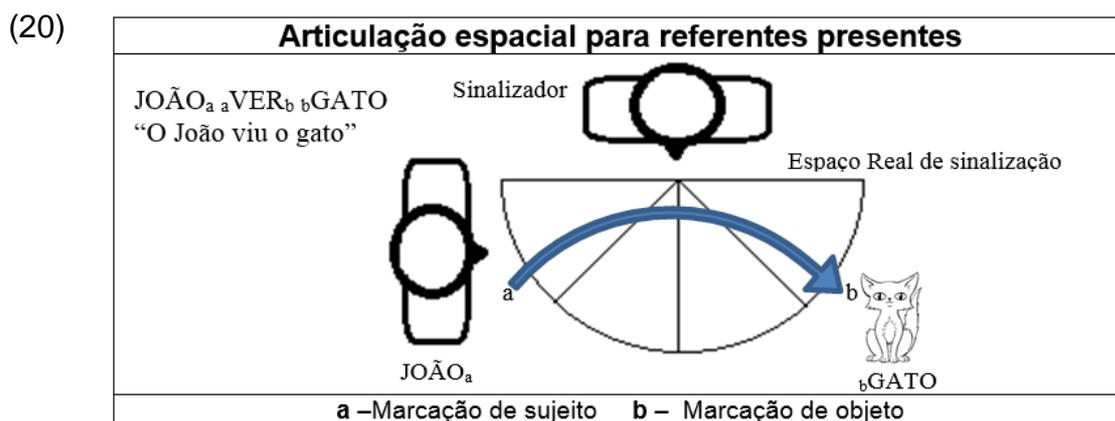
³⁹ Observe que iconicidade é aqui definida como o espaço sinalização para marcação dos referentes.

⁴⁰ Em relação a isso, apontamos para a discussão sobre modulação espacial na Língua de Sinais da Nicarágua no capítulo 2 (seção 2.2)

⁴¹ “ (...) *As línguas de sinais se rendem à iconicidade a um grau muito mais elevado do que as línguas faladas. Como resultado, não é surpreendente que mesmo as línguas de sinais jovens possam desenvolver uma morfologia surpreendentemente complexa*” (Pfau et al, 2012:873 – tradução minha).

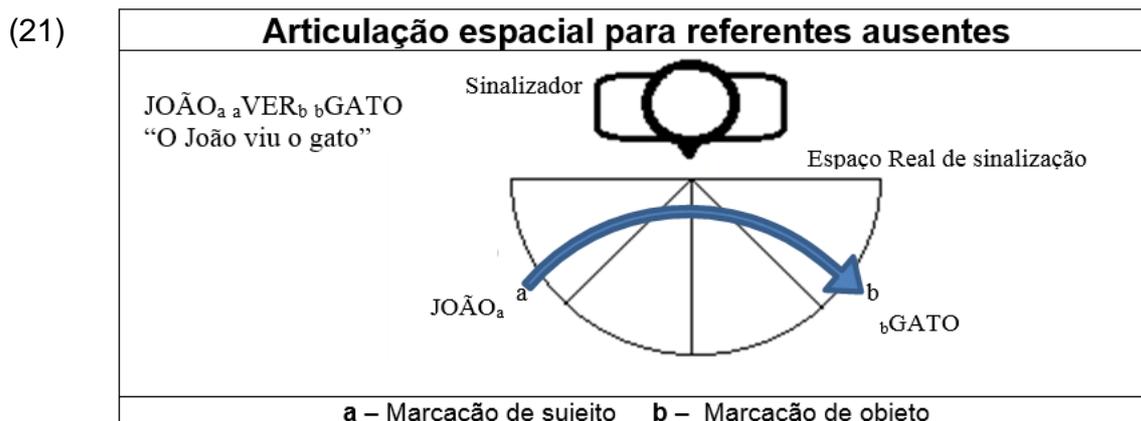
Tal complexidade torna-se ainda mais evidente quando observamos a concordância dessas línguas, a qual é estabelecida visualmente no espaço neutro à frente do sinalizador. Como introduzido na seção anterior, o alto nível de iconicidade espacial das LSs é um fator primordial na execução da referencialidade. Elas se apropriam do espaço à frente do sinalizador, ou próximo a ele, para tecer a composição da referência (LIDDELL, 1995). A marcação de referência pode ser realizada tanto para referentes presentes quanto deslocados no espaço ou no tempo no ato da enunciação (i.e., referentes ausentes). Ou seja, quando um referente está presente, o sinalizador pode restabelecer uma marcação de concordância em um ponto do espaço em direção a ele. O mesmo pode ocorrer com referentes ausentes, porém, essa é estabelecida em um ponto abstrato no espaço de sinalização.

Na Libras, a marcação de referentes é manifestada espacialmente. Isso se torna ainda mais evidente com verbos com concordância, que desencadeiam uma relação espacial entre seus argumentos internos e externos. Em verbos com concordância regular, como o verbo VER em (20), o ponto inicial e final da trajetória do movimento desse verbo marca visualmente a localidade das entidades *João* e *gato*, presentes no ato enunciativo.

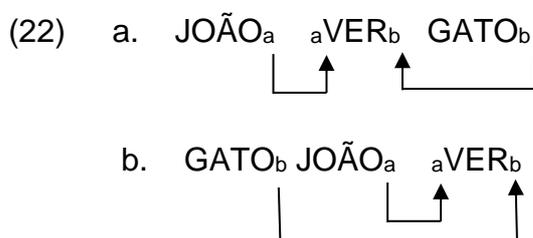


Em (20), o sinalizador estabelece a concordância no verbo VER a partir de pontos disponíveis no espaço de sinalização. *João* e *gato*, por

estarem presentes no ato da enunciação, são referenciados pelo movimento do verbo, que inicia sua trajetória na direção (*locus*) em que João se encontra e finaliza seu percurso em um ponto na direção em que o gato está. De igual modo, quando o enunciado envolve entidades ausentes, como em (21), o sinalizador seleciona pontos aleatórios e abstratos no espaço real de sinalização frente ao seu corpo para a marcação da referência⁴².



A concordância do verbo da sentença em Libras é estabelecida espacialmente, tanto para referentes presentes como ausentes. Para verbos com concordância regular, como em (22), a trajetória do movimento do verbo é iniciada onde incide o *locus* do sujeito e finalizado no *locus* do objeto. É importante ressaltar que a trajetória verbal independe da ordem sintática dos elementos da sentença.



⁴² A seleção de pontos aleatórios no espaço de sinalização vem sendo discutida, tendo em vista que acarretaria em um problema de listabilidade no léxico, uma vez que no espaço neutro há possibilidades infinitas de marcação do referente. Estudos exploratórios propõem duas hipóteses que apontam para possíveis soluções para fenômeno: a análise do *Locus-R* (LILLO-MARTIN & KLIMA, 1990; MEIR, 1998, 2002; LILLO-MARTIN E MEIER, 2011; ARONOFF, MEIR & SANDLER, 2005) e a análise de traços (RATHMANN E MATHUR, 2008).

Quanto à ordem básica dos elementos na sentença para estabelecer a concordância, estudos iniciais sobre a estrutura sintática da ASL indicaram que haveria uma ordem livre quanto a sua estrutura (TERVOOT, 1968; FRIEDMAN, 1976a). Contudo, há um consenso na literatura recente de que a ASL assume como ordem básica a estrutura Sujeito-Verbo-Objeto (SVO) (FICHER, 1975; LIDDELL, 1977; PADDEN 1983, 1988; NEIDLE et al, 2000). Quadros (1999) e Quadros e Karnopp (2004), de igual modo, defendem que a Libras possui a mesma estrutura canônica, como em (23), (24) e (25), sendo, assim, uma língua de núcleo inicial.

(23) CARLOS_a AMAR MARIA_b
 “O Carlos ama a Maria”

(24) JOÃO_a VER_b GATO_b
 “O João viu o gato”

(25) PROFESSOR_a CHAMAR_a ALUNO_b
 “O professor chamou o aluno”

A ordem SVO das estruturas de (23), (24) e (25) não apresenta variação quanto ao tipo de verbo da sentença, quer seja um verbo simples (23), um verbo com concordância regular (24), ou com concordância reversa⁴³ (25). Apesar de SVO ser a ordem básica da Libras, estruturas como SOV e OSV também são produtivas, porém, com restrições sintáticas. Por exemplo, o movimento para a periferia esquerda de um elemento topicalizado é restrito à incidência de uma Marca Não Manual (i.e., levantamento da sobrancelha) (QUADROS E KARNOPP; 2004; LOURENÇO, 2014). Assim, em (26), (27) e (28) apenas os elementos movidos para a periferia esquerda são marcados pelo levantamento da sobrancelha durante a enunciação.

⁴³ A definição quanto aos tipos de verbo será detalhada na seção 3.4 .

- (26) <MARIA_b>_{top} CARLOS_a AMAR XI_b
 “A Maria, o Carlos ama ela”
- (27) <GATO_b>_{top} JOÃO_a aVER_b XI_b
 “O gato, o João viu ele”
- (28) <ALUNO_b>_{top} PROFESSOR_a bCHAMAR_a XI_b
 “O aluno, o professor chamou ele”

Não são apenas as marcas não manuais, como o levantamento da sobrançelha, que marcam relações sintáticas expressivas em Libras. Estudos vem sendo realizados sobre o verbo auxiliar (Aux)⁴⁴ nessa língua e seu reflexo sobre a ordem sintática (QUADROS, 1999; QUADROS & KARNOPP, 2004; QUADROS & QUER, 2008, 2010; LOURENÇO, 2014). O Aux desencadeia a ordem SOV, como em (29), (30) e (31).

- (29) CARLOS_a MARIA_b aAUX_b AMAR
 “Carlos ama Maria”
- (30) JOÃO_a GATO_b aAUX_b VER_(b)
 “João viu o gato”
- (31) PROFESSOR_a ALUNO_b aAUX_b (b)CHAMAR
 “O professor chamou o aluno”

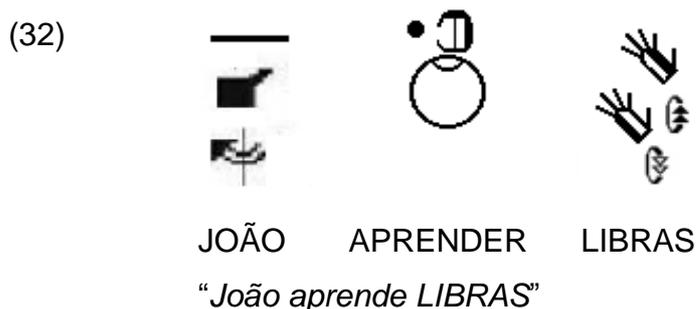
Nosso trabalho consistiu em verificar o julgamento de aceitabilidade de sentenças com verbos de concordância regular ou reversa como verbos principais na presença da categoria Aux, adotando sentenças-alvo como (28) e (31). Apresentaremos detalhadamente na próxima seção a tipologia verbal na Libras e como os verbos reagem à presença da categoria Aux, especialmente quanto ao estabelecimento da concordância.

⁴⁴ Embora Lourenço (2014) proponha a representação dessa categoria como <_aIX_b>, por defini-la como uma marcação indexical de tópico (i.e., 'apontamento' para referenciar os elementos movidos), optamos por utilizar _aAUX_b uma vez que essa é a representação mais recorrente na literatura em LSs.

3.4.

Concordância Verbal em Libras

A literatura sobre as LSs destina uma considerável discussão quanto à classificação dos verbos nessas línguas (PADDEN, 1988; JANIS, 1995; MEIR, 2002; FELIPE 2002; QUADROS & QUER, 2008, 2010). Em nosso trabalho, adotamos a classificação quanto à concordância verbal proposta Quadros (1999). Nem todos os verbos em Libras apresentam flexão para estabelecer concordância entre seus argumentos. Tais verbos são denominados como sem concordância (*plain verbs*), ou ainda verbos simples, não apresentando morfologia de concordância entre os nominais da sentença.⁴⁵ Em outras palavras, verbos simples não estabelecem concordância espacial entre os seus argumentos no espaço de sinalização, como em (32) e (33).

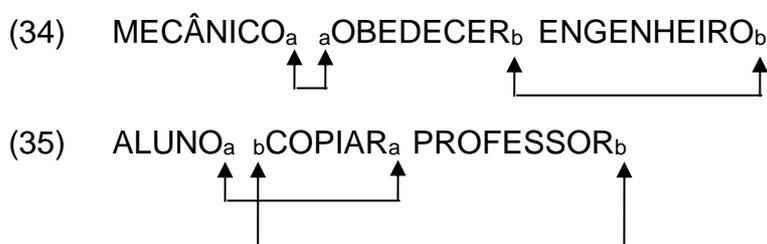


Nos exemplos acima, os verbos simples APRENDER (32) e CONHECER (33) não apresentam flexão morfológica de concordância com os traços de pessoa, número e localização. Esses verbos, por não

⁴⁵ Embora não apresentem complexidade morfológica de concordância, esses verbos podem receber flexão aspectual (PFAU, STEINBACH & WOLL 2012).

apresentarem complexidade morfológica, não sofrem alteração, tanto na forma manual quanto na trajetória de movimento, para desencadear a concordância sintática com seus argumentos.⁴⁶

Diferentemente, a classe dos verbos com concordância possui complexidade morfológica para a marcação da concordância. Esses são verbos que apresentam flexão de pessoa, número e localização (QUADROS & QUER, 2008, 2010), assumindo trajetória de movimento entre pontos distintos situados no espaço de sinalização (i.e., seus argumentos), podendo apresentar uma concordância regular (34), ou reversa (35):

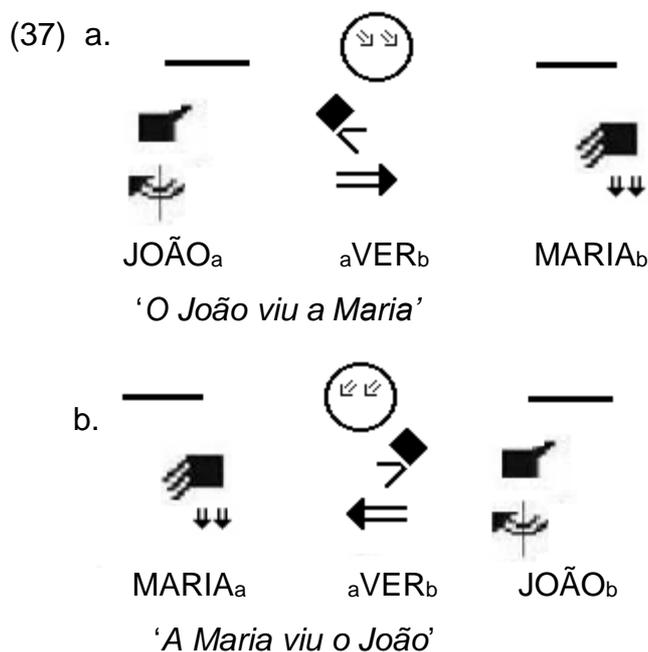


A concordância sintática nas sentenças (34) e (35) é estabelecida manualmente por meio da trajetória realizada pelo verbo ao percorrer o *locus* marcado pelos nominais. Apesar da concordância dessa classe verbal ser estabelecida pela alteração da trajetória do movimento, verbos com concordância regular e reversa apresentam um desencadeamento diferente quanto a trajetória, como em (36) e (37) abaixo. É importante ressaltar que a concordância plena dessa classe verbal com seus respectivos argumentos pode não ser totalmente realizada. A concordância estabelecida, tanto por verbos regulares quanto por reversos, pode ser opcional com o sujeito, ou seja, neutra (NEIDLE *et al*, 2000), como em (36a) e (36b). Lillo-Martin e Meier (2011) observam, inclusive, que há uma primazia do objeto quanto ao estabelecimento da concordância. Em resumo, verbos com concordância podem apresentar concordância parcial, marcando obrigatoriamente o objeto da sentença, enquanto a marcação com o sujeito pode ser neutra (i.e., opcional).

⁴⁶ A concordância em verbos simples pode ser engatilhada por traços não manuais, como a inclinação da cabeça e a direcionalidade do olhar para marcar sujeito e objeto da sentença (NEIDLE *et al*, 2000). Tais traços funcionais não-manuais de concordância sintática não serão contemplados neste trabalho.

- (36) a. NEUVERBO_{OBJ} (Verbo com concordância regular)
 b. OBJVERBO_{NEU} (Verbo com concordância reversa)

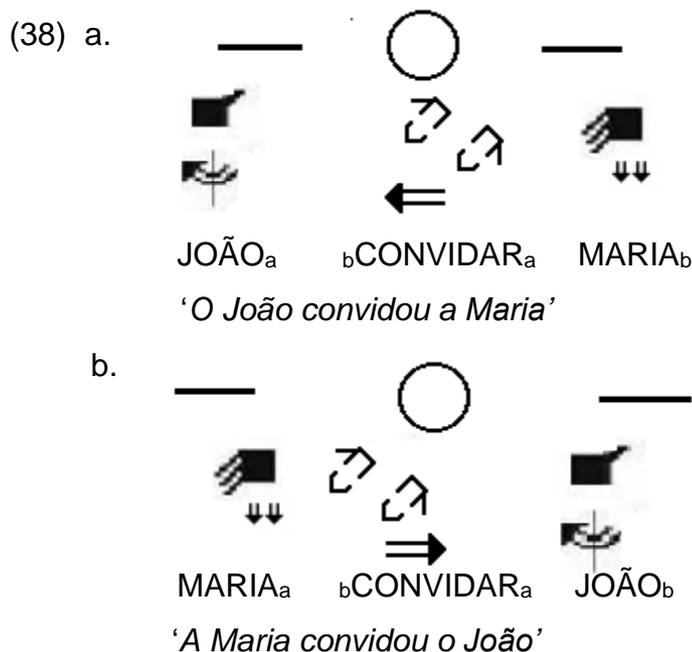
Verbos biargumentais de concordância regular plenamente realizada iniciam o trajeto do movimento no ponto do espaço onde incide a marca do sujeito e percorrem o espaço de sinalização até o ponto no espaço onde o objeto é marcado, como em (37a) e (37b), e configuram uma relação de concordância $SUJVERBO_{OBJ}$ (LOURENÇO, 2014).



Note que em (37a) o verbo inicia sua trajetória no espaço onde incide o argumento externo, JOÃO, e finaliza no ponto em que o argumento interno, MARIA, é localizado espacialmente. O mesmo ocorre em (37b), em que o verbo *ver* realiza uma trajetória do *locus* do sujeito até o *locus* do objeto da sentença, estabelecendo a relação início/fim do trajeto com a concordância sujeito/objeto.

Semelhantemente aos verbos com concordância regular, os verbos biargumentais com concordância reversa (*Backward Verbs*) plenamente realizados selecionam seus argumentos e estabelecem a concordância espacialmente, porém de forma invertida, como em (38a) e (38b). Morfologicamente a concordância é marcada pela trajetória do movimento iniciada no *locus* objeto e finalizada no *locus* sujeito, caracterizando uma

relação $OBJ/VERBO_{SUJ}$, ou seja, é estabelecida a relação início/fim do trajeto com a concordância objeto/sujeito.



Observe que, diferentemente da concordância regular, verbos reversos, como *convidar* em (38), apresentam a trajetória do movimento iniciada no objeto e percorre o espaço de sinalização até o sujeito. É importante ressaltar que, apesar de a concordância se realizar de forma invertida, a ordem básica da sentença permanece SVO.

Algumas análises empíricas defendam que esse tipo de concordância é engatilhado por aspectos semânticos do léxico, ou seja, por propriedades temáticas (JANIS, 1992, 1995; MEIER, 1998, 2002). Janis (1992, 1995) postula que a concordância não é desencadeada pelo verbo, mas pelos traços dos nominais envolvidos. Para a autora, a concordância pode ser locativa e não-locativa e, essa última, ela denomina como caso direto. Os nominais que recebem caso direto podem ser definidos como sujeito, objeto direto ou objeto indireto, estabelecendo concordância, assim, a partir dos argumentos nominais do verbo.

Meier (2002) argumenta que o desencadeamento da concordância verbal se dá na relação sintática e temática. Para a autora, os verbos que desencadeiam concordância envolvem uma relação de transferência, seja abstrata ou concreta. Nesse sentido, a direcionalidade da concordância é

articulada diretamente entre a FONTE e ALVO. Meier (2002) apresenta dois Princípios morfológicos das LSs que caracterizam a concordância: (i) O movimento da trajetória da concordância dos verbos inicia na fonte e se encerra no alvo. (ii) A palma da (s) mão (s) é mantêm sua direção ao argumento interno (objeto) ao longo da trajetória. Nesse sentido, para a autora, a concordância seria marcada pela orientação da palma da mão e não pela trajetória do movimento do verbo, assim, na realização de um verbo com concordância, a palma da mão estaria direcionada para o ALVO e o seu dorso para a FONTE.

Apesar dessas análises, autores como Quadros & Quer (2008, 2010) postulam que a concordância desencadeada pelos verbos nas LSs seria um reflexo estritamente morfossintático, uma vez que o mesmo verbo pode assumir uma concordância regular em uma LS e reversa em outra. Os autores apresentam como evidência o verbo PERGUNTAR (ASK), que em Libras é um verbo de concordância regular e na Língua de Sinais Catalã (LSC) é um verbo de concordância reversa. Além disso, em LSC, o verbo EMPRESTAR apresenta duas formas coexistentes entre os falantes, com concordância reversa e simples. De fato, conforme defendido pelos autores, não parece evidente que a concordância reversa seja um reflexo morfossintático da grade temática do verbo.

Em geral, as LSs possuem um grupo muito restrito de verbos que desencadeiam concordância reversa. Quadros & Quer (2008) apresentam um levantamento realizado em Libras (39) e em LSC (40) dessa categoria.

(39) TAKE/GET/PICK-UP, CHOOSE, COPY, IMITATE, PERCEIVE, EXPLOIT, INVITE, SUMMON // ASK-FOR, BORROW, STEAL

(40) TAKE/BUY, CHOOSE, GET/GUESS, SUMMON, COPY, INVITE, UNDERSTAND// ASK, STEAL, TAX

Os autores concluem que a posição do sujeito é ocupada prioritariamente por uma expressão nominal animada. Contudo, o objeto pode ser uma expressão nominal animada ou inanimada. Após uma análise minuciosa sobre a caracterização da concordância desses verbos,

Quadros & Quer (2008) concluem que a concordância estabelecida em verbos reversos é locativa e não reflete uma relação morfossintática de valoração de traços com os argumentos sintáticos (QUADROS & QUER, 2008: 80), como sugerido por Meir (2002).

Vimos até aqui que a Libras, por sua modalidade visual, desencadeia a concordância morfossintaticamente no espaço de sinalização. Em linhas gerais, a concordância verbal em Libras é estabelecida da seguinte forma:

- (i) Verbos simples não apresentam morfologia de concordância;
- (ii) Verbos com concordância regular apresentam concordância entre os argumentos, relacionando a trajetória do movimento iniciada no *locus* sujeito e finalizada no *locus* do objeto;
- (iii) Verbos com concordância reversa apresentam concordância locativa, relacionando a trajetória do movimento iniciada no *locus* no objeto e finalizada no *locus* do sujeito.
- (iv) A concordância com o sujeito em verbos com concordância é opcional;
- (v) A concordância com o objeto em verbos com concordância é obrigatória.

Há, ainda, a categoria do verbo auxiliar (Aux) que vem sendo amplamente discutida na literatura sobre LSs. Nos centraremos na próxima seção na apresentação dessa categoria em Libras, a partir das análises de Quadros (1999), Quadros & Quer (2008, 2010) e Lourenço (2014).

3.5.

A categoria Auxiliar

A categoria lexical denominada de auxiliar (Aux) pode ser encontrada em diversas LSs, como *Taiwan Sign Language* (TSL – SMITH, 1990), *German Sign Language* (Deutsche Gebärdensprache – DGS – RATHMANN, 2001) e em *Sign Language of the Netherlands* (NGT – COKART, 2013), entre outras.

Em Libras, bem como em LSC, Aux (figura 6) tem sido definido como pura forma de concordância sintática (QUADROS, 1999; QUADROS & QUER, 2010). Essa forma engatilha a mudança da ordem sintática de SVO, como visto anteriormente, para SOV e OSV. (QUADROS, 1999; QUADROS & KARNOPP, 2004; QUADROS & QUER 2008, 2010). Ela é sinalizada como uma forma indexical (IX) (i.e., um “apontamento”) que realiza uma trajetória no espaço de sinalização, a fim de estabelecer concordância sintática entre o sujeito e o objeto da sentença.



Figura 9. Verbo Auxiliar
(QUADROS & KARNOPP, 2004: 165)

Por ser a pura marcação da concordância, Aux não expressa marca de tempo, aspecto, modalidade ou voz gramatical. Essa categoria realiza estritamente a concordância entre sujeito e objeto da sentença, mantendo uma configuração $SUJAUXOBJ$, mesmo na presença de verbos com concordância reversa. Segundo Quadros (1999), a co-ocorrência de Aux com verbos com concordância ocorre apenas se a concordância do verbo da sentença for parcial (i.e., concordância apenas com objeto). Além disso, a marcação da concordância do verbo apenas com sujeito é agramatical (QUADROS & QUER 2008, 2010).

Quadros e Quer (2008, 2010) assumem que Aux apenas estabelece concordância se os referentes da sentença forem animados, podendo ocorrer com verbos simples (41) e com verbos reversos, quando a concordância é realizada apenas com o objeto (43). Porém, não ocorre na presença de verbos de concordância regular, exceto se a marca de concordância não for estabelecida. Assim, (42) só será gramatical se não houver concordância com objeto, o que estamos marcando com o uso de parênteses.

- (41) CARLOS_a MARIA_b aAUX_b AMAR
 “*Carlos ama Maria*”
- (42) JOÃO_a GATO_b aAUX_b VER(*b)
 “*João viu o gato*”
- (43) PROFESSOR_a ALUNO_b aAUX_b (b) CHAMAR
 “*O professor chamou o aluno*”

Por ser a expressão da concordância sintática, Aux pode aparecer junto a verbos simples (QUADROS, 1999), uma vez que esses não apresentam morfologia de concordância com seus argumentos, como visto em (41). Entretanto, em verbos com concordância regular (42), para Quadros e Quer (2008), o Aux só poderá ser realizado se a concordância, tanto com sujeito quanto com o objeto, for neutra. Sendo agramatical para os autores, a presença de Aux com verbos regulares com marca de concordância morfológica plenamente ou parcialmente realizada.

Quanto a realização de Aux juntamente com verbos de concordância reversa (43), para Quadros e Quer (2008, 2010), essa pode ocorrer apenas com concordância parcial, ou seja, com concordância morfológicamente realizada com o objeto ou com concordância não realizada. Os autores atentam, também, que nem todos os verbos reversos podem co-ocorrer com a categoria Aux, “*visto que verbos reversos podem admitir objetos animados e inanimados, é possível prever que o Aux pode aparecer apenas com os primeiros e não com os segundos*” (QUADROS & QUER 2008:82).

Contudo, Lourenço (2014) questiona o *status* de auxiliar da categoria Aux.⁴⁷ Para o autor, tanto em (44) como em (45), Aux é um marcador de topicalização do sujeito e do objeto (movimento A-barras simultâneo).

⁴⁷ Lourenço (2014) realiza uma análise teórica quanto a concordância de verbos regulares e reversos a partir da observação do comportamento de Aux, e propõe que tal categoria seja grafada como xIX_y . Lourenço conclui que Aux seria um marcador de tópico dos argumentos dos verbos.

(44) Sentença com verbo de concordância regular e aIX_b :

<MARIA_a>_{top} <JOÃO_b> _{top} <aIX_b>_{top} AJUDAR_b
 “A Maria ajuda o João”

(45) Sentença com verbo de concordância reversa e aIX_b :⁴⁸

<MARIA_a>_{top} <JOÃO_b> _{top} <aIX_b>_{top} bCONVIDAR
 “A Maria convida o João”

A proposta de Lourenço (2014) prevê que a co-ocorrência de Aux com verbos de concordância regular é possível, como em (41), considerando agramatical a ausência da concordância no verbo da sentença, uma vez que essa é obrigatória. Assim, contra Quadros & Quer (2008; 2010), Lourenço (2014) defende que a categoria pode co-ocorrer não apenas com verbos reversos (43), mas também regulares (42), quando a concordância é apenas com o objeto. Assim, obtemos, em (46) e (47), a seguinte configuração quanto a realização da concordância do verbo na presença de Aux para Lourenço (2014):

(46) Concordância Regular:⁴⁹

- a. JOÃO_a MARIA_b aAUX_b AJUDAR_b
- b. * JOÃO_a MARIA_b aAUX_b AJUDAR_a
- c. */? JOÃO_a MARIA_b aAUX_b bAJUDAR_a
- d. * JOÃO_a MARIA_b aAUX_b AJUDAR .

(47) Concordância Reversa:⁵⁰

- a. JOÃO_a MARIA_b aAUX_b bCONVIDAR
- b. * JOÃO_a MARIA_b aAUX_b CONVIDAR_a

⁴⁸ Exemplos extraídos de Lourenço (2014:142).

⁴⁹ Exemplos extraídos de Lourenço (2014:124).

⁵⁰ Exemplos extraídos de Lourenço (2014:122).

- c. */? JOÃO_a MARIA_b aAUX_b bCONVIDAR_a
 d. * JOÃO_a MARIA_b aAUX_b CONVIDAR

Resumindo as previsões estabelecidas por Quadros & Quer (2008, 2010) e de Lourenço (2014) quanto a realização da concordância frente à presença de Aux, temos o seguinte:

- Quadros e Quer (2008, 2010):

- (i) Aux é um marcador de concordância sintática de sujeito e objeto
- (ii) Pode co-ocorrer com verbos simples
- (iii) Não pode co-ocorrer com verbos de concordância regular, exceto se esses apresentarem concordância neutra com sujeito e com objeto
- (iv) Pode co-ocorrer com verbos reversos com argumentos animados e com marca de concordância parcial, ou seja, apenas com o objeto, ou concordância neutra com sujeito e com objeto.

- Lourenço (2014):

- (i) Aux é um marcador de tópico de movimento simultâneo de sujeito e objeto
- (ii) Pode co-ocorrer com verbos simples
- (iii) Pode co-ocorrer com verbos de concordância regular, exceto se esses apresentarem concordância neutra com sujeito e com objeto
- (iv) Pode co-ocorrer com verbos reversos com argumentos animados e com marca de concordância parcial, ou seja, apenas com o objeto, exceto se esses apresentarem concordância neutra com sujeito e com objeto
- (v) A ausência da concordância total do verbo da sentença (regular ou reverso) é agramatical, mesmo na presença de Aux.

Com base na apresentação deste capítulo, passaremos agora para o capítulo 4, onde apresentamos o design do experimento por nós realizado, os resultados obtidos e a discussão dos mesmos. O experimento por nós

proposto assumiu como sentenças-alvo estruturas com verbos com concordância regular ou reversa, manifestas de modo parcial ou neutro, com co-ocorrência, ou não, da categoria Aux.

4

Concordância Verbal: Investigando Experimentalmente a Competência de Falantes de Libras

Nosso trabalho caracteriza-se em uma investigação teórico-experimental com o objetivo de averiguar a competência gramatical, quanto a concordância verbal, de falantes de Libras: nativos, Surdos Filhos de Pais Surdos (SFPS), e não-nativos, Surdos Filhos de Pais não-Surdos (SFPnS) com idades distintas de primeira exposição a essa língua. Para isso, assumimos os seguintes objetivos específicos em nossa pesquisa, como exposto no Capítulo 1 dessa dissertação:

- Averiguar experimentalmente a competência gramatical de falantes de Libras com diferentes idades de primeira exposição à gramática da língua, relativamente à concordância verbal.

- Verificar a partir dos resultados obtidos qual proposta teórica para a concordância em Libras tem melhor cobertura empírica, se a de Quadros & Quer (2008, 2010) ou a de Lourenço (2014).

Neste capítulo, portanto, apresentamos e discutimos os resultados do experimento realizado, que consistiu em uma tarefa de julgamento de aceitabilidade, a fim de investigar a hipótese de que SFPnS possuem sensibilidade gramatical diferenciada em relação à SFPS.

4.1.

Testando Experimentalmente a Concordância Verbal em SFPSs e SFPnSs⁵¹

No experimento por nós conduzido, adultos falantes de Libras foram solicitados a emitir voluntariamente julgamento intuitivo a respeito da gramaticalidade de algumas sentenças com verbos com concordância regular e reversa, com concordância manifesta apenas com o objeto (i.e,

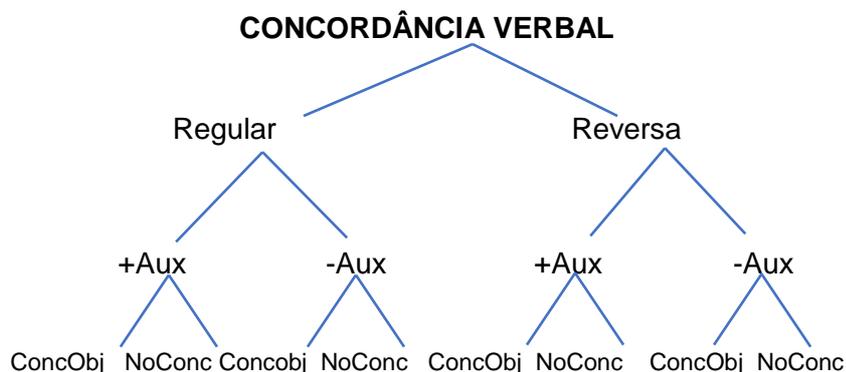
⁵¹ O experimento está disponível na íntegra no apêndice desta dissertação.

concordância parcial) e não manifesta (i.e, concordância neutra), na presença e na ausência a categoria denominada de auxiliar (Aux).⁵² O objetivo geral do experimento foi verificar se SFPS e SFPnS apresentam a mesma sensibilidade gramatical quanto a concordância com verbos regulares e reversos.

4.2.

Design experimental

Como já apresentado no Capítulo 1, tomamos como variáveis independentes: o *Tipo de Verbo* (regular vs. reverso), o verbo *Auxiliar* (presença vs. ausência) e a manifestação da *Concordância* (parcial [apenas com o objeto] vs. neutra [sem marca de concordância tanto com o sujeito como com objeto]). Obtivemos, portanto, um design fatorial 2x2x2, conforme mostra o esquema abaixo.



Obtivemos, portanto, oito condições experimentais com verbos com concordância regular ou reversa na presença ou ausência do auxiliar (Aux), com concordância parcial ou neutra no verbo da sentença. Para cada condição experimental, foram criados 4 itens experimentais, obtendo um total de 32 itens-alvo. Os dados abaixo ilustram as sentenças-alvo utilizados por condição.⁵³

⁵² Sobre a natureza da categoria Auxiliar ver seção 3.4 do capítulo 3.

⁵³ Para a lista completa dos itens-experimentais, ver Anexo 1.

(C1) Verbo Regular, + AUX, Concordância com o objeto

- (1) JOANA_a ANDRÉ_b _aAUX_b VER_b

(C2) Verbo Regular, + AUX, Sem concordância

- (2) BRUNA_a SANDRO_b _aAUX_b CUIDAR

(C3) Verbo Regular, -AUX, Concordância com o objeto

- (3) ANA_a VIGIAR_b CARLA_b

(C4) Verbo Regular, -AUX, Sem concordância

- (4) ABEL_a PROVOCAR JAIR_b

(C5) Verbo Reverso, +AUX, Concordância com o objeto

- (5) RAIANE_a BRENDA_b _aAUX_b _bEXPLORAR

(C6) Verbo Reverso, +AUX, Sem concordância

- (6) ANDERSON_a JANETE_b _aAUX_b EXTORQUIR

(C7) Verbo Reverso, -AUX, Concordância com o objeto

- (7) MARIA_a _bIMITAR CARLOS_b

(C8) Verbo Reverso, -AUX, Sem concordância

- (8) CRISTINA_a CONVIDAR TAIS_b

Como já apresentado no capítulo 3, para Quadros & Karnopp (2004), sentenças com verbos regulares e reversos podem assumir a ordem básica

SVO. Contudo, a presença da categoria Aux desencadeia a ordem SOV. Assim, no experimento, as sentenças-alvo na ausência de Aux foram estruturas com a ordem SVO e, na presença de Aux, com a ordem SOV.

Quadros (1999) e Lourenço (2014) observam que verbos de concordância (isto é, verbos não simples) podem apresentar tanto concordância cheia (i.e., concordância com o sujeito e o objeto), como concordância parcial (i.e., concordância só com o objeto). Desse modo, decidimos contrastar concordância verbal parcial com ausência total de concordância (neutra), isso para termos itens tanto gramaticais como agramaticais.

Conforme discutido na seção 3.4 do capítulo 3, existe interação entre concordância verbal e Aux de tal modo que independentemente do tipo de verbo (reverso ou regular), temos as seguintes restrições em Libras:

- A presença de Aux engatilha a estrutura SOV
- A concordância cheia não é licenciada na presença do Aux
- Na ausência de Aux, a concordância verbal tem de ser pelo menos parcial

Quando a concordância verbal ocorre na presença de Aux, há uma divergência na literatura sobre a sua aceitabilidade:

- Quadros & Quer (2008, 2010) afirmam que na presença de Aux temos que:

- (i) Verbos regulares com concordância parcial são agramaticais
- (ii) Verbos regulares sem concordância são gramaticais
- (iii) Verbos reversos com concordância parcial são gramaticais
- (iv) Verbos reversos sem concordância são gramaticais

- Lourenço (2014), em contraste, argumenta que, na presença de Aux, observa-se:

- (i) Verbos regulares com concordância parcial são gramaticais
- (ii) Verbos regulares sem concordância são agramaticais

- (iii) Verbos reversos com concordância parcial são gramaticais
- (iv) Verbos reversos sem concordância são agramaticais

Desse modo, temos as seguintes previsões sobre os itens-alvo usados no nosso experimento:

Previsão dos autores por condição		
Condição Experimental	Quadros & Quer (2008, 2010)	Lourenço (2014)
C1	Inaceitável	Aceitável
C2	Aceitável	Inaceitável
C3	Aceitável	Aceitável
C4	Inaceitável	Inaceitável
C5	Aceitável	Aceitável
C6	Aceitável	Inaceitável
C7	Aceitável	Aceitável
C8	Inaceitável	Inaceitável

Tabela 1: Previsão de Quadros & Quer (2010) e Lourenço (2014) por condição Experimental

Além das 32 sentenças-alvo, elaboramos 32 sentenças distratoras envolvendo posição de advérbio, topicalização (com resumptivo e sem resumptivo), posição de pronome interrogativo (movido e *in situ*) e coordenação/seriação⁵⁴ com verbos de movimento. Abaixo oferecemos um exemplo de cada tipo de sentença distratora usada.

D1: Posição de advérbio

- (9) JOÃO_a PAGAR SEUNDA-FEIRA CONTA_b
 “O João pagará a conta na segunda-feira”

⁵⁴ Estruturas verbais seriadas são caracterizadas como o encaixamento de dois ou mais verbos em uma sentença, compartilhando os mesmos argumentos externo e interno (Backer & Stewart, 2002). O primeiro estudo sobre tais estruturas em um LS foi realizado por Supalla (1990) investigando-as em ASL.

D2: Topicalização (com resumptivo e sem resumptivo)

- (10) a. <LIVROS_a>_{top} PAULO_b LER IX_a
 “Os Livros, o Paulo leu os leu”
 b. <ALGUNS FRUTAS_a>_{top} ERICK_b COMER
 “Algumas frutas, o Erick come”

D3: Posição de pronome interrogativo (movido e *in situ*)

- (11) a. O-QUE NATALLIA SENTIR?
 “O que a Natália sente?”
 b. CHEFE RECLAMAR PORQUE
 “Porque o chefe reclamou?”

D4: Coordenadas com verbo de movimento

- (12) PRÍNCIPE ANDAR-A-CAVALO IR-RETO
 “O príncipe seguiu cavalgando”

As estruturas distratoras foram escolhidas de modo a equilibrar o número de sentenças gramaticais e agramaticais.

4.3.**Método experimental***Participantes*

Participaram voluntariamente do experimento 65 sinalizantes de Libras residentes da cidade do Rio de Janeiro. Todos adultos com idades entre 18 e 63 anos. Subdividimos a amostra em cinco grupos⁵⁵, assumindo como referência a idade de primeira exposição à Libras:

⁵⁵ Não foi encontrada dispersão significativa entre os participantes por grupo. Considera-se, portanto, que a amostra é homogênea.

GRUPO 1: SFPS com exposição desde o nascimento: 20 sinalizantes⁵⁶

GRUPO 5: SFPnS 45 sinalizantes, destes:

GRUPO 2: 15 com primeira exposição entre 2 e 4 anos

GRUPO 3: 15 com primeira exposição entre 5 e 7 anos

GRUPO 4: 15 com primeira exposição 8 anos em diante

Na estruturação da amostra, tentamos controlar o fator externo nível de escolaridade. Todos os participantes possuem formação mínima de ensino médio completo e a maioria encontra-se cursando nível superior (graduação). Abaixo apresentamos, em resumo, os dados sociolinguísticos dos voluntários ao teste⁵⁷:

Grupos	Nº de participantes	Idade	Idade de primeira exposição	Tempo de convívio com a comunidade surda (%)		Formação (%)		
				Desde criança	100%	E. Médio	E. Superior	
SFPS	20	18-63 anos	Desde o nascimento	Desde criança	100%	E. Médio	30%	
SFPnS1	15		2 – 4 Anos		10 -20 anos	40%	E. Médio	40%
					21 – 30 Anos	54%		
					> 31 anos	6%		
SFPnS2	15		5 – 7 Anos		1 - 10 Anos	46%	E. Médio	26%
					11 - 20 Anos	34%		
					> 21 anos	20%		
SFPnS3	15		> 8 anos		1 - 10 Anos	40%	E. Médio	47%
					11 - 20 Anos	26%		
					> 21 anos	34%		
							E. Superior	70%
							E. Superior	60%
						E. Superior	74%	
						E. Superior	53%	

Tabela 2: Descrição sociolinguística da amostra de participantes

Não foi controlada a proficiência em língua portuguesa oral e/ou escrita nos grupos de participantes, uma vez que a comunidade surda brasileira, em especial a residente no Rio de Janeiro, apresenta heterogeneidade quanto ao conhecimento linguístico oral e/ou escrito dessa língua. Ao longo da vida e de sua escolarização, os sujeitos surdos

⁵⁶ A amostra inicial contou com 22 participantes SFPS. Contudo, um participante atribuiu 1 para todas as sentenças do experimento e outro, do mesmo modo, atribuiu 5. Devido a isso, optamos por excluir esses dois sujeitos de nossa análise.

⁵⁷ Os dados por participante e a ficha de coleta de dados sociolinguísticos estão disponíveis no apêndice dessa dissertação.

são expostos à diversos estímulos da língua da comunidade majoritária, o português brasileiro, refletindo em diferentes níveis de bilinguagem entre os participantes, inclusive os SFPS. Contudo, o fenômeno analisado nessa dissertação trata-se de estruturas morfossintaticamente construídas nas relações espaciais (visuais) entre verbos e seus argumentos. Nesse sentido, acreditamos que a alta variação de proficiência em língua portuguesa (oral e/ou escrita) em todos os grupos e por essa ser uma língua de modalidade oral-auditiva, o fato de não termos controlado tal proficiência entre os voluntários não se trataria de um complicador para a geração dos dados da pesquisa.

Material

- Computador notebook (*Samsung*) para apresentação do teste;
- Arquivo da tarefa em PowerPoint;
- Folha de respostas individual na escala Likert (1-5) (cf. Anexo 2);
- Folha com informações sociolinguísticas: idade atual, idade de primeira exposição à Libras, domínio de Libras no ambiente familiar, tempo de convívio com a comunidade surda do Rio de Janeiro, formação acadêmica. (Cf. Anexo 3);
- TCLE - Termo de consentimento Livre e Esclarecido (cf. Anexo 4)
- Declaração de participação no experimento (cf. Anexo 5)

Procedimento

O experimento foi rodado no Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (DESU/INES), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e no setor de ensino fundamental-1 do INES.

Primeiramente, os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), onde deixamos claro que a participação era voluntária e que a tarefa não acarretaria qualquer risco maior para o participante, mas, também, não implicaria em qualquer tipo de benefício. Além disso, informamos o tempo aproximado de duração da tarefa. O experimentador também deixou claro que a tarefa poderia ser interrompida a qualquer momento, de acordo com o desejo e as necessidades do

informante.⁵⁸ Em um segundo momento, os participantes foram expostos a sequência de slides/vídeos contendo os estímulos do experimento.

O teste foi estruturado em PowerPoint, gerando uma apresentação de 132 slides. O primeiro slide continha a folha de rosto. No segundo slide, um vídeo em Libras gravado pelo experimentador explicando a tarefa e o procedimento. Os slides seguintes (128 no total) continham os itens do experimento, cuja exibição foi randomizada por participante. Cada slide/vídeo contendo as sentenças do experimento era antecedido por um slide contendo o número da sentença. Os slides experimentais foram interrompidos no meio por um slide de descanso com um vídeo cômico mudo denominado “Jacaré não é tronco”,⁵⁹ com duração de 49 segundos.

A tarefa de cada participante era assistir uma sentença-vídeo por vez e atribuir em uma folha de resposta uma nota de 1 a 5 para a sentença vista. Os participantes estavam no controle do tempo, de modo que eles mesmos realizavam a passagem dos slides, mas não lhes era permitido retroceder e rever notas já atribuídas. No final do experimento, o participante preenchia com a ajuda do experimentador a folha de dados sociolinguísticos e, depois, recebia uma declaração de participação no experimento. Todas as folhas de respostas e de dados sociolinguísticos foram mantidas pelo experimentador. Abaixo, foto de uma das situações experimentais:

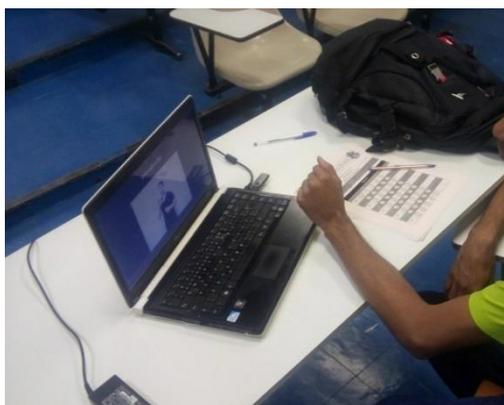


Figura 10 – aplicação do experimento na UFRJ

⁵⁸ Dois informantes desistiram no meio da tarefa. Os resultados parciais desses informantes não estão sendo computados aqui.

⁵⁹ Extraído do domínio público: <https://www.youtube.com/watch?v=6TkrNFCN9z8>.

Em resumo, nosso experimento consistiu em tarefa de Julgamento de aceitabilidade, em que falantes de Libras (SFPS e SFPnS) emitiram notas de um 1 a 5 (Uso de escala Likert de 5 pontos, onde 1 = ruim e 5 = ótimo) a sentença envolvendo concordância verbal.

4.4.

Resultados

Os resultados foram estatisticamente tratados por medidas repetidas (ANOVA). No que se segue apresentamos os dados estatísticos na seguinte ordem. Primeiramente, os dados de cada grupo e, em seguida, a comparação entre os grupos.

4.4.1.

Resultados por grupo⁶⁰

- **GRUPO 1** (SFPS - exposição desde o nascimento): dois fatores acarretaram efeitos principais significativos. São eles: *Tipo de Verbo*: $F(1,19) = 7,8$ $p = .011$ (cf. Gráfico 1); *Auxiliar*: $F(1,19) = 14,5$ $p = .001$ (cf. Gráfico 2). O *Tipo de Concordância*, parcial ou neutra, não acarretou efeito significativo.

⁶⁰ Para os itens distratores (i) Pronome interrogativo movido (ii) Pronome interrogativo duplicado e (iii) Coordenação de eventos alternados no tempo, os grupos de SFPS e SFPnS demonstraram uma aparente evidência de que tais estruturas podem atribuir aceitabilidades gramaticais distintas. Observamos que quanto maior é a idade de primeira exposição à Libras (SFPnS3), menor é a média recebida nesses itens em relação ao grupo de SFPS. Contudo, as distratoras desse trabalho apenas apresentam estruturas em potencial para se analisar em estudos futuros sobre a competência gramatical desses grupos, uma vez que esses itens, em nosso estudo, não possuem controle e quantidade o suficiente para realizarmos conclusões mais robustas.

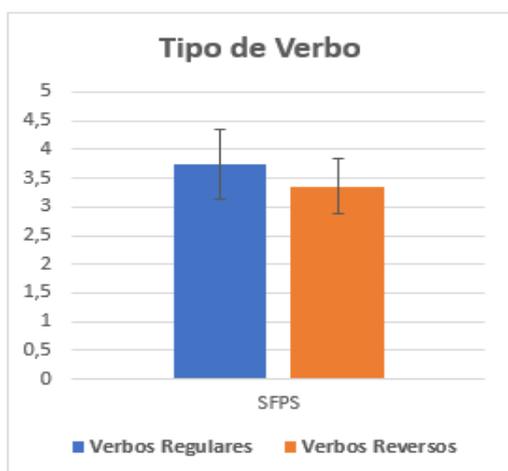


Gráfico 1 - Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função do *Tipo de Verbo* de SFPS.

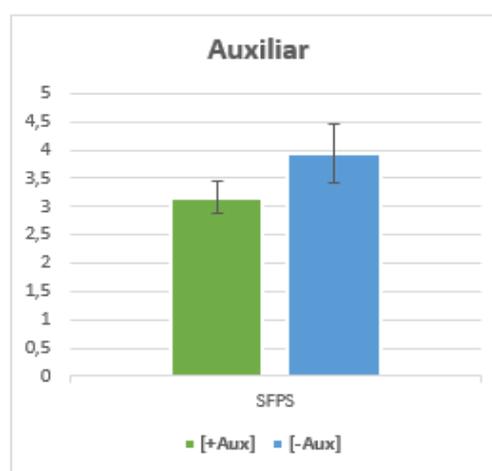


Gráfico 2 - Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função da *categoria Aux* de SFPS.

Multivariate Tests^{a,b}

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.
tipoverbo	Pillai's Trace	,292	7,834 ^c	1,000	19,000	,011
	Wilks' Lambda	,708	7,834 ^c	1,000	19,000	,011
	Hotelling's Trace	,412	7,834 ^c	1,000	19,000	,011
	Roy's Largest Root	,412	7,834 ^c	1,000	19,000	,011
auxiliar	Pillai's Trace	,433	14,531 ^c	1,000	19,000	,001
	Wilks' Lambda	,567	14,531 ^c	1,000	19,000	,001
	Hotelling's Trace	,765	14,531 ^c	1,000	19,000	,001
	Roy's Largest Root	,765	14,531 ^c	1,000	19,000	,001
agr	Pillai's Trace	,040	,796 ^c	1,000	19,000	,384
	Wilks' Lambda	,960	,796 ^c	1,000	19,000	,384
	Hotelling's Trace	,042	,796 ^c	1,000	19,000	,384
	Roy's Largest Root	,042	,796 ^c	1,000	19,000	,384
tipoverbo * auxiliar	Pillai's Trace	,076	1,567 ^c	1,000	19,000	,226
	Wilks' Lambda	,924	1,567 ^c	1,000	19,000	,226
	Hotelling's Trace	,082	1,567 ^c	1,000	19,000	,226
	Roy's Largest Root	,082	1,567 ^c	1,000	19,000	,226
tipoverbo * agr	Pillai's Trace	,164	3,738 ^c	1,000	19,000	,068
	Wilks' Lambda	,836	3,738 ^c	1,000	19,000	,068
	Hotelling's Trace	,197	3,738 ^c	1,000	19,000	,068
	Roy's Largest Root	,197	3,738 ^c	1,000	19,000	,068
auxiliar * agr	Pillai's Trace	,008	,145 ^c	1,000	19,000	,708
	Wilks' Lambda	,992	,145 ^c	1,000	19,000	,708
	Hotelling's Trace	,008	,145 ^c	1,000	19,000	,708
	Roy's Largest Root	,008	,145 ^c	1,000	19,000	,708
tipoverbo * auxiliar * agr	Pillai's Trace	,281	7,436 ^c	1,000	19,000	,013
	Wilks' Lambda	,719	7,436 ^c	1,000	19,000	,013
	Hotelling's Trace	,391	7,436 ^c	1,000	19,000	,013
	Roy's Largest Root	,391	7,436 ^c	1,000	19,000	,013

a. Grupo = SFPS

Tabela 3: Resultado do teste de multivariáveis para o Grupo 1

Os resultados dos efeitos principais para este grupo nos levam a crer que falantes nativos de Libras possuem sensibilidade quanto ao tipo de verbo empregado, com alta preferência por verbos que desencadeiam concordância regular. Os dados apontam, também, que há uma preferência quanto à ausência de Aux.

Não foram encontrados efeitos de interação significativos para esta amostra.

- **GRUPO 2** (SFPnS1- primeira exposição entre 2 e 4 anos): efeitos significativos em dois dos fatores principais: *Tipo de Verbo* $F(1,14) = 12,9$ $p = .003$ (cf. Gráfico 3); *Auxiliar*. $F(1,14) = 6,9$ $p = .02$ (cf. Gráfico 4).

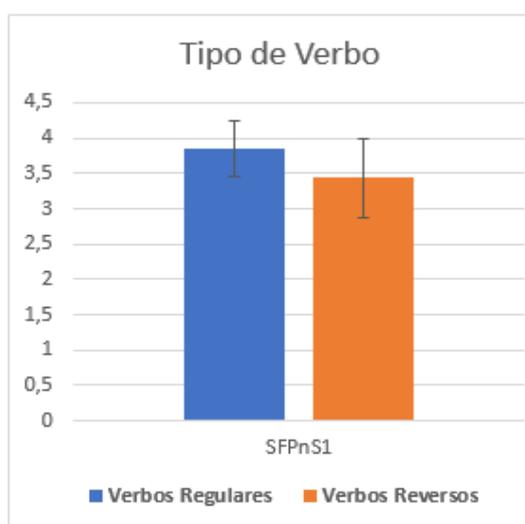


Gráfico 3 - Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função do *Tipo de Verbo* de SFPnS1.

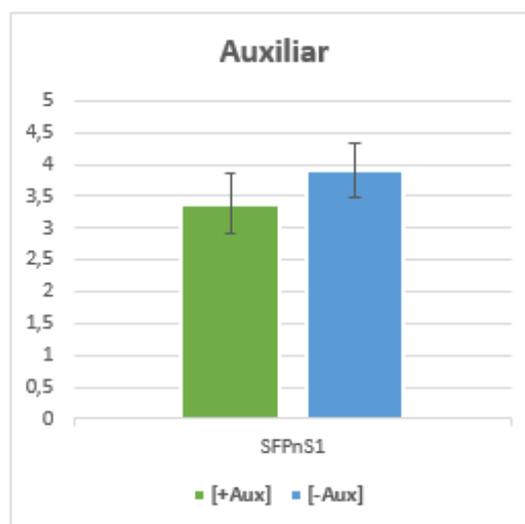


Gráfico 4 - Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função da categoria *AUX* de SFPnS1.

Os resultados dos efeitos principais para este grupo nos induzem às observações consoantes às do primeiro grupo (SFPS), com alta preferência pelo emprego de verbos com concordância regular e pela ausência da categoria Aux. Contudo, diferentemente da amostra de SFPS, esse grupo apresentou efeito significativo na interação entre *Aux* e o *Tipo de Concordância*: $F(1,14) = 30,4$ $p < .001$ (cf. Gráfico 5). Isto é, sentenças com a presença de Aux e concordância neutra no verbo da sentença (+Aux-NoConc) receberam um valor menor em relação às outras estruturas.

Diferentemente, sentenças com a ausência de Aux e concordância neutra no verbo da sentença (-Aux-NoConc) foram mais aceitas.

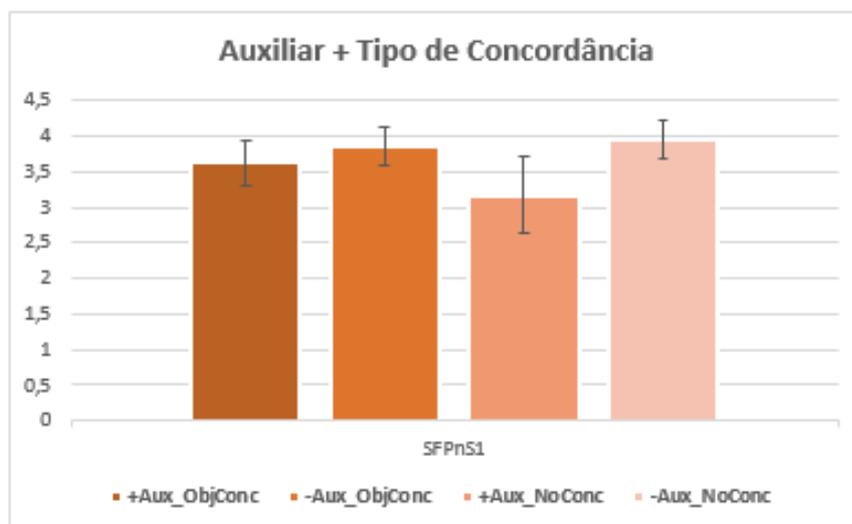


Gráfico 5 - Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função da interação de *Auxiliar* e *Tipo de Concordância* de SFPnS1.

Multivariate Tests^{a,b}

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.
tipoverbo	Pillai's Trace	,479	12,882 ^c	1,000	14,000	,003
	Wilks' Lambda	,521	12,882 ^c	1,000	14,000	,003
	Hotelling's Trace	,920	12,882 ^c	1,000	14,000	,003
	Roy's Largest Root	,920	12,882 ^c	1,000	14,000	,003
auxiliar	Pillai's Trace	,332	6,953 ^c	1,000	14,000	,020
	Wilks' Lambda	,668	6,953 ^c	1,000	14,000	,020
	Hotelling's Trace	,497	6,953 ^c	1,000	14,000	,020
	Roy's Largest Root	,497	6,953 ^c	1,000	14,000	,020
agr	Pillai's Trace	,196	3,411 ^c	1,000	14,000	,086
	Wilks' Lambda	,804	3,411 ^c	1,000	14,000	,086
	Hotelling's Trace	,244	3,411 ^c	1,000	14,000	,086
	Roy's Largest Root	,244	3,411 ^c	1,000	14,000	,086
tipoverbo * auxiliar	Pillai's Trace	,034	,495 ^c	1,000	14,000	,493
	Wilks' Lambda	,966	,495 ^c	1,000	14,000	,493
	Hotelling's Trace	,035	,495 ^c	1,000	14,000	,493
	Roy's Largest Root	,035	,495 ^c	1,000	14,000	,493
tipoverbo * agr	Pillai's Trace	,030	,426 ^c	1,000	14,000	,525
	Wilks' Lambda	,970	,426 ^c	1,000	14,000	,525
	Hotelling's Trace	,030	,426 ^c	1,000	14,000	,525
	Roy's Largest Root	,030	,426 ^c	1,000	14,000	,525
auxiliar * agr	Pillai's Trace	,685	30,398 ^c	1,000	14,000	,000
	Wilks' Lambda	,315	30,398 ^c	1,000	14,000	,000
	Hotelling's Trace	2,171	30,398 ^c	1,000	14,000	,000
	Roy's Largest Root	2,171	30,398 ^c	1,000	14,000	,000
tipoverbo * auxiliar * agr	Pillai's Trace	,066	,986 ^c	1,000	14,000	,338
	Wilks' Lambda	,934	,986 ^c	1,000	14,000	,338
	Hotelling's Trace	,070	,986 ^c	1,000	14,000	,338
	Roy's Largest Root	,070	,986 ^c	1,000	14,000	,338

a. Grupo = SFPnS1

Tabela 4: Resultado do teste de multivariáveis para o Grupo 2

- **GRUPO 3** (SFPnS2 - primeira exposição entre 5 e 7 anos): apenas um fator com efeito principal significativo⁶¹: *Auxiliar*. $F(1,14) = 13,6$ $p = .002$ (cf. Gráfico 6).

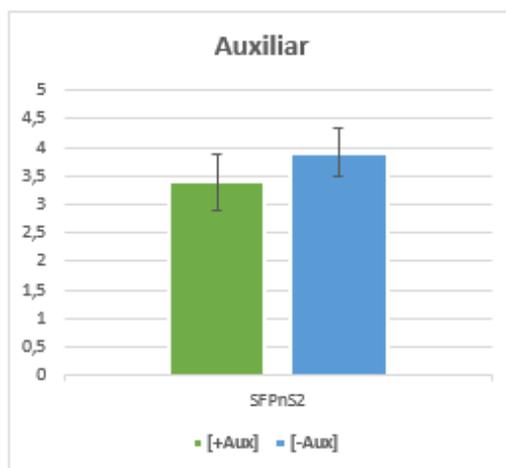


Gráfico 6 - Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função da categoria *Auxiliar* de SFPnS2.

Assim como nos grupos anteriores, o grupo de SFPnS2 obteve alta preferência para sentenças com a ausência da categoria Aux.

Não foram encontrados efeitos de interação significativos para esta amostra⁶².

⁶¹ O efeito *Tipo de Verbo* ($F(1,14) = 4,6$ $p = 0,049$) para esse grupo não foi considerado, uma vez que seu resultado parece ter sido dado ao acaso (by chance), uma vez que consta por demais próximo do valor $p=0,05$.

⁶² A interação entre *Auxiliar* e *Tipo de Concordância* ($F(1,14) = 4,7$ $p = .047$) para esse grupo não foi considerada, uma vez que seu resultado parece ter sido dado ao acaso (by chance), uma vez que consta por demais próximo do valor $p=0,05$.

Multivariate Tests^{a,b}

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.
tipoverbo	Pillai's Trace	,249	4,649 ^c	1,000	14,000	,049
	Wilks' Lambda	,751	4,649 ^c	1,000	14,000	,049
	Hotelling's Trace	,332	4,649 ^c	1,000	14,000	,049
	Roy's Largest Root	,332	4,649 ^c	1,000	14,000	,049
auxiliar	Pillai's Trace	,492	13,582 ^c	1,000	14,000	,002
	Wilks' Lambda	,508	13,582 ^c	1,000	14,000	,002
	Hotelling's Trace	,970	13,582 ^c	1,000	14,000	,002
	Roy's Largest Root	,970	13,582 ^c	1,000	14,000	,002
agr	Pillai's Trace	,022	,319 ^c	1,000	14,000	,581
	Wilks' Lambda	,978	,319 ^c	1,000	14,000	,581
	Hotelling's Trace	,023	,319 ^c	1,000	14,000	,581
	Roy's Largest Root	,023	,319 ^c	1,000	14,000	,581
tipoverbo * auxiliar	Pillai's Trace	,032	,467 ^c	1,000	14,000	,506
	Wilks' Lambda	,968	,467 ^c	1,000	14,000	,506
	Hotelling's Trace	,033	,467 ^c	1,000	14,000	,506
	Roy's Largest Root	,033	,467 ^c	1,000	14,000	,506
tipoverbo * agr	Pillai's Trace	,239	4,393 ^c	1,000	14,000	,055
	Wilks' Lambda	,761	4,393 ^c	1,000	14,000	,055
	Hotelling's Trace	,314	4,393 ^c	1,000	14,000	,055
	Roy's Largest Root	,314	4,393 ^c	1,000	14,000	,055
auxiliar * agr	Pillai's Trace	,252	4,719 ^c	1,000	14,000	,047
	Wilks' Lambda	,748	4,719 ^c	1,000	14,000	,047
	Hotelling's Trace	,337	4,719 ^c	1,000	14,000	,047
	Roy's Largest Root	,337	4,719 ^c	1,000	14,000	,047
tipoverbo * auxiliar * agr	Pillai's Trace	,002	,035 ^c	1,000	14,000	,855
	Wilks' Lambda	,998	,035 ^c	1,000	14,000	,855
	Hotelling's Trace	,002	,035 ^c	1,000	14,000	,855
	Roy's Largest Root	,002	,035 ^c	1,000	14,000	,855

a. Grupo = SFPnS2

Tabela 5: Resultado do teste de multivariáveis para o Grupo 3

- **GRUPO 4** (SFPnS3 - primeira exposição 8 anos em diante): apenas apresentou um fator que acarretou efeito principal significativo: *Tipo de Verbo*: $F(1,14) = 5,2$ $p = .038$ (cf. Gráfico 7).

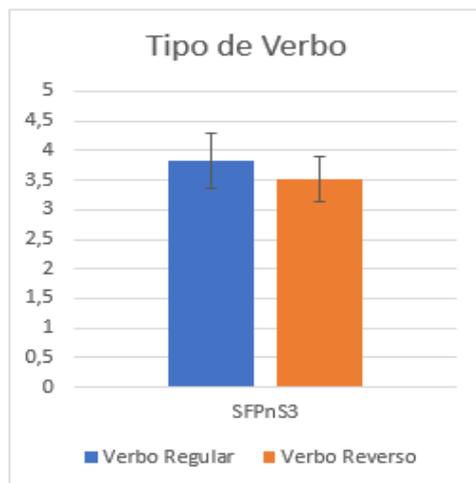


Gráfico 7 - Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função do *Tipo de Verbo* de SFPnS3.

Assim no grupo de nativos (Grupo 1), o grupo de SFPnS3 apresentou sensibilidade quanto ao tipo de verbo, apontando para a preferência pelo emprego de verbos com concordância regular.

O grupo de SFPnS3, em conformidade com os outros SFPnS, apresentou efeito significativo na interação entre *Auxiliar* e o *Tipo de Concordância*: $F(1,14) = 14,7$ $p = .002$ (cf. Gráfico 8).

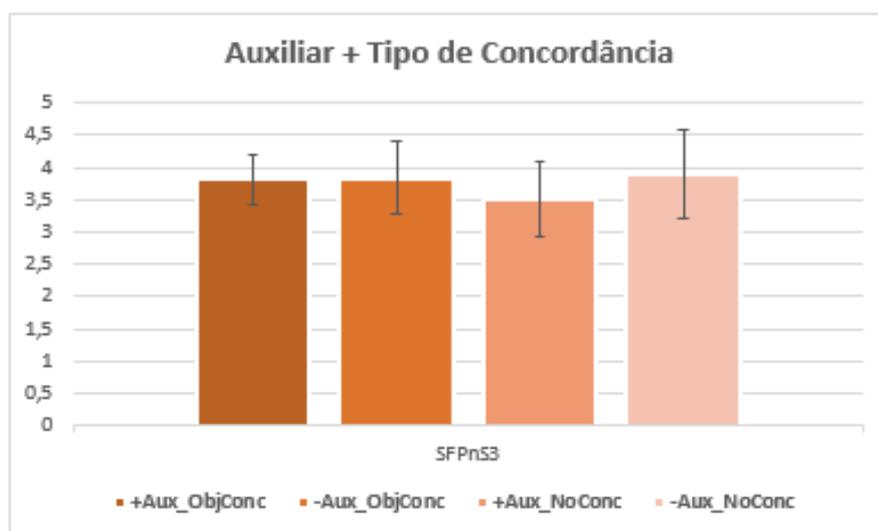


Gráfico 8 - Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função da interação de *Auxiliar* e *Tipo de Concordância* de SFPnS3.

O grupo SFPnS3 revelou possuir menor aceitação por sentenças com a presença Aux e concordância neutra no verbo da sentença

(+Aux_NoConc) e maior aceitação por sentenças sem a categoria Aux com o verbo desencadeando a concordância neutra (-Aux_NoConc).

Multivariate Tests^{a,b}

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.
tipoverbo	Pillai's Trace	,274	5,274 ^c	1,000	14,000	,038
	Wilks' Lambda	,726	5,274 ^c	1,000	14,000	,038
	Hotelling's Trace	,377	5,274 ^c	1,000	14,000	,038
	Roy's Largest Root	,377	5,274 ^c	1,000	14,000	,038
auxiliar	Pillai's Trace	,041	,595 ^c	1,000	14,000	,453
	Wilks' Lambda	,959	,595 ^c	1,000	14,000	,453
	Hotelling's Trace	,043	,595 ^c	1,000	14,000	,453
	Roy's Largest Root	,043	,595 ^c	1,000	14,000	,453
agr	Pillai's Trace	,043	,636 ^c	1,000	14,000	,438
	Wilks' Lambda	,957	,636 ^c	1,000	14,000	,438
	Hotelling's Trace	,045	,636 ^c	1,000	14,000	,438
	Roy's Largest Root	,045	,636 ^c	1,000	14,000	,438
tipoverbo * auxiliar	Pillai's Trace	,024	,350 ^c	1,000	14,000	,564
	Wilks' Lambda	,976	,350 ^c	1,000	14,000	,564
	Hotelling's Trace	,025	,350 ^c	1,000	14,000	,564
	Roy's Largest Root	,025	,350 ^c	1,000	14,000	,564
tipoverbo * agr	Pillai's Trace	,045	,661 ^c	1,000	14,000	,430
	Wilks' Lambda	,955	,661 ^c	1,000	14,000	,430
	Hotelling's Trace	,047	,661 ^c	1,000	14,000	,430
	Roy's Largest Root	,047	,661 ^c	1,000	14,000	,430
auxiliar * agr	Pillai's Trace	,512	14,689 ^c	1,000	14,000	,002
	Wilks' Lambda	,488	14,689 ^c	1,000	14,000	,002
	Hotelling's Trace	1,049	14,689 ^c	1,000	14,000	,002
	Roy's Largest Root	1,049	14,689 ^c	1,000	14,000	,002
tipoverbo * auxiliar * agr	Pillai's Trace	,318	6,513 ^c	1,000	14,000	,023
	Wilks' Lambda	,682	6,513 ^c	1,000	14,000	,023
	Hotelling's Trace	,465	6,513 ^c	1,000	14,000	,023
	Roy's Largest Root	,465	6,513 ^c	1,000	14,000	,023

a. Grupo = SFPnS3

Tabela 6: Resultado do teste de multivariáveis para o Grupo 4

- **GRUPO 5** (SFPnS - composto por SFPnS1, SFPnS2 e SFPnS3): dois fatores com efeitos principais significativos: *Tipo de Verbo*: $F(1,44) = 20,1$ $p < .001$ (cf. Gráfico 9); *Auxiliar*: $F(1,44) = 13,7$ $p = .001$ (cf. Gráfico 10). Os resultados foram similares aos dos grupos anteriores, exceto aos do SFPnS3.

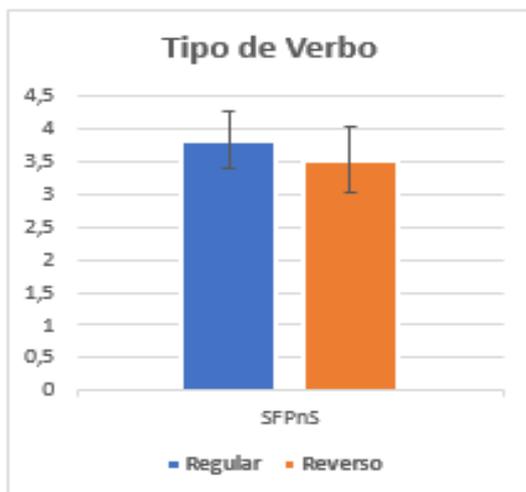


Gráfico 9 - Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função do *Tipo de Verbo* de SFPnS.

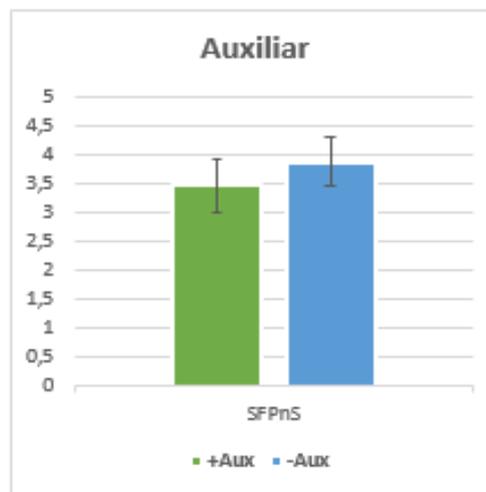


Gráfico 10 - Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função da categoria *Auxiliar* de SFPnS.

Assim como os grupos anteriores, o grupo geral de SFPnS apresentou efeito significativo na interação entre *Auxiliar* e o *Tipo de Concordância*: $F(1,44) = 29,1$ $p = .001$ (cf. Gráfico 11). Contudo, de modo distinto, identificamos nesse grupo efeito significativo, também, na interação entre *Tipo de Verbo* e o *Tipo de Concordância*: $F(1,44) = 4,6$ $p = 0,037$ (cf. Gráfico 12).

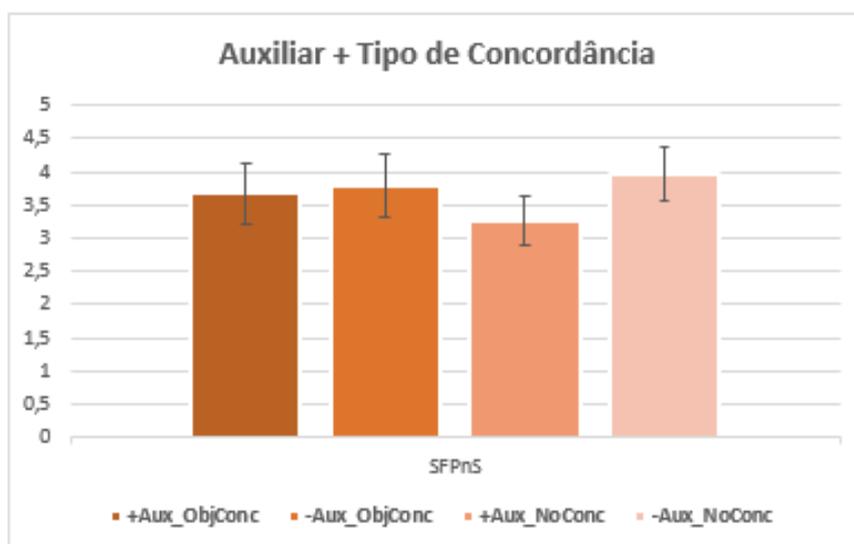


Gráfico 11 - Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função da interação de *Auxiliar* e *Tipo de Concordância* de SFPnS.

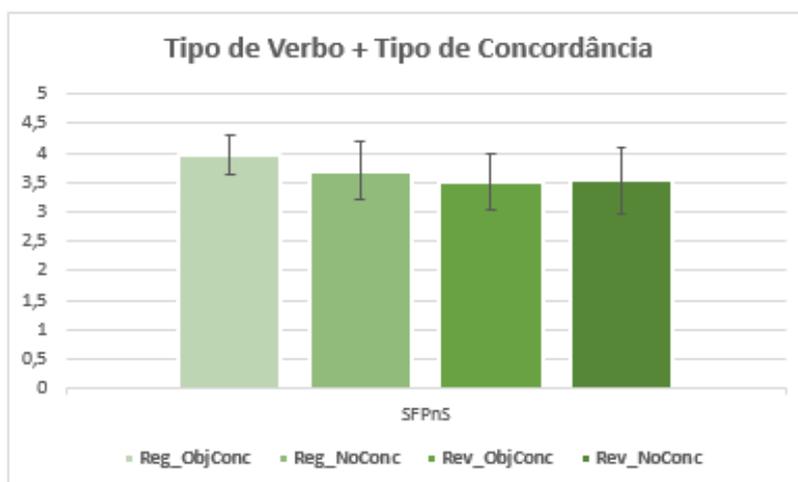


Gráfico 12 - Média das respostas relativas ao julgamento de aceitabilidade em função da interação do *Tipo de Verbo* e *Tipo de Concordância* de SFPnS.

Multivariate Tests^a

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.
tipoverbo	Pillai's Trace	,314	20,156 ^b	1,000	44,000	,000
	Wilks' Lambda	,686	20,156 ^b	1,000	44,000	,000
	Hotelling's Trace	,458	20,156 ^b	1,000	44,000	,000
	Roy's Largest Root	,458	20,156 ^b	1,000	44,000	,000
auxiliar	Pillai's Trace	,238	13,717 ^b	1,000	44,000	,001
	Wilks' Lambda	,762	13,717 ^b	1,000	44,000	,001
	Hotelling's Trace	,312	13,717 ^b	1,000	44,000	,001
	Roy's Largest Root	,312	13,717 ^b	1,000	44,000	,001
agr	Pillai's Trace	,070	3,297 ^b	1,000	44,000	,076
	Wilks' Lambda	,930	3,297 ^b	1,000	44,000	,076
	Hotelling's Trace	,075	3,297 ^b	1,000	44,000	,076
	Roy's Largest Root	,075	3,297 ^b	1,000	44,000	,076
tipoverbo * auxiliar	Pillai's Trace	,028	1,265 ^b	1,000	44,000	,267
	Wilks' Lambda	,972	1,265 ^b	1,000	44,000	,267
	Hotelling's Trace	,029	1,265 ^b	1,000	44,000	,267
	Roy's Largest Root	,029	1,265 ^b	1,000	44,000	,267
tipoverbo * agr	Pillai's Trace	,095	4,631 ^b	1,000	44,000	,037
	Wilks' Lambda	,905	4,631 ^b	1,000	44,000	,037
	Hotelling's Trace	,105	4,631 ^b	1,000	44,000	,037
	Roy's Largest Root	,105	4,631 ^b	1,000	44,000	,037
auxiliar * agr	Pillai's Trace	,398	29,078 ^b	1,000	44,000	,000
	Wilks' Lambda	,602	29,078 ^b	1,000	44,000	,000
	Hotelling's Trace	,661	29,078 ^b	1,000	44,000	,000
	Roy's Largest Root	,661	29,078 ^b	1,000	44,000	,000
tipoverbo * auxiliar * agr	Pillai's Trace	,087	4,174 ^b	1,000	44,000	,047
	Wilks' Lambda	,913	4,174 ^b	1,000	44,000	,047
	Hotelling's Trace	,095	4,174 ^b	1,000	44,000	,047
	Roy's Largest Root	,095	4,174 ^b	1,000	44,000	,047

a. Design: Intercept

Tabela 7: Resultado do teste de multivariáveis para o Grupo 5

Além da diferença estatística da interação Auxiliar-Concordância, semelhante aos subgrupos de SFPnS, que evidencia a preferência por sentenças com a ausência de Aux e concordância neutra no verbo (-Aux_NoConc), o grupo geral de SFPnS possui uma preferência por estruturas cujo verbo desencadeia a concordância regular parcial (Reg_ObjConc).

4.4.2.

Resultados entre grupos

Apresentaremos a seguir os resultados estatísticos referentes a comparação entre os grupos. Para tal, aplicamos um Test-t para amostras independentes em pares, a fim de identificar se seria possível identificar alguma diferença estatística entre os grupos. Além disso, foi realizada uma análise de variância (*One-Way ANOVA*) para comparar todos os grupos de participantes do experimento (Tabela 12). Os testes foram aplicados de acordo com o seguinte pareamento⁶³:

- a. Grupo1 (SFPS) vs. Grupo 2 (SFPnS1)
- b. Grupo1 (SFPS) vs. Grupo 3 (SFPnS2)
- c. Grupo1 (SFPS) vs. Grupo 4 (SFPnS3)
- d. Grupo1 (SFPS) vs. Grupo 5 (SFPnS)

Em nenhum dos fatores testados foi identificado efeito estatístico significativo na comparação entre grupos, com exceção de uma tendência significativa ao compararmos os grupos 1 (SFPS) e 5 (SFPnS - geral) na interação entre verbo regular com concordância parcial na presença de Aux (RegAuxObjCon): $t(63) = -2,19$ $p = 0,032$ (cf. Gráfico 13).

⁶³ Os grupos de SFPnS foram pareados, inclusive, contudo, não foram apresentados resultados significativos entre eles.

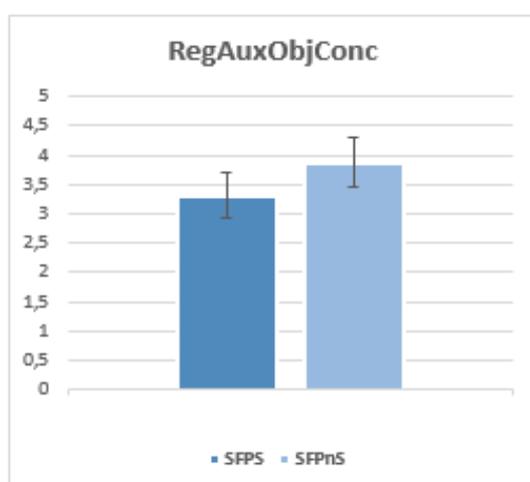


Gráfico 13 - Média das respostas relativas ao julgamento de gramaticalidade em função do Verbo Regular com concordância parcial na presença de Auxiliar.

Independent Samples Test										
		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means					95% Confidence Interval of the Difference	
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	Lower	Upper
RegAuxObjAgr	Equal variances assumed	1,083	,306	-1,543	33	,132	-2,2833	1,4799	-5,2942	,7275
	Equal variances not assumed			-1,581	32,460	,124	-2,2833	1,4441	-5,2233	,6567
RegAuxNOAgr	Equal variances assumed	,620	,437	-,265	33	,793	-,4333	1,6343	-3,7584	2,8918
	Equal variances not assumed			-,273	32,658	,787	-,4333	1,5889	-3,6672	2,8005
RegNOAuxObjAgr	Equal variances assumed	,178	,676	1,432	33	,161	1,5333	1,0705	-,6446	3,7112
	Equal variances not assumed			1,433	30,371	,162	1,5333	1,0699	-,6506	3,7172
RegNOAuxNOAgr	Equal variances assumed	3,037	,091	-,174	33	,863	-,2500	1,4341	-3,1677	2,6677
	Equal variances not assumed			-,186	32,024	,853	-,2500	1,3430	-2,9855	2,4855
RevAuxObjAgr	Equal variances assumed	,000	,995	-1,085	33	,286	-1,6667	1,5364	-4,7926	1,4593
	Equal variances not assumed			-1,095	31,275	,282	-1,6667	1,5223	-4,7703	1,4369
RevAuxNOAgr	Equal variances assumed	3,067	,089	,276	33	,784	,4333	1,5681	-2,7570	3,6237
	Equal variances not assumed			,292	32,688	,772	,4333	1,4834	-2,5857	3,4624
RevNOAuxObjAgr	Equal variances assumed	,469	,498	,028	33	,978	,0333	1,1879	-2,3834	2,4501
	Equal variances not assumed			,029	32,083	,977	,0333	1,1658	-2,3411	2,4078
RevNOAuxNOAgr	Equal variances assumed	3,257	,080	-,361	33	,721	-,5833	1,6169	-3,8729	2,7063
	Equal variances not assumed			-,382	32,648	,705	-,5833	1,5283	-3,6940	2,5273

Tabela 8 – Teste-T para comparação entre os grupos SFPS e SFPnS⁶⁴.

⁶⁴ Para fins de notação no pacote estatístico SPSS, adotamos as seguintes siglas:

Reg = Verbo com concordância regular

Rev = Verbo com concordância reversa

Agr = Concordância

Aux = Auxiliar

Obj = Objeto

No = Ausência

Independent Samples Test										
		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means					95% Confidence Interval of the Difference	
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	Lower	Upper
RegAuxObjAgr	Equal variances assumed	5,461	,026	-1,7	33	,107	-2,2167	1,3368	-4,9364	,5031
	Equal variances not assumed			-1,8	31,266	,084	-2,2167	1,2420	-4,7490	,3156
RegAuxNOAgr	Equal variances assumed	,684	,414	,062	33	,951	,1000	1,6260	-3,2080	3,4080
	Equal variances not assumed			,063	32,754	,950	,1000	1,5772	-3,1098	3,3098
RegNOAuxObjAgr	Equal variances assumed	1,755	,194	1,18	33	,247	1,4000	1,1874	-1,0158	3,8158
	Equal variances not assumed			1,14	26,388	,263	1,4000	1,2248	-1,1159	3,9159
RegNOAuxNOAgr	Equal variances assumed	,378	,543	-,254	33	,801	-,3833	1,5083	-3,4520	2,6853
	Equal variances not assumed			-,265	32,994	,793	-,3833	1,4483	-3,3299	2,5633
RevAuxObjAgr	Equal variances assumed	,605	,442	-,321	33	,750	-,4667	1,4547	-3,4262	2,4929
	Equal variances not assumed			-,331	32,787	,743	-,4667	1,4099	-3,3358	2,4025
RevAuxNOAgr	Equal variances assumed	,133	,718	-,334	33	,741	-,5667	1,6980	-4,0213	2,8879
	Equal variances not assumed			-,340	32,150	,736	-,5667	1,6649	-3,9573	2,8240
RevNOAuxObjAgr	Equal variances assumed	1,345	,255	,147	33	,884	,1667	1,1343	-2,1411	2,4744
	Equal variances not assumed			,153	32,972	,880	,1667	1,0916	-2,0542	2,3875
RevNOAuxNOAgr	Equal variances assumed	6,418	,016	-,714	33	,480	-1,1167	1,5635	-4,2977	2,0644
	Equal variances not assumed			-,769	31,183	,448	-1,1167	1,4516	-4,0765	1,8432

Tabela 9 – Teste-T para comparação entre os grupos SFPS e SFPnS2

Independent Samples Test										
		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means					95% Confidence Interval of the Difference	
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	Lower	Upper
RegAuxObjAgr	Equal variances assumed	,844	,365	-1,55	33	,131	-2,2833	1,4751	-5,2845	,7178
	Equal variances not assumed			-1,59	32,5	,122	-2,2833	1,4375	-5,2096	,6429
RegAuxNOAgr	Equal variances assumed	7,126	,012	-1,27	33	,214	-1,8333	1,4476	-4,7785	1,1118
	Equal variances not assumed			-1,39	29,1	,176	-1,8333	1,3226	-4,5381	,8715
RegNOAuxObjAgr	Equal variances assumed	,478	,494	1,376	33	,178	1,6667	1,2112	-,7975	4,1308
	Equal variances not assumed			1,327	25,7	,196	1,6667	1,2558	-,9162	4,2495
RegNOAuxNOAgr	Equal variances assumed	3,822	,059	,534	33	,597	,7500	1,4042	-2,1069	3,6069
	Equal variances not assumed			,577	30,8	,568	,7500	1,2997	-1,9014	3,4014
RevAuxObjAgr	Equal variances assumed	,028	,869	-1,66	33	,107	-2,5333	1,5295	-5,6452	,5785
	Equal variances not assumed			-1,67	31,4	,104	-2,5333	1,5129	-5,8171	,5504
RevAuxNOAgr	Equal variances assumed	,210	,650	-,607	33	,548	-1,0333	1,7013	-4,4947	2,4280
	Equal variances not assumed			-,619	32,1	,540	-1,0333	1,6695	-4,4335	2,3669
RevNOAuxObjAgr	Equal variances assumed	,077	,784	,133	33	,895	,1667	1,2500	-2,3764	2,7097
	Equal variances not assumed			,133	30,3	,895	,1667	1,2502	-2,3855	2,7188
RevNOAuxNOAgr	Equal variances assumed	4,423	,043	-,455	33	,652	-,7167	1,5757	-3,9224	2,4891
	Equal variances not assumed			-,488	31,6	,629	-,7167	1,4692	-3,7107	2,2774

Tabela 10 – Teste-T para comparação entre os grupos SFPS e SFPnS3

Independent Samples Test										
		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
RegNOAuxObjAgr	Equal variances assumed	,395	,532	1,638	63	,106	1,5333	,9359	-,3368	3,4035
	Equal variances not assumed			1,732	41,803	,091	1,5333	,8854	-,2537	3,3204
RegNOAuxNOAgr	Equal variances assumed	3,826	,055	,039	63	,969	,0389	1,0084	-1,9762	2,0540
	Equal variances not assumed			,033	26,221	,974	,0389	1,1887	-2,4034	2,4812
RegAuxObjAgr	Equal variances assumed	3,430	,069	-2,191	63	,032	-2,2611	1,0320	-4,3234	-,1989
	Equal variances not assumed			-1,959	28,807	,060	-2,2611	1,1541	-4,6223	,1000
RegAuxNOAgr	Equal variances assumed	3,138	,081	-,638	63	,526	-,7222	1,1323	-2,9849	1,5405
	Equal variances not assumed			-,565	28,269	,577	-,7222	1,2791	-3,3413	1,8968
RevNOAuxObjAgr	Equal variances assumed	,483	,489	,137	63	,892	,1222	,8937	-1,6638	1,9082
	Equal variances not assumed			,129	32,263	,898	,1222	,9447	-1,8015	2,0459
RevNOAuxNOAgr	Equal variances assumed	9,665	,003	-,744	63	,460	-,8056	1,0827	-2,9691	1,3580
	Equal variances not assumed			-,618	25,314	,542	-,8056	1,3038	-3,4891	1,8780
RevAuxObjAgr	Equal variances assumed	,120	,730	-1,354	63	,180	-1,5556	1,1485	-3,8507	,7396
	Equal variances not assumed			-1,295	33,031	,204	-1,5556	1,2008	-3,9986	,8875
RevAuxNOAgr	Equal variances assumed	1,294	,260	-,318	63	,751	-,3889	1,2222	-2,8313	2,0535
	Equal variances not assumed			-,292	30,404	,772	-,3889	1,3296	-3,1027	2,3249

Tabela 11 – Teste-T para comparação entre os grupos SFPS e SFPnS

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
RegAuxObjAgr	Between Groups	70,835	3	23,612	1,550	,211
	Within Groups	928,950	61	15,229		
	Total	999,785	64			
RegAuxNOAgr	Between Groups	37,133	3	12,378	,694	,559
	Within Groups	1088,467	61	17,844		
	Total	1125,600	64			
RegNOAuxObjAgr	Between Groups	33,087	3	11,029	,881	,456
	Within Groups	763,467	61	12,516		
	Total	796,554	64			
RegNOAuxNOAgr	Between Groups	11,532	3	3,844	,268	,848
	Within Groups	875,483	61	14,352		
	Total	887,015	64			
RevAuxObjAgr	Between Groups	65,815	3	21,938	1,197	,319
	Within Groups	1118,400	61	18,334		
	Total	1184,215	64			
RevAuxNOAgr	Between Groups	18,938	3	6,313	,299	,826
	Within Groups	1286,200	61	21,085		
	Total	1305,138	64			
RevNOAuxObjAgr	Between Groups	,385	3	,128	,011	,998
	Within Groups	696,600	61	11,420		
	Total	696,985	64			
RevNOAuxNOAgr	Between Groups	11,296	3	3,765	,225	,879
	Within Groups	1020,150	61	16,724		
	Total	1031,446	64			

Tabela 12 – ANOVA (One-Way) para comparação entre grupos

Em resumo, nossos dados indicaram diferentes efeitos significativos entre os grupos de participantes surdos voluntários quanto ao julgamento de *aceitabilidade*.

Semelhanças:

- (i) SFPS, SPFnS1, SFPnS3 e SFPnS apresentaram sensibilidade no julgamento do *Tipo de Verbo*, indicando maior aceitabilidade por sentenças com verbos regulares, com exceção do grupo SFPnS2.
- (ii) SFPS, SPFnS1, SFPnS2 e SFPnS julgaram com maior preferência a ausência da categoria Aux, sendo seu emprego indistinto para SFPnS3.

Diferenças:

- (iii) *SFPnS1, SFPnS3 e SFPnS obtiveram efeito significativo na interação entre Auxiliar e Tipo de Concordância, indicando que sentenças com a ausência do auxiliar e com concordância neutra (-Aux_NoConc) tem maior aceitação. Em contrapartida, as sentenças com a presença do auxiliar e com concordância neutra (+Aux_NoConc) no verbo principal tem menor aceitação.*
- (iv) O efeito de interação entre *Tipo de Verbo e Tipo de Concordância, para SFPnS*, evidencia que há uma maior aceitabilidade de sentenças de verbos regulares com concordância com o objeto, embora, para verbos reversos, essa diferença não seja evidentemente manifesta.
- (v) Há efeito de uma tendência significativa na interação entre verbo regular com concordância parcial na presença do auxiliar (RegAuxObjConc), ao compararmos SFPS e SFPnS. Essa tendência denuncia a menor aceitabilidade de SFPS por sentenças com essa configuração.

4.5.

Discussão

Partimos da hipótese inicial (H_1) de que SFPS e SFPnS apresentariam julgamentos distintos para as sentenças apresentadas. Além disso, assumimos como previsão que o período da primeira exposição à Libras se apresentaria como fator determinante na formação de uma competência 'nativa' da gramática dessa língua, em especial no que tange à concordância verbal. Em outras palavras, SFPnS que tiveram sua primeira exposição à Libras entre 2 e 4 anos de idade possivelmente apresentariam uma competência gramatical mais próxima a de um SFPS do que um SFPnS que teve sua primeira exposição à Libras dos 8 anos de idade em diante. Todavia, os resultados obtidos nos levam à hipótese nula no que diz respeito ao tipo de verbo (regular vs. reverso): não há diferenças de julgamento de aceitabilidade entre falantes/sinalizantes, independente da idade de primeira exposição quanto ao tipo de verbo (cf. (i) – página 107), sendo os verbos com concordância regular a preferência para todos os grupos (com exceção do grupo SFPnS2⁶⁵). Isto é, os resultados estatísticos, por grupo, reportados na seção 4.4, evidenciam que para o fator *Tipo de Verbo* SFPS e SFPnS (exceto SFPnS2) fazem distinção entre verbos com concordância regular e verbos com concordância reversa.

O fato que proporcionou aos resultados o apontamento para uma maior aceitabilidade por verbos com concordância regular, em detrimento aos verbos com concordância reversa, possivelmente, pode estar associado à frequência da concordância regular ser bem maior do que a da concordância reversa, uma vez que que essa última é realizada por um conjunto restrito de verbos em Libras (QUADROS & QUER, 2008, 2010). Consoante a isso, por maior complexidade morfossintática que o fenômeno analisado possa apresentar, por se tratar de um grupo restrito de verbos

⁶⁵ Como apresentado na seção anterior, o efeito *Tipo de Verbo* ($F(1,14) = 4,6$ $p = 0,049$) para esse grupo não foi considerado, uma vez que seu resultado parece ter sido dado ao acaso, uma vez que consta por demais próximo do valor $p=0,05$.

que desencadeiam a concordância reversa, tal estrutura pode ser considerada como uma exceção ao funcionamento regular de concordância em Libras, fixando-se na gramática dos sinalizantes surdos via memorização (NEVINS, 2013). Nesse sentido, por ser a concordância reversa uma estrutura com baixa produtividade e por se tratar de excessões às regras gerais morfológicas da concordância em Libras, essa é adquirida via memorização, independentemente da idade de primeira exposição à língua, como sugerem nossos dados.

Os dados revelaram, também, que, com exceção do grupo SFPnS3 - exposição a partir dos 8 anos de idade, os sinalizantes de Libras possuem baixa preferência pelo emprego da categoria Aux (cf. (ii) – Página 107), independentemente do tipo de verbo da sentença e do tipo de concordância. A indiferença de SFPnS3 quanto a categoria Aux pode nos dar indícios de uma percepção distinta deste grupo quanto ao emprego da categoria em questão. De qualquer modo, assumindo que a categoria Aux seja um marcador de tópico, como proposto por Lourenço (2014), e que estruturas com topicalização são licenciadas em contextos discursivos específicos (GONÇALVES, 1998), concluímos que a baixa aceitação de sentenças com Aux (marcador de tópico) deve-se ao fato de que nossos itens experimentais não foram incluídos em contextos discursivos que fovessem topicalização. Portanto, os resultados obtidos favorecem a análise de Lourenço (2014) para a categoria Aux.

Resultados também indicam alta aceitabilidade do grupo geral de SFPnS de estruturas sem Aux e sem marca de concordância no verbo (cf. (iii) – página 107). Essas estruturas são consideradas agramaticais tanto para Quadros & Quer (2010), quanto para Lourenço (2014). Tal resultado é indício de que sujeitos SFPnS (exceto SFPnS3) tendem a planificar o sistema da concordância, assumindo, assim, uma concordância simples (neutra). Essa diferença entre SFPS e SFPnS esta, portanto, em consonância com a nossa hipótese de trabalho (H1): a idade de exposição aos estímulos linguísticos tem efeito sobre a competência gramatical do falante/sinalizante. No caso em questão, a competência morfossintática não parece ser a mesma entre os grupos, uma vez que SFPS apresentam

menor aceitação por sentenças sem auxiliar e sem concordância verbal. Isto é, a tendência à planificação do sistema de concordância é observada para SFPnS no geral, mas, não é identificada em SFPS.

Também convergindo com a nossa hipótese de trabalho (H_1), em comparação com o grupo de SFPSs, o grupo de SFPnS apresentou diferença no julgamento quanto ao Tipo de Verbo em relação ao Tipo de Concordância (cf. iv - página 107). O grupo julgou com maior aceitabilidade verbos com concordância regular parcial (Reg_ObjConc) ou neutra (Reg_NoConc) em relação à concordância reversa parcial (Rev_ObjConc) ou neutra (Rev_NoConc). SFPS não atribuíram distinção significativa entre essas interações. Assim, a preferência por um sistema regular se torna evidente para o grupo de SFPnS, resultando em baixa aceitação para a configuração morfossintaticamente complexa apresentada por verbos com concordância reversa.

Além dos resultados apresentados acima, foi identificada uma tendência quanto a interação *Verbo com Concordância Regular Parcial na presença de Aux (REGAuxOBJConc)* - Item (v) da página 107. Os SFPS julgam com baixa aceitabilidade tal estrutura, enquanto SFPnS tem alta aceitação. Apesar dessa distinção ir ao encontro da previsão de Quadros & Quer (2008, 2010), esse resultado também favorece a análise de Lourenço (2014). Quadros & Quer (2008, 2010) assumem que sentenças cujo verbo apresenta uma concordância regular parcial na presença de Aux seriam inaceitáveis. Todavia, assumindo Aux como marcador de tópico para movimento simultâneo, conforme Lourenço (2014), e considerando que no experimento realizado não foi oferecido um contexto discursivo para a manifestação da topicalização, obtivemos como resultado a baixa aceitação em estruturas REGAuxOBJConc por SFPS, para SFPnS.

Em resumo, quanto ao tipo de concordância (regular vs. reversa), não encontramos diferenças entre os grupos estudados. Esse resultado aponta, portanto, para a hipótese nula que, provavelmente, reflete o tipo de fenômeno analisado, já que apenas um pequeno grupo de verbos engatilha concordância reversa em Libras, podendo, assim, ser adquirido via memorização, independente da idade de aquisição da gramática. A

análise do tipo de estrutura, no entanto, oferece indícios de diferenças morfossintática entre os grupos SFPS e SFPnS, em concordância com a nossa hipótese de trabalho (H_1). SFnS, em contraste com SFPS, parecem dar preferência a um sistema de concordância verbal simplificado.

5

Considerações Finais

Desde o reconhecimento como línguas nataturais nos anos 1960, estudos da Gramática das Línguas de Sinais vem contribuído significativamente para a compreensão da Língua-I. Apesar da diferença aparente das LS, oriunda de sua modalidade visual, essas línguas apresentam semelhanças estruturais em relação às Línguas Orais. Como observamos no capítulo 2, a Libras, de igual modo, esta sujeita às mesmas restrições universais das línguas naturais. Nesse sentido, nosso estudo se caracterizou sobre uma investigação da competência gramatical de falantes/sinalizantes de Libras, a fim de analisar se a idade de aquisição pode ser determinante no desenvolvimento de uma competência plena nessa língua.

Estudos sobre a teoria da gramática e sobre a Aquisição da Linguagem vem apontando que quanto maior for a idade de primeira exposição a uma língua menor será a sensibilidade à gramática subjacente dessa língua. Isto é, falantes/sinalizantes com acesso a estímulos linguísticos durante a primeira infância teriam vantagens no processo de aquisição da gramática da língua alvo, tornando-se falantes/sinalizantes com competência plena ('nativos'), em oposição à falantes/sinalizantes com exposição tardia.

Partindo dessas pressuposições, realizamos um estudo teórico-experiental com grupos de sujeitos SFPS e SFPnS, sendo este último subdividido em três grupos por idade de primeira exposição à Libras, a fim de verificar se esses apresentariam a mesma sensibilidade gramatical quanto a estruturas envolvendo concordância verbal regular e reversa. Associamos também o tipo de concordância estabelecida (parcial ou neutra) e a presença da categoria auxiliar. O experimento consistiu em um teste de julgamento de aceitabilidade, conforme descrito na seção 4.3 do capítulo 4. Tomamos como variáveis independentes: o *Tipo de Verbo* (regular vs. reversa), o *Verbo Auxiliar* (presença vs. ausência) e a

manifestação da *Concordância* (parcial [apenas com o objeto] vs. neutra [sem marca de concordância tanto com o sujeito como com objeto]). Assim, obtivemos um design fatorial 2x2x2, que resultou em 8 condições experimentais. Para cada condição, elaboramos 4 itens experimentais. Logo, o teste contou com 32 sentenças-alvo e 32 distratoras. A tarefa consistiu na atribuição de uma nota em uma escala Likert de 5 pontos (1= ruim e 5 = ótimo). Nossa amostra contou com 65 participantes, dos quais 20 eram SFPS e 45 SFPnS - que se subdividiu em 15 participantes com exposição inicial à Libras entre 2 e 4 anos de idade (SFPnS1), 15 participantes com exposição inicial à Libras entre 5 e 7 anos de idade (SFPnS2), 15 participantes com exposição inicial à Libras a partir dos 8 anos de idade (SFPnS3).

Os dados foram tratados pelo pacote estatístico SPSS a partir de testes com medidas repetidas, ANOVA (one-way) e Teste-t para amostras independentes.

Nossos resultados apontam para semelhanças e diferenças entre os grupos testados. Não rejeitamos a hipótese nula (H_0) quanto ao tipo de verbo já que não houve diferença estatística entre os grupos de SFPS e SFPnS (Exceto SFPnS2), ambos apresentaram preferência por sentenças com verbos com concordância regular. Esse resultado pode ser um reflexo do tipo de fenômeno analisado: apenas um pequeno grupo de verbos engatilham concordância reversa em Libras, podendo, portanto, ser adquirido via memorização, independente da idade de exposição à língua (NEVINS, 2013), resultando na não diferença entre os grupos.

Ainda, os grupos de SFPS e SFPnS (exceto SFPnS3) têm alta preferência pela ausência da categoria auxiliar (-Aux). Com relação ao jungamento de estruturas com a presença/ausência da categoria Aux, não foram achadas evidências que pudessem afirmar que SFPS e SFPnS possuam competência gramatical distinta. A rejeição da categoria Aux por todos os grupos contribui para a análise de Lourenço (2014) em que AUX é tratado como marcador de tópico. Considerando que nossos itens experimentais não continham contextos/preâmbulos pragmático-

discursivos para acomodar sentenças com topicalização, a baixa aceitação do uso de um marcador de tópico (AUX), se justifica.

Contudo, indo ao encontro de nossa hipótese inicial (H_1), nossos resultados apontaram para diferenças entre surdos filhos de pais surdos e surdos filhos de pais não surdos. SFPnS (exceto SFPnS2) tem maior aceitação de sentenças com ausência do auxiliar e com concordância neutra (-Aux_NoConc), indicando, para esse grupo, uma preferência por um sistema planificado de concordância verbal. O mesmo grupo apresentou também efeito de interação entre *Tipo de Verbo* e *Tipo de Concordância*: sentenças com verbos regulares com concordância com o objeto (Reg_ObjConc) obtiveram maior aceitação. Esse resultado nos levou a conclusão que SFPnS preferem concordância regular com o objeto em detrimento da concordância reversa, sendo tal diferença indistinta para SFPS.

Outro resultado que diferencia os grupos testados é a interação entre verbo regular com concordância parcial na presença do auxiliar (RegAuxObjConc). Em estruturas com AUX, concordância parcial é menos aceitável para SFPS do que para SFPnS. Esse resultado está de acordo com as previsões de Quadros & Quer (2008, 2010), mas pode ser efeito da falta de um contexto discurso-pragmático que licenciasse o uso de AUX, como discutido acima.

Em resumo, apesar de identificarmos semelhanças entre SFPS e SFPnS quanto ao licenciamento do tipo de concordância, nossos dados revelam que esses grupos possuem uma competência gramatical distinta em outras estruturas, com indícios de preferência por um sistema simplificado de concordância entre SFPnSs. Essas diferenças sugerem, portanto, que a idade de exposição é crucial para a aquisição e fixação do sistema gramatical da língua materna.

Nossos resultados sugerem, também, que a análise proposta por Lourenço (2014) apresenta maior poder explicativo quanto à categoria Aux, assumindo-a como marcador de tópico. Faz-se necessário, no entanto, a continuação da pesquisa para averiguarmos se tal categoria tem maior

aceitabilidade em contextos discursivos que licenciam processos de topicalização em Libras.

6

Referências bibliográficas

- AARONS, D. **Aspects of the syntax of American Sign Language.** Boston. Doctoral Dissertation (specialization in Philosophy), Boston University, 1994
- ARONOFF, M.; MEIR, I.; SANDLER, W. **The Paradox of Sign Language Morphology.** In: Language N° 81, jun. 2005, p. 301-344.
- BAKER, M. C.; STEWART, O.T. **A serial verb construction without constructions.** MS. R. University, 2002, p. 1-59.
- BATTISON, R. **Phonological deletion in American Sign Language.** Sign Language Studies, 1974, v. 5, p. 1-19.
- BATTISON, R. **Lexical Borrowing in American Sign Language.** Silver Spring, MD: Linstok Press, 1978.
- BENEDICTO E.; BRENTARI D. **Where did all the arguments go?** Argument changing properties of classifiers. In American Sign Language. Natural Language and Linguistic Theory, 2004.
- BIALYSTOK, E.; HAKUTA, K. **Confounded age:** Linguistic and cognitive factors in age differences for second language acquisition. In D. Birdsong (Ed.), Second language acquisition and the critical period hypothesis (p. 161–181). Mahwah, NJ: Erlbaum, 1999.
- BIRDSONG, D. **Interpreting age effects in second language acquisition.** In J. F. KROLL; A. M. B. DEGROOt (Ed.), Handbook of bilingualism: Psycholinguistic perspectives. New York: Oxford University Press, 2005, p. 109-127.
- BOLHUIS, J. J. **Mechanisms of avian imprinting:** a review. Biol. Rev., 66, 1991, p. 303-345.
- BONVILLIAN, J. D.; FOLVEN, R. J. **Sign language acquisition:** Developmental aspects. In M. Marschark & D. Clark (Ed.), Psychological perspectives on deafness. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1993, p. 229-265.

BOUDREAU, P.; MAYBERRY, R. I. **Grammatical processing in American Sign Language:** Age of first-language acquisition effects in relation to syntactic structure. *Language and Cognitive Processes*, 21, 2006, p. 608-635

BRONCKART, J.P. **Le fonctionnement des discours:** um modèle psychologique et une méthode d'analyse. Lausanne: Delachaux & Niestlé, 1985.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira.** São Paulo: EDUSP, 2001, 2v.

CHOMSKY, N. **The minimalist program:** 20th anniversary edition *The Minimalist Program: 20th Anniversary Edition*, 2014, p. 1-394.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax.** Cambridge: The MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding:** The Pisa Lectures. Holland: Foris Publications, 1981.

CHOMSKY, N. **Knowledge of Language:** Its Nature, Origin, and use. New York: Praeger Publishers, 1986.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program.** Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. **A ciência da linguagem:** conversas com James McGilvray, Editora Unesp, São Paulo, 2012.

CHOMSKY, N. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente. Tradução:** Marco. Antônio Sant' Anna. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

CLARK, H. H.; CLARK, E. V. **Psychology and Language.** San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, publishers, 1977.

COKART, R. **The auxiliary verb AUX-OP in Sign Language of the Netherlands.** MA Thesis. University of Amsterdam: MA Program in General Linguistics, 2013.

COPPIETERS, R. **Competence Differences Between Native and Near-natives Speakers.** *Language*, 1987, v.63, p. 544-573.

CORINA, D.P.; HILDEBRANDT U. **Psycholinguistic investigations of phonological structure in American Sign Language**. In: Meier RP, Cormier K, Quinto-Pozos D, editors. *Modality and Structure in Signed and Spoken Languages*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 2002, p. 88-111.

CORMIER, K.; SCHEMBRI, A. **Describing sociolinguistic variation in verb directionality in British Sign Language: A corpus-based study**. Final report to the Economic and Social Research Council, 2014.

COSTELLO, B.; FERNADÉZ, J.; LANDA, A. **O sinalizante nativo não-(existente): pesquisa em língua de sinais em uma pequena população surda**. In: *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais*. TISLR9 9th. Theoretical Issues in Sign Language Research Conference, Florianópolis. R.M. de Quadros (Ed.) Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008.

COSTELLO, B. **Language and modality: Effects of the use of space in the agreement system of lengua de signos española (Spanish Sign Language)**. Doctoral thesis. University of Amsterdam and the University of the Basque Country, 2015.

COWIE, F. **What's Within: Nativism Reconsidered**, New York: Oxford University Press, 1999.

CRYSTAL, D. **A Dictionary of Linguistics and Phonetics**. 2nd edition. Oxford: Blackwell, 1985.

CURTISS, S. **Genie: A Psycholinguistic Study of a Modern-Day "Wild Child"**, *Perspectives in Neurolinguistics and Psycholinguistics*, Boston, MA: Academic Press, 1977.

CUXAC, X. **La Langue des Signes Française (LSF) : Les voies de l'iconicité**. *Faits de Langues*, Paris, 2000, p. 15-16.

DE VILLIERS, J. **The interface of Language and Theory of Mind**. *Lingua*, 117(11), 2007, p.1858-1878.

DEKEYSER, R. **The robustness of critical period effects in second language acquisition**. *SSLA*, 22, 2000, p. 499 – 533.

DELL, G. S. **Speaking and Misspeaking**. In: Lila Gleitman, Mark Liberman and Daniel N. Osherson (Ed.) *An Invitation to Cognitive Science: Language*. The MIT Press, 1995.

- DIAS, A. F. A. **A Construção de Tópico na Língua de Sinais Brasileira: Uma Abordagem Psicolinguística.** Tese de doutorado em estudos da linguagem, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2015.
- DYE M. W. G.; SHIH S. **Phonological priming in British Sign Language,** in *Laboratory Phonology*, 8: Varieties of Phonological Competence, eds Goldstein L., Whalen D., Best C., editors. Berlin: Mouton de Grutyer, 2006.
- ELLIS, A. W. **Errors in speech and short-term memory:** The effect of phonemic similarity and syllable position. *Journal of verbal Learning & Verbal Behavior*, 19, 1980, 624-634.
- FELIPE, T. **Sistema de Flexão Verbal na LIBRAS:** os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. *Anais do Congresso Nacional do INES*, 2002.
- FELIPE, T. A. **A coesão textual em narrativas pessoais na LSCB.** Monografia Disciplina Análise do Discurso. Doutorado em Linguística, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1992.
- FELIPE, T. A. **Por uma tipologia dos verbos da LSCB.** In: *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Goiânia, 1993, p.724-743.
- FERREIRA-BRITO, L. **Integração Social & Educação de Surdos.** Babel Editora. RJ, 1993.
- FERREIRA-BRITO, L. **Comparação de Aspectos Linguísticos da LSCB e do português.** Conferência apresentada no II Encontro Nacional de Pais e Amigos de Surdos. Porto Alegre, 1986.
- FERREIRA-BRITO, L. **Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB. Espaço:** Informativo Técnico-Científico do INES, Rio de Janeiro, 1990, v. 1, p. 20-43.
- FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática das línguas de sinais.** Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.
- FERREIRA-BRITO, L.; LANGEVIN, R. **Sistema Ferreira Brito – Langevin de Transcrição de Sinais.** In: FERREIRA BRITO, L. *Por uma gramática de Língua de Sinais.* Rio de Janeiro: Babel, 1995.
- FIGUEIRA, C. D. de. S. **O Envolvimento de Crianças na Aula de Língua Estrangeira.** In: ROCHA, C. H.; TONELLI, J. R. A.; SILVA, K. A. (Orgs.).

Língua estrangeira para crianças: ensino-aprendizagem e formação docente. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010, p. 93-123.

FISCHER, S. **Verb Flexion in American Sign Language and their acquisition by deaf child**. Paper presented at the winter Meeting of the Linguistic Society of America, 1973.

FISCHER, S. D. **Influences on Word Order Change in ASL**. In: Li, Charles (Ed.), *Word Order and Word Order Change*. Austin: University of Texas Press, 1975, p. 1-25.

FLYNN, S.; MARTOHARDJONO, G. **Toward theory-driven language pedagogy**. In F. Eckman, D. Highland, P. Lee, J. Mileham & R. Weber (Eds.). *Second language acquisition theory and pedagogy* Hove, UK: Erlbaum, 1995, p. 45-59.

FOWLER, R.; KRESS, G. **Critical linguistics**. In: FOWLER, R., HODGE, B., KRESS, G., TREW, T.R. (eds.). *Language and control*. London: Routledge and Kegan Paul, 1979, p. 185-213.

FRIEDMAN, L. A. **Subject, Object, and Topic in American Sign Language**. In: Li, Charles (Ed.), *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976, p. 125-148.

FROMKIN, V. A. (Ed.). **Speech Errors as Linguistic Evidence**. The Hague: Mouton, 1973.

GOLDIN-MEADOW S; MYLANDER C. **Spontaneous sign systems created by deaf children in two cultures**. *Nature* 1998, p. 279–281.

GOLDIN-MEADOW, S.; MYLANDER, C. **Gestural communication in deaf children**: The effects and non-effects of parental input on early language development. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 49 (3-4, Serial No. 207), 1984.

GONÇALVES, C. A. **Usos morfológicos**: os processos marginais de formação de palavras em português. 2006.

GONÇALVES, C. A. **Foco e Topicalização**: delimitação e contorno de estruturas. In: *Ver. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.7, n.1, p-31-50, jan//jun. 1998.

GRAY, P.. **Psychology**. New York: Worth Publishers. 2007.

GROLLA, E.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. **Para conhecer: aquisição da linguagem.** São Paulo: Contexto, 2014.

HALLE, M.; MARANTZ, A. **Distributed Morphology and the Pieces of Inflection.** In Kenneth Hale and J. S. Keyer (eds) *The view from building 20: essays in linguistics in honour of Sylvain Bromberger.* MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 1993, p.111-176.

HAMAD, A. **On the Definition of “Competence” in Linguistic Inquiry.** In: *Journal of the Islamic University of Gaza*, Vol. 12, n.1, January, 2004. p.171-193.

HARLEY, B.; WANG, W. **The critical period hypothesis: Where are we now?.** In A. M. B. de Groot & J. F. Kroll (Eds.), *Tutorials in Bilingualism: Psycholinguistic perspectives* (pp. 19–51). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1997.

HAUSER, M.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. **The faculty of language: what is it, what has it, and how did it evolve?** *Science*, 2002.

HOFFMEISTER, R. J. **Word order in the acquisition of ASL.** Ms. Boston University, 1978.

HORNSTEIN, N. **Movement and chains.** *Syntax* n. 2, 1998, p. 99–127.

HYMES, D. **Models of Interaction of Language and Social Life.** in Gumperz & Hymes. 1972.

JANIS, W. D. **Morphosyntax of the ASL verb phrase.** Tese de Doutorado–State University of New York at Buffalo, 1992

JANIS, W. D. **A crosslinguistic perspective on ASL verb agreement.** In: Karen EMMOREY, K.; REILLY, J. S. (Orgs.) *Language, Gesture, and Space.* NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1995, p. 255-286.

KARNOPP, L. B. **Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da língua de sinais brasileira: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos.** Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Artes. PUCRS. Porto Alegre ,1994.

KARNOPP, L. B. **Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais: Estudo longitudinal de uma criança surda.** Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre, 1999

Kenedy, E. **Curso básico de linguística gerativa**. Contexto: São Paulo. Sintaxe e computações sintáticas, 2013.

KLAPP, S.T. **Short-term memory as a response preparation state**. Memory and Cognition, n.4, 1976, p. 721-729.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The Roots of Language in the Sign Talk of the Deaf**. Psychology Today, 1972.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Harvard University Press, Cambridge, MA, 1979.

LENNEBERG. E. H.. **Biological foundations of language**. New York: Wiley & Sons, 1967.

LIDDEL, S. K. **An investigation into the syntactic structure of American Sign Language**. Unpublished doctoral dissertation, University of California, San Diego. 1997

LIDDELL, S.; R. JOHNSON. **American Sign Language compound formation processes, lexicalization and phonological remnants**. Natural Language and Linguistic Theory n. 4, 1984, p. 445–513.

LIDDELL, S. K. **Real, surrogate, and token space: grammatical consequences in ASL**. In Emmorey & Reilly (eds.), 1995, p. 19-41

LIDDELL, S. K.; R. E. JOHNSON. **American Sign Language compound formation processes, lexicalization, and phonological remnants**. Natural Language and Linguistic Theory n. 8, 1986, p. 445-513.

LIDDELL, S. K.; R. E. JOHNSON. **American Sign Language: The Phonological Base**. In: VALLI, C. e C. LUCAS (org.). (2000). Linguistics of American Sign Language: an introduction. Washington, D.C.: Clerc Books/Gallaudet University Press. 1989

LIDDELL, S., **An investigation into the syntactic structure of American Sign Language**. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego, 1977.

LIDDELL, S.K. **Think and Believe: sequentiality in American Sign Language**. Language (60) 1984, p. 372-392.

LIEBERMAN, P. **The biology and evolution of language**. Cambridge: Harvard University, 1984.

LILLO-MARTIN, D. **Modality Effects and Modularity in Language Acquisition:** The Acquisition of American Sign Language. In T. Bhatia e W. Ritchie (eds.), Handbook of Language Acquisition. San Diego: Academic Press: 1999, p. 531-567.

LILLO-MARTIN, D.; QUADROS, R. M. de. **The Position of Early Wh-Elements in American Sign Language and Língua Brasileira de Sinais.** In: GALANA Conference, 2005, Honolulu, HI. The Proceedings of the Inaugural Conference on Generative Approaches to Language Acquisition North America. Storrs/Connecticut: University of connecticut Occasional Papers in Linguistics, v. 4, 2007, p. 195-203.

LILLO-MARTIN, D. C. **Parameter setting:** evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International. Ann Arbor. Michigan. 1986

LILLO-MARTIN, D.; KLIMA, E. S. **Pointing out differences:** ASL pronouns in syntactic theory. IN: Theoretical Issues in Sign Language Research, Vol. I: Linguistics, eds. S.D. Fischer & P. Siple. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1990, p.191-210.

LILLO-MARTIN, D.; MEIER, R. **On the Linguistic Status of “Agreement” in Sign Languages.** In: Theoretical Linguistics n. 37, 2011, p. 95-141.

LODHI, A. Y. **Verbal Extensions in Bantu:** The Case of Swahili and Nyamwezi. Africa & Asia: Goteborg working paper on Asian and African language and literature, n. 2, 2002, p. 4-26.

LOEW, R. C. **Roles and reference in American Sign Language:** a development perspective. Doctoral Thesis. University of Minnesota, 1984.

LONG, H.B. **Understanding adult learners.** In M.W. Galbraith (Ed.), Adult learning methods (pp. 23-37). Malabar, FL: Krieger, 1990.

LORENZ, K. **The Foundation of Ethology.** New York: Springer-Verlag, 1981.

LOURENÇO S. G. **Concordância, Caso e Ergatividade em Língua de Sinais Brasileira:** uma proposta minimalista. 2014. 161 f. Dissertação

- (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2014.
- MAIA, M. **Psicolinguística, Psicolinguísticas: Uma Introdução**. São Paulo: Contexto, 2015.
- MAJOR, R. C.. **A model for interlanguage phonology. Interlanguage phonology: the acquisition of a second language sound system**, ed. by Georgette Ioup and Steven H. Weinberger. New York: Newbury House/Harper & Row. 1987, p.101-125.
- MAMPE, B. et al. **Newborns' cry melody is shaped by their native language**. *Curr Biol.*; n.19(23), (2009).
- MARCONDES, D. **Textos básicos de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2007
- MARENTETTE, P. F. **It's in her hands: a case study of the emergence of phonology in American Sign Language**. PHD Dissertation, Montreal: McGill University, Department of Psychology. 1995.
- MARTOHARDJONO, G.; FLYNN, S.: **'Is there an age factor for universal grammar?'**. In D. Singleton & Z. Lengyel (eds.), *The Age Factor in Second Language Acquisition*, Multilingual Matters Ltd., Clevedon, 1995, p.135–153.
- MATHUR, M.; RATHMANN, C. **Variability in verbal agreement forms across four signed languages**. In: Goldstein, L.; WHALEN, D.; BEST, C. (Orgs.). *Laboratory Phonology 8*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006, p. 289-316.
- MAYBERRY, R. I.; LOCK, E.; KAZMI, H. **Linguistic ability and early language exposure**. *Nature*, 2002, p. 417, 38.
- McSWEENEY, M. *et al.* **Neural Correlates of British Sign Language Comprehension: Spatial Processing Demands of Topographic Language**. *Journal of Cognitive Neuroscience*, v.14:7, 2002, p. 64-75.
- MEIER, A. J.. **"Apologies: What do we know?"**. *International Journal of Applied Linguistics*, n. 8, 1998, p. 215-231.
- MEIER, R. **A cross-linguistic perspective on the acquisition of inflection morphology in American Sign Language**. University of

- California, San Diego and The Salk Institute for Biological Studies. April, 1980.
- MEIER, R. P. **Elicited imitation of verb agreement in American Sign Language**: Iconically or morphologically determined? *Journal of Memory and Language*, n. 26, 1987, p.362–376.
- MEIER, R. P. (). **Why different, why the same? Explaining effects and non-effects of modality upon linguistic structure in sign and speech**. In R. P. Meier, K. Cormier, & D. Quinto-Pozos (eds.), *Modality and structure in signed and spoken languages*, Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 1–25.
- MEIR, I. **Thematic structure and verb agreement in Israeli Sign Language**. Ph.D. dissertation, Hebrew University of Jerusalem.,1998.
- MEIR, I. **A cross-modality perspective on verb agreement**. *Natural Language & Linguistic Theory*, n. 20, 2002, p. 413-450.
- MILROY, J. D. S. (Ed.). **Linguistics variation**: models and methods. *Language in Society*, n. 10. 1981.
- MORFORD, J.P.; NICODEMUS, B.; WILKINSON, E.. **Research Methods in Psycholinguistic Investigations of Sign Language Processing**. In book: *Research Methods in Sign Language Studies: A Practical Guide*, 2015, p.207-249.
- MORFORD, J. P.; CARLSON, M. L. **Sign perception and recognition in non-native signers of ASL**. *Language Learning & Development*, n. 7 (2), 2011, p. 149-168.
- NEIDLE, C. et al **The Syntax of American Sign Language**: Functional Categories and Hierarchical Structure. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000.
- NEWKIRK, D. *et al*. **Linguistic evidence from slips of the hand**. In V. Fromkin (Ed.), *Errors in linguistic performance* (pp. 165-197). New York: Academic Press, 1980.
- NEWKIRK, D. **On the temporal segmentation of movement in American Sign Language**. Unpublished manuscript, Salk Institute for Biological Studies. La Jolla, California, 1981.

- NEWMAYER, F. **Generative Linguistics: A Historical Perspective.** London: Routledge. 1996.
- NEWPORT, E. L. **Maturational constraints on language learning.** *Cognitive Science*, n. 14, 1990, p.11–28.
- NEWPORT, E. L. ; MEIER, R. P.. **The acquisition of American Sign Language.** In D. I. Slobin (ed.), *The crosslinguistic study of language acquisition. Volume 1:*Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1985, p. 881–938
- NEVINS, A. **Productivity and Portuguese Morphology: hoe experiments enable hypothesis-testing.** University College London, 2013.
- ORFANIDOU E. *et al.* **Segmentation in signed and spoken language: different modalities, same segmentation procedures.** *J. Mem. Lang*, n. 62, 2010, p. 272–283.
- ORFANIDOU, E. *et al.* **Making sense of nonsense In British Sign Language (BSL):** The contribution of different phonological parameters to sign recognition. *Memory & Cognition*, n. 37, 2009, p. 302-315.
- ORLANSKY, M. D.; BONVILLIAN, J. D. **The role of iconicity in early sign language acquisition.** *Journal of Speech and Hearing Disorders*, n. 49, 1984, p. 287–292.
- OYAMA, S.. **A sensitive period for the acquisition of a nonnative phonological system.** *Journal of Psycholinguistic Research*, n.5, 1976, p. 261-285.
- PADDEN, C. **Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language.** *Outstanding Dissertations in Linguistics, Series IV.* New York: Garland Press, 1983.
- PADDEN, C. **Grammatical theory and signed languages.** In F. Newmeyer (Ed.), *Linguistics: The Cambridge Survey (Vol. II).* Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1988.
- PADDEN, C. A. **Deaf children and literacy.** *Internacional Bureau of education.* Geneva: UNESCO, Switzerland, 1990.
- PATKOWSKI, M. S. **The sensitive period for the acquisition of syntax in a second language.** *Language Learning*, n. 30, 1980, p. 449–472.
- PENFIELD, W.; ROBERTS, L. **Speech and Brain Mechanisms.** Princeton, NJ: Princeton University Press, 1959.

- PETITTO, L. A. **On the autonomy of language and gesture:** Evidence from the acquisition of personal pronouns in American Sign Language. *Cognition*, n. 27(1), 1987, p.1-52.
- PETITTO, L. A. et al. **Bilingual signed and spoken language acquisition from birth:** implications for the mechanisms underlying early bilingual language acquisition. *Journal of Child Language*, n. 28, 2001, p. 453–496.
- PETITTO, L. A. *et al.* **Speech-like cerebral activity in profoundly deaf people processing signed languages:** implications for the neural basis of human language. *Proceedings of the National Academy of Science*, v. 97:25, 2000, p. 139-166.
- PFAU R.; STEINBACH M.; WOLL B. (eds) . **Sign Language: An International Handbook.** Boston, MA: de Gruyter, 2012.
- PFAU, R.; STEINBACH, M.. **Modality-independent and modality-specific aspects of grammaticalization in sign languages.** *Linguistics in Potsdam*, n. 24, 2006, p. 3-98.
- PINKER, S.; PRINCE, A. **On language and connectionism:** analysis of a parallel distributed processing model of language acquisition. *Cognition*, n. 28, 1988, p. 73-193.
- PHILLIPS, C. **Parser-grammar relations:** We don't understand everything twice. In: Sanz, Montserrat; Laka, Itziar; Tanenhaus, Michael (Ed.): *Language down the garden path: the cognitive basis for linguistic structure*, Oxford University Press, 2013,. p. 294–315
- POLICH, L. G. **Social agency and deaf communities:** A Nicaraguan case study. Unpublished doctoral dissertation. University of Texas, Austin, 1998..
- PULLUM, G. K.; SCHOLZ, B. **Empirical assessment of stimulus poverty arguments.** *The Linguistic Review*, nº 19, 2002, p. 9-50.
- QUADROS, R. M. **Educação de surdos:** a aquisição da linguagem. Porto Alegre. Artes Médicas, 1997.
- QUADROS, R. M. **Phrase structure of Brazilian sign language.** Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre, 1999.

- QUADROS, R. M. **As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição.** Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre. 1995.
- QUADROS, R. M.; LILLO-MARTIN, D.; MATHUR, G. **O que a aquisição da linguagem em crianças surdas tem a dizer sobre o estágio de infinitivos opcionais.** Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 36, n. 3, 2001, p. 391-398.
- QUADROS, R. M.; QUER, J. **Back to back (wards) and moving on: On agreement, auxiliaries and verb classes in sign languages.** In: Quadros, R.M. de (ed.), Sign languages: spinning and unraveling the past, present, and future. Forty-five papers and three posters from TISLR 9, Florianópolis, Brazil, December 2006. Petrópolis: Editora Arara Azul. 2008.
- QUADROS, R. M.; CRUZ, C.R. **Língua de sinais: instrumentos de avaliação.** Porto Alegre: ARTMED, 159 p. 2011
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos** Porto Alegre: Artmed. 2004.
- QUADROS, R. M. (Org.). **Teorias de aquisição da linguagem.** 1. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, v. 1. 1p. 2008.
- QUADROS, R. M.; QUER, J. **A caracterização da concordância nas línguas de sinais.** In: Heloisa Maria Moreira Lima-Salles, Rozana Reigota Naves. (Org.). Estudos Gerativos da língua de sinais brasileira e de aquisição do português (L2) por surdos. 1ed.Goiânia: Cãnone Editorial, v. 1, 2010, p. 33-58.
- RADFORD, A. **Transformational Grammar: A first course.** Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- RATHMANN, C. **The Optionality of Agreement Phrase: Evidence from Signed Languages.** MA Thesis, University of Texas at Austin, 2001
- RATHMANN, C.; MATHUR, G. **Verb Agreement as a Linguistic Innovation in Signed Languages.** In: Quer, Josep (ed.), Signs of the Time: Selected Papers from TISLR 2004. Hamburg: Signum, 2008, p. 191-216.

RICHARDS, J. T. ; HANSON, V., L. (). **Visual and production similarity of the handshapes of American manual alphabet.** Perception & Psychophysics, Nº 38 (4), 1985, p. 311-319.

RODRIGUES, C. **Using psycholinguistic methodology to improve data collection in theoretical linguistics.** In: FRANÇA, A.; MAIA, M. Papers in Psycholinguistics. Rio de Janeiro: Imprinta, 2010.

RODRIGUES, E. S.. **O estudo psicolinguístico da produção da linguagem:** uma breve apresentação de métodos empregados na investigação do processamento adulto. Linguística (Rio de Janeiro), v. 5, 2009, p. 110-128.

ROSS, J. R. **Constraints on Variables in Syntax.** Doctoral Dissertation, MIT. Published as Infinite Syntax, Norwood, N.J.: Ablex, 1967.

RUBEN, R. J. **A time frame of critical/sensitive periods of language development.** Acta Otolaryngologica Nº 117, 1997, p. 202-205.

SANDLER, W. **Temporal aspects and ASL phonology.** In Fischer, S. D. & Siple, P. (eds.) Theoretical issues in sign language research. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1990, P. 7-35.

SANDLER, W. (). **Cliticization and Prosodic Words in a Sign Language.** In: Hall, Tracy/Kleinhenz, Ursula (eds.), Studies on the Phonological Word. Amsterdam: Benjamins, 1999, p. 223-254.

SCHOLZ, B.; PULLUM, G. K. **Searching for arguments to support linguistic nativism.** The Linguistic Review, Nº 19, 2002, p. 185-223.

SCHWARTZ, B. D. **Why child L2 acquisition?** In J. van Kampen & S. Baauw (Eds.), Proceedings of generative approaches of language acquisition. Utrecht: LOT, 2004, p. 47–66.

SELIGER, H.; KRASHEN, S.; LADEFOGED, P. **Maturational constraints in the acquisition of second languages.** Language Sciences, N º 38, 1975, p. 20-22.

SELIGER, W.). **Implications of a multiple critical period hypothesis for second language learning.** In Ritchie, C.(ed) Second Language Acquisition: Issues and Implications. New York: Academic Press, 1978, p. 11-19.

SENGHAS, R.J. **An 'unspeakable, unwriteable' language:** Deaf identity, language and personhood among the first cohorts of Nicaraguan signers. University of Rochester; Rochester, NY, 1997.

SENGHAS, A.; COPPOLA, M. **Children creating language:** How Nicaraguan Sign Language acquired a spatial grammar. *Psychological Science*, N°12, 2001, p. 323–328.

SENGHAS, R. J.; SENGHAS, A.; PYERS, J. E. **The emergence of Nicaraguan Sign Language:** Questions of development, acquisition, and evolution. In S. T. Parker, J. Langer, & C. Milbrath (Eds.), *Biology and knowledge revisited: From neurogenesis to psychogenesis*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2005, p. 287 -306

SIPLE, P. **Understanding Language Through Sign Language Research.** Academic 1 Press. New York. San Francisco. London, 1978.

SLOBIN, D. I. **The crosslinguistic study of language acquisition.** Volume 1. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers. Hillsdale, New Jersey, 1986.

SMITH, W.H. **Evidence for Auxiliaries in Taiwan Sign Language.** In: FISCHER, S.D.; SIPLE P. (Orgs.), *THEORETICAL ISSUES IN SIGN LANGUAGE RESEARCH*, v. 1: Linguistics, p. 211-228. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

STOKOE, W. **Sign and Culture:** A Reader for Students of American Sign Language. Listok Press, Silver Spring, MD, 1960.

STOKOE, W. C. **Sign Language Structure.** Silver Printing: Listok Press, 1960.

STOKOE, W. C.; CASTERLINE, D. C.; CRONEBERG, C. G. **A dictionary of American Sign Language on linguistic principles.** Linstok Press, Silver Spring, MD, 1965.

STOKOE, W. C.; CASTERLINE, D. C.; CRONEBERG, C. G. **A dictionary of American Sign language on Linguistic principles.** New Edition. Listok Press, 1976.

SUPALLA, T. **Structure and Acquisition of Verbs of Motion and Location in American Sign Language.** Ph.D. Dissertation, University of California, San Diego, 1982.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. **How many seats in a chair?** The derivation of nouns and verbs in American Sign Language. In P. Siple (Ed.), *Understanding Language through Sign Language Research*. Academic Press, 1978.

SUPALLA, T. **An implicational hierarchy in verb agreement in American Sign Language**. Unpublished manuscript. University of Rochester, Rochester, NY, 1995.

SUPALLA, T. **The classifier system in American Sign Language**. In: CRAIG, Colette. (Ed.) *Typological studies in language: noun classes and categorization*. Nº 7, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1986, p. 181-214.

TANG, G.; LAU, P. **Coordination and subordination**. In: Roland Pfau, Markus Steinbach & Bencie Woll (Eds.), *Sign language: An international handbook*. Berlin: Mouton De Gruyter, 2012, p. 340–365.

TERVOORT, H. **You me downtown movie fun?** *Lingua* Nº 21, 1968, p. 455 -465.

TOMASZEWSKI, P. **Sign language development in young deaf children**. In: *Psychology of Language and Communication*, 5(1), 2001, p. 67–80.

WUERGES, T. E. **A aquisição da morfologia verbal por crianças falantes de português brasileiro e o uso de formas variantes**. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

YULE, G. **The Study of Language** 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

ZWITSERLOOD, I. **Classifying hand configurations in Nederlandse Gebarentaal (Sign Language of the Netherlands)**. PhD Thesis, LOT, Utrecht, 2003

Anexos

Anexo 1: Sentenças do Experimento

DESIGN DO EXPERIMENTO							
Condição		Descrição			Itens	Total	
Sentenças Alvo	C1	Concordância verbal	Regular	[+AUX]	Concordância OBJ	04 itens	32 itens
	C2			[-AUX]	Sem Concordância	04 itens	
	C3			[+AUX]	Concordância OBJ	04 itens	
	C4			[-AUX]	Sem Concordância	04 itens	
	C5		Reversa	[+AUX]	Concordância OBJ	04 itens	
	C6			[-AUX]	Sem Concordância	04 itens	
	C7			[+AUX]	Concordância OBJ	04 itens	
	C8			[-AUX]	Sem Concordância	04 itens	
Distratoras	D1C1	Posição do Advérbio	Posição Periférica	Adv-SVO		02 itens	8 itens
	D1C2			SVO-Adv		02 itens	
	D1C3		Posição Interna	S-adv-VO		02 itens	
	D1C4			SV-adv-O		02 itens	
	D2C1	Topicalização	[+ pronome Nu]	[-resumptivo]		02 itens	8 itens
	D2C2			[+resumptivo]		02 itens	
	D2C3		[+ Quantificador]	[-resumptivo]		02 itens	
	D2C4			[+resumptivo]		02 itens	
	D3C1	Posição do WH	In Situ	In Situ		02 itens	8 itens
	D3C2			Regular		02 itens	
	D3C3		Movido	Duplicado		02 itens	
	D3C4			Encalhado		02 itens	
	D4C1	Coordenação	[- seriada]	Eventos consecutivos		02 itens	8 itens
	D4C2			Eventos Simultâneos		02 itens	
	D4C3		[+ seriada]	Path + Manner		02 itens	
	D4C4			Manner + Path		02 itens	

Sentenças-Alvo:

C1: Verbo Regular, + AUX, Concordância com o objeto

- (1) MARTA_a LUCAS_b aAUX_b ACUSAR_b
- (2) JOANA_a ANDRÉ_b aAUX_b VER_b
- (3) PSICÓLOGO_a CRIANÇA_b aAUX_b AJUDAR_b
- (4) SEGURANÇA_a PRESIDENTE_b aAUX_b PROTEGER_b

C2: Verbo Regular, + AUX, Sem concordância

- (5) TIAGO_a BIA_b aAUX_b BRIGAR
- (6) BRUNA_a SANDRO_b aAUX_b CUIDAR
- (7) EMPREGADO_a B-E-B-E_b aAUX_b ABANDONAR

(8) DIRETOR_a COORDENADOR_b aAUX_b PERGUNTAR_b

C3: Verbo Regular, -AUX, Concordância com o objeto

(9) ANA_a VIGIAR_b CARLA_b

(10) JOÃO_a PAQUERAR_b MARTA_b

(11) PROFESSOR_b PERGUNTAR_b ALUNO_b

(12) DIRETOR_b DESPREZAR_b FAXINEIRO_b

C4: Verbo Regular, -AUX, Sem concordância

(13) CARLOS_a ACUSAR AMANDA_b

(14) ABEL_a PROVOCAR JAIR_b

(15) MÉDICO_a AJUDAR PESSOA-DOENTE_b

(16) MECÂNICO_a OBEDECER ENGENHEIRO_b

C5: Verbo Reverso, +AUX, Concordância com o objeto

(17) RAIANE_a BRENDA_b aAUX_b bEXPLORAR

(18) BETO_a VERA_b aAUX_b bCOPIAR

(19) HOMEM_a SEREIA_b aAUX_b bPESCAR

(20) POLICIAL_a LADRÃO_b aAUX_b bPECEBER

C6: Verbo Reverso, +AUX, Sem concordância

(21) AMANDA_a ALAN_b aAUX_b SEDUZIR

(22) ANDERSON_a JANETE_b aAUX_b EXTORQUIR

(23) MÉDICO_a PESSOA-DOENÇA_b aAUX_b CONTAMINAR

(24) PROFESSOR_a ALUNO_b aAUX_b ABSORVER

C7: Verbo Reverso, -AUX, Concordância com o objeto

(25) MARIA_a bIMITAR CARLOS_b

(26) JOÃO_a bCONTAMINAR TIAGO_b

(27) F-Ã_a SEDUZIR ATOR_b

(28) GOVERNO_a EXTORQUIR POVO_b

C8: Verbo Reverso, -AUX, Sem concordância

(29) JOSÉ_a COPIAR MARCIA_b

(30) CRISTINA_a CONVIDAR TAIS_b

(31) COORDENADOR_a ESCOLHER PROFESSOR_b

(32) CHEFE_a EXPLORAR EMPREGADO_b

Distratoras:

D1: Posição de adverbio

a. Periférica

(33) HOJE JOÃO_a ENCONTRAR AMANDA_b

(34) ONTEM PROFESSOR_a COMPRAR LIVRO_b

(35) IGOR_a AMAR CARLA_b PASSADO

(36) ANO-PASSADO ALUNO_a GOSTAR ESCOLA_b

b. Interna

(37) SANDRA_a MÊS-QUE-DEM APRENDER LIBRAS_b

(38) JOSÉ_a SEMANA-QUE-DEM VISITAR IGOR_b

(39) JOÃO_a PAGAR SEUNDA-FEIRA CONTA_b

(40) INSTRUTOR_a CORRIGIR AMANHÃ PROVA_b

D2: Topicalização

a. Sem Resumptivo

(41) <ALGUNS FRUTAS_a>_{top} ERICK_b COMER _____

(42) <PROFESSOR_a NENHUM>_{top} DIRETOR_b AGRADECER_____

(43) <ANIMAIS_a>_{top} FAZENDA_b VIVER_____

(44) <CARRO_a>_{top} LUCAS_b COMPRAR_____

b. Com Resumtivo

(45) <FILME_a VÁRIOS> _{top} DAVID_b CONHECER IX_a

(46) <AMIGO_a NENHUM > _{top} CÁSSIO_b VISITAR IX_a

(47) <LIVROS_a>_{top} PAULO_b LER IX_a

(48) <FÉRIAS_a>_{top} PRESIDENTE_b PRECISA IX_a

D3: Posição de pronome interrogativo

(49) O-QUE NATALLIA SENTIR

(50) QUEM JULIANA NAMORA

(51) CARLOS ESTUDA ONDE

(52) CHEFE RECLAMAR PORQUE

(53) ONDE MÁRCIA MORA ONDE

(54) PORQUE JUIZ_a BRIGAR ADVOGADO_b PORQUE

(55) JOSÉ O-QUE TRABALHA

(56) MARISA QUEM DEMITIR

D4: Coordenadas com verbo de movimento

(57) JULIA LER LIVRO TRADUZIR CAPÍTULO 2

(58) CRIANÇA COMER DOCE ESCOVAR-DENTE

(59) MATEUS VARRER CASA OUVIR MÚSICA

(60) MARLENE DIRIGIR CARRO CELULAR ATENDER

(61) KARINA IR-SALTITANDO SUBIR

(62) PRÍNCIPE ANDAR-A-CAVALO IR-RETO

(63) HOMEM DESCER ZIGUE-ZAGUE

(64) PATRICK IR-CÍRCULO MANCAR



FICHA DE AVALIAÇÃO
EXPERIMENTO 01

Dados Iniciais do Participante

Participante N°: <input type="text"/>	Condição: ()SFPF ()SFPnS	Idade de Aquisição <input type="text"/>
		Slide visto <input type="text"/>

N° Item	Julgamento					N° do Item	Visto
01	<input type="radio"/>						
02	<input type="radio"/>						
03	<input type="radio"/>						
04	<input type="radio"/>						
05	<input type="radio"/>						
06	<input type="radio"/>						
07	<input type="radio"/>						
08	<input type="radio"/>						

09	1	2	3	4	5	
10	1	2	3	4	5	
11	1	2	3	4	5	
12	1	2	3	4	5	
13	1	2	3	4	5	
14	1	2	3	4	5	
15	1	2	3	4	5	
16	1	2	3	4	5	
17	1	2	3	4	5	
18	1	2	3	4	5	
16	1	2	3	4	5	
20	1	2	3	4	5	
21	1	2	3	4	5	
22	1	2	3	4	5	
23	1	2	3	4	5	

24	1	2	3	4	5	
25	1	2	3	4	5	
26	1	2	3	4	5	
27	1	2	3	4	5	
28	1	2	3	4	5	
29	1	2	3	4	5	
30	1	2	3	4	5	
31	1	2	3	4	5	
32	1	2	3	4	5	
33	1	2	3	4	5	
34	1	2	3	4	5	
35	1	2	3	4	5	
36	1	2	3	4	5	
37	1	2	3	4	5	
38	1	2	3	4	5	

39	1	2	3	4	5	
40	1	2	3	4	5	
41	1	2	3	4	5	
42	1	2	3	4	5	
43	1	2	3	4	5	
44	1	2	3	4	5	
45	1	2	3	4	5	
46	1	2	3	4	5	
47	1	2	3	4	5	
48	1	2	3	4	5	
49	1	2	3	4	5	
50	1	2	3	4	5	
51	1	2	3	4	5	
52	1	2	3	4	5	
53	1	2	3	4	5	

54	1	2	3	4	5	
55	1	2	3	4	5	
56	1	2	3	4	5	
57	1	2	3	4	5	
58	1	2	3	4	5	
59	1	2	3	4	5	
60	1	2	3	4	5	
61	1	2	3	4	5	
62	1	2	3	4	5	
63	1	2	3	4	5	
64	1	2	3	4	5	

Anexo 3: Ficha de Avaliação Sociolinguística

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

**FICHA SOCIOLINGUÍSTICA**

1 – Idade: _____

2 – Com quantos anos aprendeu a LIBRAS?

3 – Onde aprendeu a LIBRAS?

4 – Seus Pais são surdos?

5 – Você tem irmãos? Se sim, são usuários de LIBRAS?

6 – Você convive na comunidade surda? Há quanto tempo?

7 – Onde você nasceu?

8 – Há quanto tempo mora no Rio de Janeiro?

9 – Qual é a sua profissão?

10 – Qual é a sua formação?

Anexo 4: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “Julgamento de Gramaticalidade em Libras: Em busca de participantes surdos”. A pesquisa tem como responsável o Mestrando Isaac Gomes Moraes de Souza, RG 23.301393-7, pesquisador do LAPAL/PUC-Rio (Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem) do Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem do Departamento de Letras na mesma instituição, cujo endereço é Rua Marquês de S. Vicente, 225 Ala Kennedy, sala K-121 Gávea - Rio de Janeiro, CEP: 22451-900; +55 (21) 3527-1297, isaacgoms@hotmail.com.

Nesta pesquisa pretendemos investigar se surdos filhos de pais surdos e surdos filhos de pais ouvintes possuem o mesmo, ou não, julgamento sobre sentenças gramaticais e agramaticais de sua língua, a LIBRAS.

Para esta pesquisa, iremos adotar os seguintes procedimentos: você irá executar uma tarefa de julgamento de gramaticalidade, na qual você visualizará sentenças gravadas em vídeos, com o auxílio de um computador, e colocará as respostas em uma ficha, dando nota de 1 a 5 para cada sentença. A atividade não tem nenhum caráter de avaliação do desempenho e/ou de conhecimento da língua, e sua duração deve ser em torno de 20 minutos. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em “RISCOS MÍNIMOS”, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, ler um livro, ouvir uma música, assistir à televisão etc. A pesquisa contribuirá para o entendimento da natividade no julgamento de sentenças adequadas ou inadequadas.

Você não terá qualquer custo para participar desse estudo e também não haverá vantagens financeiras. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização. Sua participação não lhe trará benefícios diretos; todavia, as informações obtidas serão de extrema relevância para a compreensão de como se efetivam os processos de produção e compreensão de sentenças por falantes de português. Você pode solicitar o esclarecimento sobre o estudo acerca dos aspectos que desejar e pode retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e sua recusa em participar não acarretará penalidades de nenhuma ordem; também não haverá qualquer tipo de mudança relativa à forma como é tratado (a) e atendido (a) pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Não há riscos físicos ou morais previstos. Todas as informações têm caráter confidencial, sendo a apresentação de resultados realizada através de codinomes ou nomes inventados, de modo a impedir a identificação individual de cada participante. Você fornecerá nome, endereço, telefone e e-mail de contato apenas para que a equipe do estudo possa lhe contatar em caso de necessidade.

Seu nome ou material que indique sua participação não serão, em hipótese alguma, liberados sem sua permissão. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando esta for concluída.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no LAPAL-PUC-Rio (Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem) e a outra via será fornecida a você. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo à legislação Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu,

_____,
 portador (a) do documento de identidade _____, de maneira livre, esclarecida e voluntária, concordo em participar da pesquisa “Julgamento de Gramaticalidade em Libras: Em busca de participantes surdos”, acima explicitada. Estou ciente do assunto, do objetivo do estudo, dos procedimentos, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Está claro que minha participação é isenta de despesas e que minha imagem e meu nome não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, tenho a liberdade de recusar a minha participação ou retirar meu consentimento, sem penalização alguma e sem nenhum prejuízo, e declaro que recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido, tendo sido me dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Declaro ainda que, em caso de qualquer questão relativa aos aspectos éticos desta pesquisa, bem como dúvidas que surjam posteriormente, poderei consultar diretamente a profa. Dra. Erica dos Santos Rodrigues, responsável por esta pesquisa, no Departamento de Letras da PUC-Rio, cujo endereço é Rua Marquês de S. Vicente, 225 Ala Kennedy, sala K-121 Gávea - Rio de Janeiro, CEP: 22451-900; +55 (21) 3527-1297, isaacgms@hotmail.com;

Assinatura _____

Local/Data _____

Endereço _____

Telefone de contato _____

E-mail _____

Assinatura (Pesquisador): _____

Nome _____

Local/Data _____

Experimento

Sintaxe de LIBRAS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Declaração

Declaro que _____

participou de experimento conduzido por mim, Isaac Gomes Moraes de Souza, mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, no dia _____, às _____. O experimento em questão em questão visa verificar aspectos sintáticos da gramática da LIBRAS.

Rio de Janeiro, _____ de 2015.

LSB AGREEMENT																																									
REGULAR AGREEMENT																	REVERSE AGREEMENT																								
[- AUXILIAR]								[+AUXILIAR]									[- AUXILIAR]								[+ AUXILIAR]																
OBJ agr				NO agr				OBJ agr				NO agr					OBJ agr				NO agr				OBJ agr				NO agr												
SUJEITOS	Versão PPT	1	2	3	4	Media	5	6	7	8	Media	9	10	11	12	Media	13	14	15	16	Media	17	18	19	20	Media	21	22	23	24	Media	25	26	27	28	Media	29	30	31	32	Media
SFPS01	A10	5	5	5	5	5,0	5	5	5	1	4,0	4	1	1	5	2,8	1	1	5	5	3,0	5	1	5	5	4,0	5	1	5	5	4,0	1	4	1	4	2,5	4	4	5	4	4,3
SFPS02	A15	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0	3	3	3	2	2,8	5	4	1	2	3,0	3	3	1	5	3,0	4	5	5	5	4,8	3	3	1	4	2,8	5	3	4	3	3,8
SFPS03	A21	4	5	1	5	3,8	1	2	1	1	1,3	4	3	3	4	3,5	1	1	5	1	2,0	2	1	2	3	2,0	1	2	1	1	1,3	1	1	2	1	1,3	1	1	1	1	1,0
SFPS04	A22	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0	1	3	3	1	2,0	1	1	1	1	1,0	5	5	5	5	5,0	5	5	3	5	4,5	2	1	1	1	1,3	1	1	1	1	1,0
SFPS05	A23	5	5	5	5	5,0	3	5	4	5	4,3	3	4	4	3	3,5	4	5	3	3	3,8	4	5	5	3	4,3	5	5	5	4	4,8	4	3	3	5	3,8	4	5	2	4	3,8
SFPS06	A24	5	5	5	5	5,0	5	5	5	1	4,0	5	1	5	5	4,0	1	5	5	5	4,0	5	5	1	5	4,0	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0
SFPS07	A32	3	4	1	5	3,3	1	2	1	1	1,3	2	1	1	1	1,3	1	1	1	1	1,0	1	1	1	5	2,0	1	1	1	1	1,0	4	1	2	1	2,0	1	1	1	1	1,0
SFPS08	A05	5	5	4	5	4,8	5	5	5	5	5,0	5	4	4	5	4,5	4	4	3	3	3,5	4	5	4	5	4,5	5	5	2	5	4,3	5	5	3	4	4,8	3	5	3	4	3,8
SFPS09	A11	4	5	4	5	4,5	4	5	5	5	4,8	3	4	5	5	4,3	5	4	5	5	4,8	3	4	2	5	3,5	5	5	5	5	5,0	5	3	2	1	2,8	2	1	5	5	3,3
SFPS10	A02	3	5	5	5	4,5	5	5	5	5	5,0	1	1	3	3	2,0	5	3	4	5	4,3	5	3	5	3	4,0	5	5	5	5	5,0	2	3	3	1	2,3	3	3	1	5	3,0
SFPS11	A36	4	4	3	5	4,0	4	4	3	1	3,0	3	3	3	3	3,0	3	4	2	3	3,0	4	1	4	1	2,5	2	2	1	3	2,0	3	3	4	3	3,3	2	4	2	3	2,8
SFPS12	A31	5	5	5	1	4,0	1	5	5	3	3,5	5	3	5	5	4,5	5	3	1	5	3,5	5	5	5	5	5,0	5	3	5	5	4,5	5	1	5	5	4,0	5	5	3	1	3,5
SFPS13	A19	4	2	1	1	2,0	1	5	1	1	2,0	2	3	2	4	2,8	2	1	1	2	1,5	5	1	1	5	3,0	1	2	4	3	2,5	2	2	1	1	1,5	2	1	1	1	1,3
SFPS16	A35	5	5	5	5	5,0	5	5	5	1	4,0	4	1	5	5	3,8	5	5	5	5	5,0	1	1	5	5	3,0	1	2	2	2	1,8	1	1	2	5	2,3	1	1	5	5	3,0
SFPS17	A38	5	5	5	5	5,0	5	5	4	5	4,8	2	5	3	5	3,8	5	5	2	5	4,3	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0	2	5	5	5	4,3
SFPS18	A39	5	5	5	5	5,0	5	4	5	5	4,8	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0	1	1	5	5	3,0	5	5	5	5	5,0	3	5	5	5	4,5	3	5	5	5	4,5
SFPS19	A40	5	3	5	4	4,3	2	3	5	5	3,8	3	5	5	5	4,5	2	5	3	4	3,5	4	4	4	3	3,8	4	5	5	3	4,3	4	4	4	3	3,8	3	4	5	5	4,3
SFPS20	A41	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0	3	1	4	3	2,8	1	4	2	3	2,5	1	4	3	5	3,3	4	5	3	5	4,3	4	3	3	3	3,3	3	1	3	2	2,3
SFPS21	A42	5	3	3	5	4,0	3	5	5	1	3,5	1	1	1	1	1,0	3	1	3	1	2,0	5	1	1	5	3,0	5	1	1	5	3,0	5	1	5	1	3,0	1	1	1	1	1,0
SFPS22	A43	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0	4	5	5	5	4,8	5	5	5	5	5,0	5	4	1	5	3,8	5	3	5	3	4,0	5	4	2	4	3,8	5	1	2	4	3,0
Total		4,6	4,6	4,1	4,6	4,5	3,8	4,5	4,2	3,3	3,9	3,2	2,9	3,5	3,8	3,3	3,2	3,4	3,1	3,5	3,3	3,7	3,0	3,3	4,4	3,6	3,9	3,6	3,7	4,0	3,8	3,5	2,9	3,0	3,1	3,1	2,8	2,9	3,0	3,3	3,0
SFPnS01	A29	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0	5	5	4	5	4,8	3	5	3	5	4,0	5	5	5	5	5,0	5	5	3	4	4,3	3	3	5	3	3,5
SFPnS02	A30	5	5	3	3	4,0	5	4	5	4	4,5	4	5	5	4	4,5	3	4	3	4	3,5	3	2	3	4	3,0	1	5	5	3	3,5	2	4	1	2	2,3	3	3	4	3	3,3
SFPnS03	A17	1	1	1	5	2,0	1	1	1	5	2,0	5	5	5	1	4,0	1	1	5	1	2,0	1	5	5	1	3,0	1	1	1	5	2,0	1	5	1	1	2,0	1	5	1	1	2,0
SFPnS04	A20	5	3	5	5	4,5	5	5	5	2	4,3	2	1	1	2	1,5	1	4	5	5	3,8	4	1	2	5	3,0	5	5	4	5	4,8	5	1	5	5	4,0	1	1	2	5	2,3
SFPnS05	A08	3	1	4	4	3,0	3	4	2	4	3,3	2	3	3	3	2,8	2	2	3	2	2,3	2	1	1	5	2,3	2	4	3	5	3,5	3	2	2	2	2,3	1	1	2	2	1,5
SFPnS06	A28	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0	3	5	4	4	4,0	5	4	4	2	3,8	5	5	3	4	4,3	5	5	5	5	5,0	3	4	3	3	3,3	3	3	5	3	3,5
SFPnS07	A26	3	4	5	4	4,0	5	3	5	4	4,3	5	5	5	5	5,0	4	5	5	5	4,8	4	2	5	5	4,0	4	5	5	5	4,8	5	5	5	5	5,0	4	4	5	4	4,3
SFPnS08	A16	5	5	5	5	5,0	1	5	5	4	3,8	3	1	5	4	3,3	1	5	4	5	3,8	2	3	4	5	3,5	5	4	1	5	3,8	5	2	5	5	4,3	3	1	5	3	3,0
SFPnS09	A27	5	5	4	1	3,8	5	1	5	5	4,0	1	5	5	5	4,0	5	5	1	5	4,0	4	5	5	5	4,8	5	5	5	1	4,0	5	5	5	5	5,0	5	1	1	5	3,0
SFPnS23	A44	3	4	5	4	4,0	3	4	5	5	4,3	3	3	4	4	3,5	3	5	4	4	4,0	2	2	4	5	3,3	1	4	4	4	3,3	2	2	4	3	2,8	2	1	3	5	2,8
SFPnS26	A47	5	1	5	5	4,0	5	3	5	5	4,5	3	1	5	3	3,0	1	3	1	1	1,5	5	5	1	5	4,0	5	5	1	5	3,0	5	1	1	1	2,0	1	1	1	1	1,0
SFPnS28	A49	5	3	5	4	4,3	2	3	5	5	3,8	5	5	5	5	5,0	1	1	5	5	3,0	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0	5	1	1	5	3,0	1	1	5	5	3,0
SFPnS37	A58	2	5	4	5	4,0	2	1	5	5	3,3	5	5	4	5	4,8	2	1	1	4	2,0	2	2	3	2	2,3	2	1	4	5	3,0	4	5	4	3	4,0	2	1	5	5	3,3
SFPnS44	A65	4	4	3	5	4,0	5	4	4	3	4,0	4	4	4	5	4,3	5	4	5	5	4,8	5	3	2	5	3,8	4	4	5	5	4,5	5	4	5	5	4,8	3	4	4	5	4,0
SFPnS45	A66	5	4	4	5	4,5	4	5	5	3	4,3	4	4	4	3	3,8	3	3	3	3	3,0	4	4	3	3	3,5	4	4	3	5	4,0	5	4	4	3	4,0	2	3	3	3	2,8
Total		4,4	3,9	4,2	4,4	4,1	3,8	3,9	4,4	4,0	4,0	3,4	3,6	4,1	3,9	3,9	3,1	3,6	3,4	3,7	3,4	3,4	3,1	3,2	4,4	3,6	3,7	3,9	3,7	4,1	3,9	3,9	3,2	3,3	3,4	3,5	2,4	2,3	3,4	3,5	2,9

LSB AGREEMENT																																									
REGULAR AGREEMENT																	REVERSE AGREEMENT																								
[- AUXILIAR]								[+AUXILIAR]									[- AUXILIAR]								[+ AUXILIAR]																
OBJ agr				NO agr				OBJ agr				NO agr					OBJ agr				NO agr				OBJ agr				NO agr												
SUJEITOS	Versão PPT	1	2	3	4	Media	5	6	7	8	Media	9	10	11	12	Media	13	14	15	16	Media	17	18	19	20	Media	21	22	23	24	Media	25	26	27	28	Media	29	30	31	32	Media
SFPnS10	A18	5	5	5	5	5,0	1	5	5	5	4,0	1	5	5	5	4,0	1	1	5	5	3,0	5	1	5	5	4,0	5	5	1	5	4,0	5	5	1	5	4,0	1	1	1	1	1,0
SFPnS11	A09	4	5	5	4	4,5	2	4	5	1	3,0	4	2	3	3	3,0	5	3	4	3	3,8	4	2	2	3	2,8	4	4	5	3	4,0	1	3	1	5	2,5	2	2	5	5	3,5
SFPnS12	A03	4	5	1	5	3,8	5	5	5	5	5,0	4	5	5	5	4,8	3	5	3	4	3,8	3	1	1	5	2,5	5	2	5	4	4,0	4	1	1	3	2,3	2	3	1	1	1,8
SFPnS13	A07	5	5	1	4	3,8	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0	5	3	5	5	4,5	5	5	4	5	4,8	3	5	4	5	4,3	5	5	5	5	5,0
SFPnS14	A04	3	5	5	5	4,5	4	5	5	4	4,5	2	4	5	2	3,3	3	1	1	3	2,0	4	5	3	2	3,5	3	2	1	4	2,5	2	3	1	2	2,0	5	1	2	4	3,0
SFPnS15	A12	5	5	5	2	4,3	5	5	5	5	5,0	5	2	5	3	3,8	5	5	5	5	5,0	5	3	5	5	4,5	3	5	3	4	3,8	5	5	3	5	4,5	1	4	5	5	3,8
SFPnS16	A14	2	2	2	2	2,0	2	2	2	3	2,3	4	2	4	4	3,5	2	2	3	2	2,3	2	2	2	4	2,5	2	4	2	4	3,0	2	2	1	4	2,3	2	2	2	2	2,0
SFPnS17	A13	3	3	5	1	3,0	3	1	5	3	3,0	2	5	5	5	4,3	2	5	1	3	2,8	4	2	5	5	4,0	5	3	4	4	4,0	3	2	5	5	3,8	5	2	5	4	4,0
SFPnS18	A01	5	5	5	5	5,0	1	1	5	5	3,0	1	1	5	5	3,0	5	1	1	1	2,0	1	1	5	5	3,0	5	5	1	5	4,0	5	1	1	1	2,0	1	5	5	5	4,0
SFPnS38	A59	5	5	5	5	5,0	5	5	5	4	4,8	3	4	4	5	4,0	3	5	3	3	3,5	5	2	3	4	3,5	5	5	5	5	5,0	4	4	3	3	3,5	3	2	2	3	2,5
SFPnS39	A60	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0	3	5	5	4	4,3	3	3	4	3	3,3	5	1	3	5	3,5	5	5	5	5	5,0	4	5	1	3	3,3	2	3	2	3	2,5
SFPnS40	A61	5	5	5	5	5,0	5	5	5	3	4,5	3	3	4	5	3,8	4	3	4	5	4,0	5	2	4	5	4,0	5	5	5	5	5,0	4	4	4	1	3,3	5	4	4	3	4,0
SFPnS41	A62	4	3	2	4	3,3	1	4	4	5	3,5	3	3	3	2	2,8	1	3	2	2	2,0	3	1	4	5	3,3	5	2	1	4	3,0	4	1	2	2	2,3	3	2	1	1	1,8
SFPnS42	A63	4	2	4	1	2,8	2	2	5	5	3,5	3	4	5	5	4,3	1	3	1	4	2,3	4	3	4	1	3,0	5	5	5	2	4,3	5	2	5	5	4,3	4	3	3	5	3,8
SFPnS43	A64	5	4	5	5	4,8	4	4	5	5	4,5	4	5	4	5	4,5	5	4	4	4	4,3	4	5	4	5	4,5	4	5	5	5	4,8	4	5	4	4	4,3	4	4	5	4	4,3
Total		4,1	3,9	4,1	4,1	4,1	3,6	3,8	4,7	4,3	4,0	3,5	3,9	4,6	4,3	3,9	3,3	3,7	3,7	4,0	3,3	4,1	3,3	3,9	4,8	3,5	4,5	4,7	4,2	4,9	4,1	4,5	4,0	3,6	4,3	3,2	3,5	3,4	4,2	4,4	3,1
SFPnS19	A34	4	5	5	4	4,5	4	4	5	5	4,5	5	3	5	5	4,5	4	5	2	5	4,0	3	3	1	2	2,3	5	4	5	3	4,3	5	2	1	1	2,3	4	5	5	5	4,8
SFPnS20	A36	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0	4	5	5	5	4,8	5	3	5	5	4,5	5	3	5	5	4,5	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0	1	5	4	5	3,8
SFPnS21	A33	5	5	5	1	4,0	3	2	5	5	3,8	1	5	5	5	4,0	5	5	1	5	4,0	4	1	1	4	2,5	1	5	5	1	3,0	5	4	5	5	4,8	5	5	5	5	5,0
SFPnS22	A25	4	3	4	3	3,5	3	3	5	3	3,5	3	3	4	4	3,5	3	4	3	3	3,3	4	3	4	4	3,8	3	4	3	3	3,3	4	3	2	3	3,0	1	1	1	3	1,5
SFPnS24	A45	5	5	5	3	4,5	3	2	5	3	3,3	4	4	5	4	4,3	4	3	4	4	3,8	5	4	2	5	4,0	4	4	4	5	4,3	4	4	5	5	4,5	2	4	4	5	3,8
SFPnS25	A46	4	3	5	5	4,3	5	3	3	4	3,8	5	5	5	5	5,0	5	5	4	5	4,8	4	4	4	4	4,0	3	4	4	3	3,5	5	5	5	5	5,0	5	5	3	1	3,5
SFPnS27	A48	5	3	5	5	4,5	5	1	5	2	3,3	2	5	3	3	3,3	4	1	2	5	3,0	4	2	4	5	3,8	5	5	5	5	5,0	4	4	2	4	3,5	1	4	3	4	3,0
SFPnS29	A50	5	5	5	2	4,3	4	3	5	2	3,5	3	2	5	5	3,8	2	3	2	5	3,0	3	3	5	5	4,0	2	5	5	1	3,3	5	5	1	5	4,0	5	2	1	5	3,3
SFPnS30	A51	2	1	2	1	1,5	3	3	4	4	3,5	4	3	1	3	2,8	5	4	2	4	3,8	2	1	5	2	2,5	2	5	5	1	3,3	2	2	2	2	2,0	3	1	3	3	2,5
SFPnS31	A52	5	4	5	2	4,0	2	2	5	4	3,3	4	4	5	4	4,3	5	3	1	3	3,0	5	4	4	3	4,0	4	5	1	4	3,5	4	2	5	3	3,5	2	2	1	3	2,0
SFPnS32	A53	5	5	5	5	5,0	4	3	5	4	4,0	1	1	1	4	1,8	3	5	1	3	3,0	1	1	3	5	2,5	5	5	5	3	4,5	4	3	1	1	2,3	1	3	2	1	1,8
SFPnS33	A54	4	5	5	5	4,8	4	5	5	5	4,8	5	5	5	5	5,0	4	4	5	5	4,5	5	4	5	5	4,8	5	5	5	5	5,0	4	5	5	5	4,8	5	5	5	5	5,0
SFPnS34	A55	5	5	5	5	5,0	5	3	5	3	4,0	2	1	5	2	2,5	2	5	1	5	3,3	5	5	5	5	5,0	5	5	5	5	5,0	5	5	1	5	4,0	3	1	5	1	2,5
SFPnS35	A56	3	2	4	5	3,5	3	3	5	5	4,0	5	4	5	5	4,8	4	3	4	4	3,8	1	2	3	4	2,5	2	3	2	4	2,8	5	4	5	5	4,8	4	3	5	4	4,0
SFPnS36	A57	1	2	5	1	2,3	1	1	5	2	2,3	2	5	5	5	4,3	5	5	3	5	4,5	3	4	2	3	3,0	3	5	4	4	4,0	4	2	1	4	2,8	4	2	1	2	2,3
Total		4,4	4,1	4,7	3,4	4,0	3,8	3,0	4,8	3,8	3,8	3,4	3,8	4,1	4,3	3,9	4,1	3,8	2,7	4,3	3,7	3,8	2,8	3,6	4,1	3,5	3,7	4,7	4,3	3,3	4,0	4,3	3,7	3,3	3,7	3,7	2,9	3,5	3,1	3,8	3,2

DADOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

SUJEITOS	Com quantos anos aprendeu Libras?	Onde aprendeu Libras?	Seus pais são surdos?	Irmãos surdos? Usuários de Libras?	Quanto tempo convive na comunidade Surda?	Onde nasceu?	Há quanto tempo mora no RJ?	Profissão	Formação
SFPS01	0	Pais	sim	sim, sim	5 anos	São Gonçalo	mora em SG	professor de Libras	Pós em Libras
SFPS02	0	pais	sim	sim, sim	desde criança	RJ	30 ANOS	professor de Libras	Letras-Libras
SFPS03	0	Pais	sim	sim, sim	desde criança	RJ	38 anos	professor de Libras	Mestre em Ling.
SFPS04	0	pais	sim	sim, não	desde criança	RJ	27 anos	Estudante	curs. Letras-Libras
SFPS05	0	família	pais, avós e primos	sim	desde criança	RJ	12 anos	professor de Libras	Letras-Libras
SFPS06	0	família	sim	sim, sim	desde criança	RJ	desde que nasceu	informática	Ensino Médio c.
SFPS07	0	família	sim	sim, sim	desde criança	RJ	37 anos	professor de Libras	Letras-Libras
SFPS08	2	Pais	sim	sim, sim	30	SP	3 anos	professor de Libras	curs. Letras-Libras
SFPS09	2	pais	sim	sim, sim	sim	niterói	desde que nasceu	aux. administrativo	ens. médio
SFPS10	3	Pais	sim	sim, sim	48	Belo Horizonte, MG	3 anos	professor de Libras	Letras-Libras
SFPS11	3	família	sim	sim, sim	30 anos	Niterói	35 anos	professor de Libras	Letras-Libras
SFPS12	3	família	mãe	sim, sim	desde 15 anos	RJ	desde que nasceu	professor de Libras	L-L e Pós-Grad.
SFPS13	4	família	sim	sim, sim	desde criança	BH- MG	16 anos	professor de Libras	Letras-Libras
SFPS16	2	escola	sim	não	10 anos	RJ	desde que nasceu	aux. Administrativo	ens. Médio
SFPS17	2	casa	sim	não	desde criança	RJ	27 anos	x. Departamento pess	superior cursando
SFPS18	5	meu pais	sim	sim, sim	15 anos	Espírito Santo	14 anos	instrutor de Libras	ens. médio
SFPS19	9	escola e fono	sim	dois, pouco	sim	RJ	18 anos	Matemática	ens. médio
SFPS20	3	família	sim	sim	30 anos	RJ	desde que nasceu	embalagem	ens. médio
SFPS21	3	família	sim	não, pouco	desde criança	RJ	desde que nasceu	professor de Libras	Letras-Libras
SFPS22	2	família	sim	sim	desde criança	RJ	desde que nasceu	professor de Libras	Letras-Libras
SFPnS01	2	UFRJ	não	sim, pouco.	20 anos	RJ	22 anos	professor de Libras	curs. Ped. Bilingue
SFPnS02	2	escola	não	sim, pouco.	30 anos	Nilópolis	sempre	professor de Libras	curs. Ped. Bilingue
SFPnS03	2	escola	não	sim, sim		RJ	25 anos	professor de Libras	Letras-Libras
SFPnS04	2,5	escola	não	não	25 anos	RJ	27 anos	aux. administrativo	curs. Letras-Libras
SFPnS05	2,5	escola	não	sim, sim	30 anos	RJ	desde que nasceu	professor de Libras	Letras-Libras
SFPnS06	4	escola	não	sim, sim	22 anos	RJ	27 ANOS	instrutor	ens. Médio
SFPnS07	4	escola	não	não	20 anos	niterói	20 anos	Estudante	curs. Ped. Bilingue
SFPnS08	4	escola	não	sim, pouco.	20 anos	Niterói	raramente	Estudante	curs. Ped. Bilingue
SFPnS09	4	familia	não	sim, não	26 anos	RJ	32 anos	aux. administrativo	Super. incompleto
SFPnS23	2	ines	não	sim, média	infancia	rio de janeiro	26 anos	tec. De TI	ens. Médio Técnico
SFPnS26	3	na escola	não	sim	23 anos	nilópolis	26 anos	desempregada	ens. Médio
SFPnS28	4	la de surdos (Anne Sul	não	sim, muito pouco	raramente	rio de janeiro	1 ano	Assist. Adm	curs. Ped. Bilingue
SFPnS37	4	escola municipal	não	sim, mais ou menos	12 anos	rio de janeiro	16 anos	Estudante	ensino médio
SFPnS44	4	escola	não	não	10 anos	RJ	20 anos	aux. administrativo	ens. Médio
SFPnS45	4	escola	não	sim, mais ou menos	34 anos	RJ	sempre	tec. ee TI	ens. Médio

SUJEITOS									
SFPnS10	5	escola	não	sim, não	varias vezes	São Paulo	13 anos	aux. administrativo	super. Completo
SFPnS11	5	escola	não	sim, não	10 anos	Duque de Caxias, RJ	5 anos	Estudante	curs. Ped. Bilingue
SFPnS12	6	escola	não	sim, pouco.	33 anos	Paraíba	33 anos	professor de Libras	curs. Letras-Libras
SFPnS13	6	escola	não	não	depende	RJ	15 anos	ATOR	curso superior
SFPnS14	6	Escola	não	não	faz tempo	MG	6 meses	Estudante	curs. Letras-Libras
SFPnS15	6	família	mãe DA	sim, pouco.	tem surdos na família	RJ	27 anos	professor de Libras	curs. Ped. Bilingue
SFPnS16	7	escola	não	sim, sim	15	RJ	26 Anos	Ass. Adm.	curs. Letras-Libras
SFPnS17	7	escola	não	sim, não	4 anos	RJ	24 anos	Entregador	ens. Médio
SFPnS18	7	escola	não	sim, não	25 anos	RJ	32 anos	Ass. Adm.	curs. Letras-Libras
SFPnS38	7	escola regular	não	não	mais de 20 anos	RJ	30 anos	Professora de Libras	super. Completo
SFPnS39	5	ines	não	sim, irmao surdo	15 anos	RJ	19 anos	Estudante	ens. Med. Compl;
SFPnS40	6	escola em Ipanema	não	um pouco	12 anos	RJ	38 anos	Tec. TI	super. Completo
SFPnS41	7	escola Inosel	não	sim, muito pouco	7 anos	RJ	desde que nasceu	Professora de Libras	super. Completo
SFPnS42	7	ines	não	não	20 anos	RJ	desde que nasceu	desempregado	ens. Med. Compl;
SFPnS43	7	escola particular	não	sim, sim	mais ou menos	Icaraí- Niteroi, RJ	26 anos	Motorista executivo	Tec. Adm
SFPnS19	8	Igreja-PA	não	sim	1 ano	Belém-PA	1 ano	Estudante	curs. Letras-Libras
SFPnS20	8	escola	não	não	15	Duque de Caxias, RJ	23 Anos	Estudante	curs. Ped. Bilingue
SFPnS21	8	escola	não	sm, não	muito tempo	RJ	não sei responder	design de comp.	ens. Med. Compl;
SFPnS22	9	escola	não	sim, sim	6 anos	RJ	não respondeu	Aux Adm	ens. Med. Compl;
SFPnS24	8	ESCOLA	NÃO	NÃO	13 ANOS	rj	30 anos	administração	ens. Med. Compl;
SFPnS25	8	ines	não	sim, sabem pouco	36 anos	RJ	44 anos	Professor	Pós-grad.
SFPnS27	9	escola	não	sim, pouco.	15 anos	vassouras	17 anos	adm./escritório	curs. Ped. Bilingue
SFPnS29	11	amigos/escola	não	sim, pouco.	muito tempo	RJ	34 anos	instrutora	ens. Med. Compl;
SFPnS30	9	ines	não	não	sim	RJ	sim	desempregado	curs. Letras-Libras
SFPnS31	11	Goiânia/Rio	não	não	sim	Mato grosso	sim	desempregado	curs. Letras-Libras
SFPnS32	11	escola	não	sim, não	11 anos	RJ	26 anos	professora	super. Completo
SFPnS33	9	escola	não	sim, não	desde pequena	São Gonçalo, RJ	42 anos	professora	super. Completo
SFPnS34	9	ines	não	sim	desde pequena	RJ	desde que nasceu	desempregado	ens. Médio
SFPnS35	10	ines	não	não	10 anos	Fortaleza	7 anos	desempregado	ens. Médio
SFPnS36	13	escola municipal	não	sim, não	6 anos	RJ	15 anos	desempregado	ens. Médio